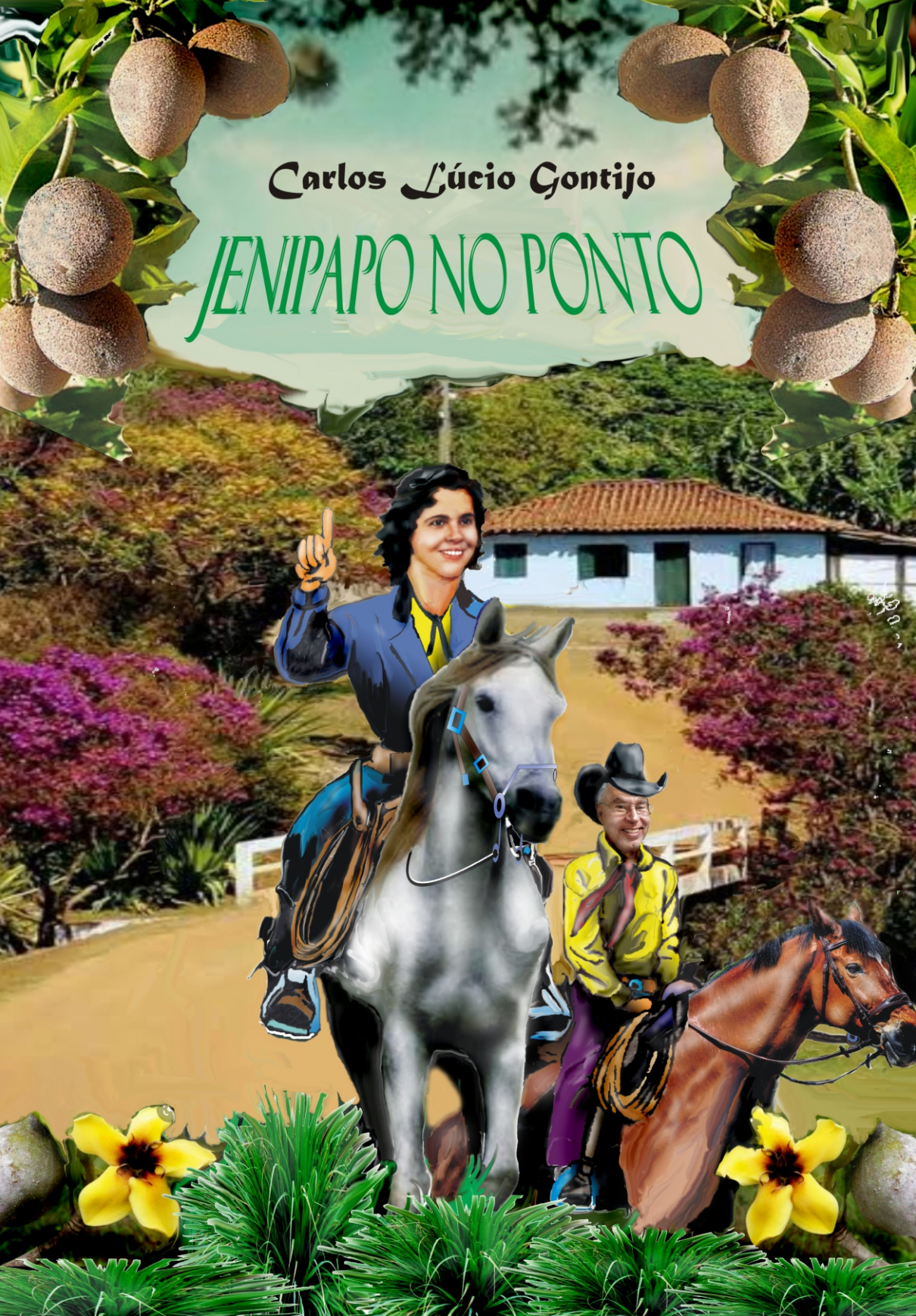


Carlos Lúcio Gontijo

JENIPAPO NO PONTO



O ROMANCE “JENIPAPO NO PONTO” É UMA EXALTAÇÃO À MULHER COMUM.

Em suas mãos, caro leitor, entregamos o 25º livro (JENIPAPO NO PONTO) de Carlos Lúcio Gontijo, no qual o autor aposta na tese de que todo ser humano carrega em si mesmo uma grande história, pois cada um de nós é um mundo em dimensão espiritual.

Há pessoas que não realizam feitos notórios, mas colocam tanto amor na edificação de pequenas coisas que se tornam fundamentais para o reino da sociedade humana – exponencialmente alicerçada em seus cidadãos comuns. No molde de vida delineado pela costureira e cabeleireira Bete, vemos a protagonista cavalgando os raios da dignidade e da visão igualitária de mundo, onde não há espaço para a prática do destrutivo exercício do preconceito e da intolerância.

Assim era Bete, mato-grossense de olhos úmidos como os alagados do Pantanal e que por onde passou cuidou de espargir sementes férteis – seja no chão árido ou no terreno baldio do coração atordoado das pessoas perdidas na solidão dos dias.



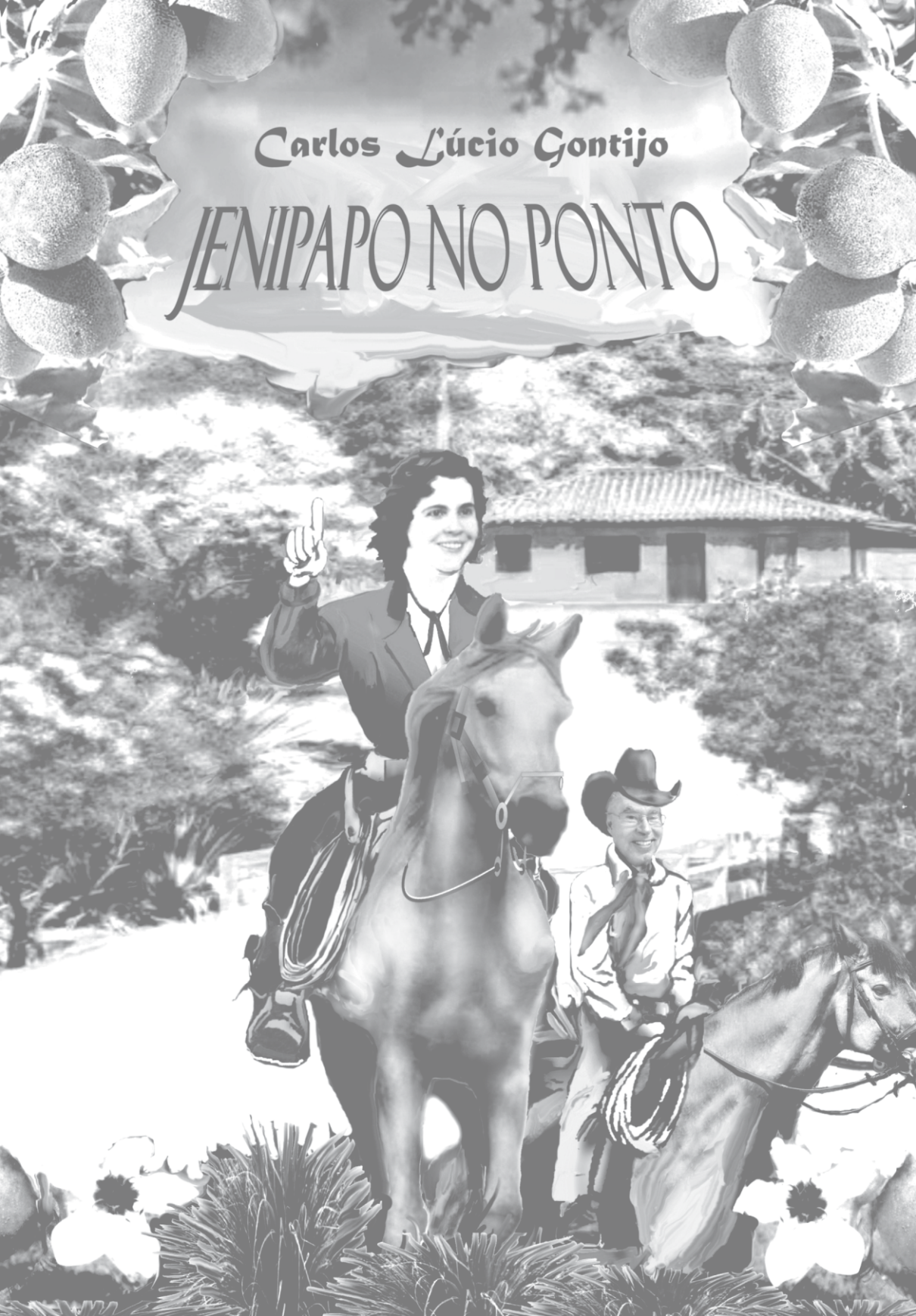
CLG
1977



perla facis sentis

Carlos Lúcio Gontijo

JENIPAPO NO PONTO



Copyright by CLG 2022
Rua Belchior Francisco, 67 Santo Antônio do Monte, MG – CEP 35560-000
www.carlosluciogontijo.jor.br / carlosluciogontijo@terra.com.br

DIAGRAMAÇÃO:

Júlio César Campos

CAPA E CONTRACAPA:

Valdeci Almeida

ILUSTRAÇÕES:

Valdeci Ameida, Vera Lúcia Gontijo,
e Sabrina Éllen Oliveira

REVISÃO:

Conceição Nina de Oliveira

IMPRESSÃO:

Del Rey Indústria Gráfica & Editora

As fotografias contidas nesta publicação são do acervo pessoal do autor ou cedidas por familiares e amigos, sendo proibido o uso destas para qualquer outro fim.

GONTIJO, Carlos Lúcio

Jenipapo no Ponto

Romance e poesia

1ª Edição – 2022 – 240 p. – il. color.

Santo Antônio do Monte – MG – Brasil

CLG
1977


Este romance é misto de ficção e realidade, unindo o que foi ao que deveria ter sido, verdadeira e expressamente, em torno da trajetória de vida da mato-grossense BETTY RODRIGUES GONTIJO, minha querida e saudosa mãe.

Carlos Lúcio Gontijo

Jenipapo no Ponto.

Mãe é eterna cavalgada
de carinho a nos embalar
as convulsões lacrimosas
no chão de nossa mente,
à procura de planície de
berço em meio à cheirosa
relva macia da compreensão
e da ternura.



Ilustração e diagramação: Valdeci Almeida

CERIMONIAL POÉTICO DE INTRODUÇÃO AO ROMANCE

(À minha mãe, Betty Rodrigues Gontijo)

A MÃE

Em berço de ferro não se levita
Como deter o choro da criança que me habita?
Como polir a prataria herdada
Se ela guarda a retina de mamãe?
Ofuscando o brilho por que trabalho
E eternizando minha condição de filho
Num refluir sem aviso nem atalho
Todavia em exaustiva constância
Marejando as lágrimas da minha infância

Ilustração: Sabrina Éllen de Oliveira



AROMA DE MÃE

Na minha casa serás tratado como rei
Achar-me-ás disposto a acordos raros
Jorrando-te em profusão as luzes que sei
Confessando-te minhas escuridões estelares
Veladas pelo lampião de risos claros
Que jamais entram naquela de chorar
Mesmo que a sentinela de uma lágrima
Insista em derramar-se do meu olhar
Por sobre a cidade grande em que moro
Contida no voo da paisagem de terraço
Soma de pedaços do Santo Antônio do Monte
Lembrança que mantém-me sob os sinos
De meninos que não morrem, apenas se perdem
Nos cantos da memória ou nos recantos do mundo
Na minha casa encontrar-me-ás profundo
Mais aberto que porta de bar de esquina
Servindo-te café e bebidas finas
Com a fé de sagradas hóstias pagãs
Especiarias temperadas nas manhãs do meu peito
Abençoadas pelo aroma de mãe que partiu
Verás que minha casa leva jeito de santuário
Uma espécie de mágico mar portuário
Onde as pessoas se achegam feito rio
Cheirando a puro suor de multidão
Passam pelo regaço da bateia dos sentimentos
Para se doarem à ceia do abraço amigo...


VENTRE DE FILHO

Saudade de minha mãe Betty
Horizonte que em mim se repete
Constantemente e todo dia
Semeando em mim a feliz fantasia
De ela chegar ao meu alpendre
E eu reconstruir brilho de ventre
Revivendo a alegria de ser filho...

BEIJO DE MÃE

Com as mãos ardendo em amor perfeito
O leito da terra minha mãe trabalhou
“Chôro” era um sítio semeado de riso inteiro
Aos cuidados de mamãe um verdadeiro jardim
Onde comovido percebo a maternal presença
Mesmo com o florido espaço sob outra direção
Revejo meus filhos correndo campo afora
E aflora em meu coração um pueril desejo
De que quem provar manga daquele chão
Da minha mãe possa sentir um leve beijo

ORFANDADE



Mãe, continuas o mesmo rio
Insinuas em mim amor divino
Eu, pequenino afluente
Contente sigo pro teu leito
Em busca de teus mimos
De repente não te acho
Sinto-me riacho em deserto
Não sabia tristeza mais triste
Tu partiste para o grande mar
Misturaste às luzes do infinito
Não estás, mas estás em tudo
Meus olhos ardem na procura
Percorrem em loucura as folhas da vida
Como se orvalho fossem, mantêm o brilho
Mesmo sob a certeza da evaporação
Na minha pele morena teu Mato Grosso
Filho, tu ainda tens mãe
É o estribilho da canção que ouço
Ergo-me com as forças de “coluna prestes”
Faço em mim a revolução de que falavas
Então eu creio, respiro profundamente
No ar cheiro de seio que me alimenta
Mãe, sinto-me menino novamente
Gosto de manga no céu da boca
(Tua fruta preferida)
Muito riso e pouca zanga...

Ilustração: Sabrina Éllen de Oliveira

ACALANTO DE ADULTO

Flores perfumando os canteiros no quintal
No varal um horizonte de roupa estendida
Como se fosse vida posta a clarear ao sol
Casa afora o cheiro de tempero da comida
Tudo que mamãe punha a mão virava semeio
Percebia-me cheio e completamente inteiro
Tão distante de me ver partido ao meio
Agora a recordação é meu colorido cativo
Carrego sonoridade de viveiro na mente
Cultivo em mim a divina luz materna
Mamãe é ternura de presença eterna
Contida na sombra intangível de seu vulto
Que acalanta criança no corpo de adulto...

TEMPO REI

Meus pés não encontram rastros no caminho
Minha rua não é mais cadinho de meus passos
Calçada nua que trocou paralelepípedo por asfalto
Na casa em que morei não há mais samambaias
Dando saias verdes ao alpendre que me recebia
Onde logo eu via o rosto redondo de minha mãe
A vida vai compondo gosto novo para as gerações
Porções de desgosto agora moram em mim
O tempo realmente é invencível rei
Tudo o que eu pensei um dia dominar ou saber
O tempo cuidou de me provar que nada sei!

COFRE DE MÃE

A angústia dos pais
Os ais da maternidade
Adolescente nada diz
Apenas sente a revolta
Num tempo em que tudo parte
Sai cedo e volta muito tarde
Arde na insônia o olhar da mãe
Que no sofá da sala sofre
À espera do toque na fechadura
Estoque de alegria guardado em cofre



Ilustração: Vera Lúcia Gontijo

CASA DE HERANÇA

Os olhos são o cio das luzes
Sem eles a claridade não teria razão
Nossa emoção espiritual é fio condutor
Calor que faz a prosopopeia dos objetos
Por isso, mãe, ao vender nossa casa
Foi como negociar meu berço
Cortar as asas de pássaro
Perder o terço de orações
Mãe, confesso que chorei
Molhei meu rosto feito nuvem de chuva
Abandonei paredes que erguemos com a mão
E o limoeiro, mãe, lá no meio do terreiro
Quando for de seca a estação
Quem vai adivinhar-lhe a sede?
Mãe, em outra rede a paisagem da janela
Nova sentinela para nossas coisas
Recordo uma vida de menos solidão
Quando antes desta minha viuvez de mãe
Até havia mais doce na acidez do limão!

HORÁRIO DE MÃE

Mãe é sempre luz no horizonte da gente
É clava quente que da dor não se esconde
Abrigada no escudo maternal segue adiante
Faz levantar se o filho é por acaso maltratado
Dá brilho de estrela às incertezas da vida
Mantém a mão estendida o tempo todo
Por saber que contratempo não marca hora
Implora por céu-de-brigadeiro para sua prole
E não há quem a console se o filho tarda chegar
Como se tivesse perdido o velho trem das onze!

Quem não sabe agradecer não
está preparado para receber.
Infelizmente, sempre é preciso perder,
para se aprender a guardar!

PREFÁCIO

*“Na história da humanidade
O que a memória guardou
E o que se chama passado
Na verdade é o que ficou”.*
Soares Flores

Como nota pessoal, podemos dizer, minha mãe (Dona Célia) e eu, que a generosidade de Carlos Lúcio Gontijo chega para nós como a projeção ampla do galho frondoso da grandiosa árvore familiar que vicejou em nossas vidas na figura de Dona Bete e Seu Zecarlos. Desde o encontro entre Bete e Célia no Hotel Belo Horizonte, encontro que parece ter sido urdido com o signo de um desiderato cósmico favorável, formou-se um vínculo que o tempo fez por solidificar em amizade, especialmente após o período em que passaram a residir em Santo Antônio do Monte. Ali, aquela árvore familiar estendeu raízes e ramos para abrigar amigos a mancheias. De nossa parte, cabe-nos celebrar a dádiva de haver compartilhado os deliciosos momentos propiciados por aquela convivência deleitosa e enriquecedora. Ainda criança, lembro-me das visitas frequentes que minha mãe Célia fazia a Dona Bete e me levava junto. Era uma alegria ver as duas conversando, rindo, fazendo quitandas e doces. Ainda mais que sempre sobrava uma provinha para mim.

Qual seria mesmo o ponto de jenipapo? A jornada de Bete, que vem a ser uma das linhas-mestras do desenrolar do romance “Jenipapo no Ponto”, apenas nos introduz no mistério desta arte preparatória do licor.

O senso comum nos diz que, para obter as melhores virtudes do fruto, há um momento definido de apanha, quando ele já desenvolveu a madureza ideal esperada e está apto a conferir à bebida almejada sabor e aroma, essência inebriante de saporiedade de vida.

Como obra de maturidade, “Jenipapo do Ponto” pode se

dar ao luxo de apresentar uma perspectiva edificante do drama crucial de périplo humano usando como recurso expressivo uma retrospectiva bem pessoal, que passa ao largo do formalismo autobiográfico para ser portadora de toda a carga de emoções e valores verdadeiros que moldaram a trajetória existencial de Carlos Lúcio Gontijo, fazendo-se relevante a influência da origem materna do interior mato-grossense, encarnada em Bete, em casamento com a paterna mineira, personificada em Zecarlos. Mas, no transcurso da retrospectiva, nós, leitores, vamos “reconhecendo” o caráter universal dessas emoções e valores, mesmo quando professados por heróis singelos e insólitos (singular) que, assim como povoam a aldeia mítica do autor, habitam também o abscôndito que serve de lar aos nossos melhores sentimentos e aos nossos mais puros anelos.

Daí o efeito cativante que a leitura de “Jenipapo no Ponto” há de provar naqueles que se aventurarem por suas páginas, pois mais do que nunca o escritor maduro domina esta habilidade de prender a nossa atenção, conforme nos confessa o outro Carlos (Carlos Drummond de Andrade), cedendo à constatação de que, se isso se deu, foi por que este Carlos “soube dar o recado”.

Sim, aqui se vê que o autor está naquele ponto de excelência que só os abnegados alcançam para nos dar o seu melhor recado. É certo que a maturidade traz consigo reflexos e sombras, semblantes de rugas e cicatrizes de dores. Como escritor comprometido, Carlos Lúcio Gontijo nos instrui tanto na beleza dos gestos simples como na grandeza do sofrimento.

“Jenipapo no Ponto” revela um sujeito, poeta e escritor, no estágio próprio daqueles que se sobem numa quadra elevada da existência podem contemplar dali o seu amplo cenário com um olhar pacífico e despojado, porém solitário e generoso.

Ronaldo Lacerda Souto e Célia Lacerda Souto

(*) Ele, primo e ela, tia-avó do autor.

ROMANCE EM FORMA DE PROSA POÉTICA E FILOSOFIA

Carlos Lúcio Gontijo é escritor por vocação e seu talento supera o de muitos que se destacam nos meios culturais! As suas investidas na arte do escrever são perfeitas e seus trabalhos trazem o necessário conteúdo intelectual, capaz de atrair inúmeros leitores competentes e que, efetivamente, apreciem a boa literatura.

A sua dosagem poética, ao desempenho de um contexto em prosa, encanta a qualquer sensibilidade. Seus textos são recheados de constatações e exemplos filosóficos que despertam a atenção e o interesse dos bons leitores, que se pautam em suas palavras fortes e muito bem orientadas, nas tramas de um enredo realístico, sublimado ao ficcional, na instalação do espanto que esse antagonismo nos causa!

A leitura do seu romance "Jenipapo no Ponto", em que a saga da sua família se faz registrada, chama-nos atenção especial a figura da personagem-destaque, revelando-nos a trajetória heroica de sua Mãe – mulher delicada e transitando pelos altos e baixos de uma vida muito bem vivida.

Portanto, Carlos Lúcio, trago em mim a convicção de que todos os bons leitores saberão apreciar os seus escritos e, claro, debruçar-se-ão também sobre este "Jenipapo no Ponto", do qual extrairão o saboroso licor de suas palavras!

Gabriel Bicalho
Poeta (Mariana-MG)

Falar de D. Bete é:

*Café da Manhã
Chá das Cinco
niver de Criança
Um dia de Beleza
Outro dia de Artes
Uma Casa uma Família
Um jeito de Ser
O próprio Lazer
Um Cheiro de Tinta Fresca
O Aroma de Mãe
EUREKA!
Descortina D. Bete
Achei, e Reçordei!*

*Café da Manhã
Do Dia 18-11-09
Quarta-feira*

*Manhã ensolarada, quente pra danar!
Como as de outrora no verão
Ainda esfregando os olhos para acordar
Deparo ante o pão ao comprar
Na caixa do correio uma surpresa aconchegar
A mando de seu filho exemplar me alegrar
D. Bete, com a neta acariciar!*

*Vejo junto ao pão de cada dia, ajudar saborear,
Ao vê-la, senti forte emoção,
Pois, já ia me esquecendo sua feição!
O primeiro pedido que fiz a Deus
Abençoe o nosso café da manhã!
Proteja e conserve a nossa amizade
Junto à família de D. Bete de coração!*

*Tardes de sábados num só diapasão
Ritmo acelerado, encantado e muita alegria,
Era só atravessar a rua, lá estava eu ao seu redor!
Esperando-a para meu cabelo cortar e pentear,
O vestido de passeio experimentar
Com bolero, laços e fitas, flores de pano... Estampar
Pra ficar bonita, ir à missa rezar!
Ainda me recordo bem!
Que saudades bem lembradas!*

Da Rua Marechal Deodoro

Ai! D. Bete!

*Quem aqui morre, fica no nosso coração,
Mas, quem vai, nasce na eterna imensidão!*

*Sempre, na matina ou vespertino,
O chá de ervas, especial de nossa mestra
Tinha cara de quitandas mineiras
Os bolinhos que viram por si
Com açúcar e canela, eu muito os comi!
Biscoitos fritos, bolos e doces.*

Qualidades e quantidades infndas, nos aniversários que aí vivi!

Saudades!

Com Lúcio, Vera, amiguinhos e seus pais.

Saudades da Rua Sebastião Gontijo!

*Crochê, Tricô, bordados a máquina, renda turca e algo mais,
se falar tudo o papel não dá!*

Vou parando por aqui para o meu tempo conciliar!

Você se lembra, Lúcio?

Para você se lembrar do que você não se lembra,

Recordar é Viver

Um grande abraço afetuoso a essa família encantadora!

Carlos Lúcio e Nina, Lucas, Amanda e Luara Nina.

Ana Maria Mesquita Batista

Todos os seres humanos, indistintamente, trazem em si um afortunado e saboroso néctar.

Assim, como se fossem frutos, serão colhidos em algum momento, para se juntarem ao licor de luzes que alumia e inebria a eternidade das muitas moradas do Criador.



Ilustração: Valdeci Almeida

A DOR É O COLÍRIO DE LUZ DO APRENDIZADO. Toda história, ainda que ficção, se encontra incrustada em alguma nuvem de poeira cósmica do espaço sideral, à espera de ser fisgada pelo anzol de mente sensível o bastante para tal miraculosa façanha.

Dos gestos aos objetos, tudo é talhado por alguma filosofia. Uma história pode ou não ter acontecido de fato, assim como uma vida pode ou não ter existido em toda a sua devida exuberância.

Quando se narra uma história descrevem-se horizontes geográficos, físicos e psicológicos. Então o acontecido que não gera luz (nem aprendizado) é como se não houvesse existido: passa em brancas nuvens, à maneira da vida que levou.

A impressão de “*déjàvu*”, o sentimento de já se ter vivido determinada situação é muito comum, pois a alma tem visão privilegiada e antecipada dos acontecimentos e, em muitos casos, o cérebro humano capta a antevisão espiritual.

Sabidamente, o Criador não negou ao espírito encarnado a premonição, pois se assim o fizesse ele encrustar-se-ia de tal forma à condição físico-material a ponto de não poder retornar ao sublime mundo das luzes benfazejas.

Não alcançamos a glória de assistir o momento derradeiro de coisa alguma. Sequer temos a oportunidade do último suspiro. Tudo é reflexo do ontem, do que já aconteceu e experimentou o seu final.

A vez derradeira pertence aos mistérios do espírito, apenas nos lembramos do tremular esvaziado daquilo que um dia foi e existiu sob a luz do sol de cada dia de nossa existência terrena.

O menino não se lembra da última vez que jogou bola no campinho da rua ou na quadra da escola com os amigos; assim como a menina não se recorda da última vez que ninou a sua boneca preferida...

Tentamos até quebrar a saga com fotos e filmagens, todavia jamais alcançamos a imagem exata da germinação ou extirpação da matéria. Até mesmo o sentimento, sobre o qual pensamos ter algum frágil domínio, costuma evaporar-se à luz da manhã, ao toque de nossas mãos inseguras.

Dessa maneira, no tempo em que o jenipapo estava pronto para ser colhido, tudo parecia verdadeiro e os fatos ocorreram conforme o narrado neste livro, mas talvez o que se observou à época pode ter sido mera ilusão, resultado de visão turva ou mente neblinada e até comprometida pelo licor de jenipapo servido à mesa.

Bete sorria para a vida, apesar de ter perdido a mãe Francisca aos sete anos e aos nove exercer o papel de dona de casa mirim, mesmo tendo irmãos mais velhos do primeiro casamento do Joaquim Alcides, fazendeiro e pastor protestante, de gênio duro como os mourões da cerca de sua terra.

A morena Bete era tida como a filha preferida do pai. No

álbum de família tinha a sua foto acompanhada da data de seu nascimento, 11 de março de 1924. Sua mãe Francisca era natural de Palmeiras, estado de Goiás, e o pai (Joaquim) havia nascido em Pernambuco. Ainda menina, tinha orgulho de ter sido a primeira criança a nascer em Guiratinga, juntamente com outra bebê chamada Jovelina.

Sua Guiratinga, à época, não passava de povoado – uma clareira em meio à floresta – situado a 94 Km de Rondonópolis e a 332 Km de Cuiabá. Mas o tamanho não lhe importava, pois além de não conhecer qualquer outro lugar, Bete encharcava a alma com a beleza daquele verde sem fim.

Guiratinga é nome de origem tupi, significando garça branca, que alava os voos da menina Bete, que não teve tempo para viver sua infância, uma vez que logo após a morte da mãe o pai Joaquim cuidou de arranjar nova esposa, que não demorou engravidar-se.

A natureza esplendorosa funcionava como refrigerio para ela e a irmã Diva, que como ela era filha de Francisca. Bete era irmã por parte de pai do restante da meninada. Se uma coisa de que seu pai Joaquim entendia era pôr filhos no mundo.

Quando a primeira mulher (Nora) morreu em 1918, ceifada pela gripe espanhola, pandemia que se iniciou nos Estados Unidos naquele ano e se alastrou mundo afora durante dois longos e infaustos anos, Joaquim andou “distribuindo” filhos e filhas pelos caminhos que trilhou. Até no Piauí, onde tentou arrumar-se na vida, ele deixou a filha mais velha de nome Otacília, que ficou aos cuidados de família residente em Floriano.

Joaquim não suportou a viuvez por muito tempo. No ano seguinte se casou com Francisca, uma jovem e bela mulher com raízes familiares indígenas, com quem teve duas filhas – Bete e Diva.

Aos 18 meses de casada, Francisca sofreu forte malária e esteve à beira da morte, demorando a se recuperar. Talvez por isso, tenha-se engravidado somente cinco anos depois de casada. Primeiro nasceu Bete em 1924 e, logo em seguida, Diva em 1925: Francisca brincava que foi para tirar o atraso.

Pode-se dizer que, quando nasceu, Bete deu sorte, pois

seu pai estava estabelecido e já não lhe cabiam os desatinos da juventude. Não fosse isto, ela e sua irmã Diva estariam em apuros, pois a mãe Francisca morreu cedo, em 1931, devido a problemas coronários, que os médicos diagnosticaram como possível sequela da malária, que é uma doença infecciosa febril aguda causada por protozoários transmitidos pela fêmea infectada do mosquito Anopheles, podendo ter evolução rápida e ser bastante grave, como se deu com Francisca, mulher jovem e saudável, que naquela época de poucos recursos médicos nunca mais foi a mesma pessoa depois de ter passado pela doença.

Outra vez, Joaquim não se fez de rogado e não demorou a encontrar a terceira companheira matrimonial. A moça se chamava Hermínia e, como sempre, bastante jovem, em conformidade com o gosto do fazendeiro e pastor protestante – um senhor maduro e bem apessoado, que tinha na companhia de mulher nova ao seu lado uma espécie de demonstração e extensão de seu pretenso poder.

A menina Bete experimentava uma difícil convivência com a madrastra e somente encontrava alívio nas imensidões alinhavadas pelas mãos de Deus no cerrado, na floresta e no pantanal, cada um deles apresentando pinceladas divinas de flora e fauna.

Bete adquiriu na proximidade espontânea com a natureza o gosto por animais e plantas, uma característica que lhe moldou a alma e até mesmo o trato com as pessoas, pois quem ama a natureza tem por princípio respeitar todo o ser vivo – estendendo esse amor a seus semelhantes.

À porta de sua casa transitavam as emas, seriemas, tucanos, gaviões, urubus-reis. Bem perto, no rio Garças, jacarés e ariranhas se banhavam, enquanto macacos-prego saltitavam nas árvores, jaguatiricas e onças-pintadas, camufladas entre as folhagens, a tudo espreitavam.

Muito respeitado no lugar, o fazendeiro Joaquim Alcides mantinha fraterna amizade com os índios, que vez por outra iam até a sua casa – quase sempre para pedir alguma coisa: desde alimento até cachaça, que sabiam existir no alambique da fazenda, que tinha fama de boa produtora etílica na região.

Por ostentar selva fechada, com predominância de árvores de grande porte, desde aquele tempo o extrativismo enchia a natureza de cicatrizes, para azar dos povos indígenas (guaranis, apiaçás, ipurinos, terenas, mundurucus, parecis etc.).

Num ambiente assim, o ser humano se sente com os pés enraizados no chão; é como se cada pessoa fosse uma árvore, que é tão sagrada que o machado padece a sina de sempre lhe desferir a machadada de frente, pois uma árvore não tem costas e nunca está de lado – independentemente do ângulo em que é atingida, ela está destemidamente de frente, olhando nos olhos do agressor.

O pastor protestante sabia como ninguém explorar a visão matuta de mundo da gente do lugar. Na semana de recordação da data de morte de sua primeira esposa (Nora), Joaquim gostava de falar sobre a fragilidade humana, lembrando-se da pandemia da gripe espanhola: “Meus irmãos, a verdade é que nada somos no campo físico de nossa existência humana, prodígio constituído de um conjunto de ossos revestido de carne e pele! Nosso corpo é frágil e está à mercê de qualquer vírus; a mais simples e comum das moléstias pode nos tirar a vida, mediante alguma complicação imprevisível.

Devemos aceitar a ciência e os avanços da medicina como intervenção divina à nossa disposição. Muitas vezes imploramos por um milagre e ele está aí à nossa frente – pronto e acabado, como a natureza que nos cerca.

O flagelo da gripe espanhola zombou desabridamente da pretensa fortaleza humana. Vocês já ouviram falar no Rio de Janeiro. Claro que sim, é a nossa capital. Pois bem, no transcorrer da gripe espanhola, a polícia do Rio saía às ruas capturando os cidadãos mais robustos, forçando-os a abrir covas sob a alegação de que os coveiros (em sua maioria) estavam acamados ou mortos e havia grande número de cadáveres à espera de sepultamento”.

Ao final, para amenizar a pregação sobre a débil conformação física que serve de morada ao espírito que habita cada um de nós, o pastor Joaquim brincava:

“Todavia, meus amados irmãos, não existe mal do qual

não possamos extrair algo de bom. Foi devido à calamidade da gripe espanhola, que se criou a Caipirinha, que se originou do fato de a população de São Paulo, em desespero diante da falta de medicação farmacológica capaz de combater o mal, recorreu a um remédio caseiro à base de cachaça com limão e mel – estava assim inventada a Caipirinha, num milagre similar à transformação da água em vinho por Jesus Cristo”.

O CULTO E OS SAGRIFÍCIOS QUE SE DIRIGIAM AOS CÉUS ANTES DE JESUS CRISTO revelaram-se, sob os ensinamentos cristãos, uma oferenda aos demônios expulsos mais tarde por Jesus. O inacreditável precisa acontecer para existir, assim como as bruxas e assombrações sobre as quais pairam dúvidas até que um dia aparecem em meio à escuridão. Dizem que não devemos acreditar tanto no destino quanto no poder exercido pelas estrelas sobre as ações humanas, porém todos nós precisamos de crenças para sobreviver às vicissitudes da vida e conter nossa fúria animalesca.

Talvez cair em si seja estar fora de si, caminhando em outra margem de um mesmo caminho traçado paralelamente em espaços diferentes, porém concomitantes. A eternidade pode muito bem residir na duplicidade de corpos habitados por um mesmo espírito, coexistindo em morte e vida incessantemente experimentadas.

Há uma grande possibilidade de a eternidade ser então um átomo dividido em dois caminhos, correndo um núcleo de luz entre eles, como se fosse um rio, uma fonte de energia a alimentar passos em dois mundos paralelos. É na força motriz do espírito existente em cada um de nós que mora o foro íntimo da verdade, premissa que levou Santo Agostinho à construção da sentença: “Conhece-te a ti mesmo”. Temos em nós a certeza nata de que é nos dirigindo à outra margem de nós mesmos que içaremos as verdades mais sublimes – originárias do imanente aprendizado acumulado pelas vivências do nosso espírito, em suas andanças pelas margens do átomo da existência eterna.

Apesar de ter casa em Guiratinga, Bete e os demais integrantes da família ficavam mais era na fazenda “Ninho da Garça”, a pouquíssimos quilômetros. Em meio àquela imensidão de verde, a menina se sentia protegida pela sensação da presença luzidia de sua mãe Francisca. Tangida a cumprir obrigações domésticas, aprendeu a cozinhar e, aos 12 anos, era apontada pela família como especialista em preparar todo tipo de carne.

Não importava o bicho, nas mãos de Bete toda carne se transformava em iguaria dos deuses.

Se havia coisa de que Bete gostava era de ir à casa da avó Antônia, mãe de seu pai. Todos os dias, assim que servia o almoço aos irmãos e à madrastra Hermínia, ela corria para a casa da avó, que foi responsável por sua alfabetização. Um feito admirável naquele tempo, em que escola era uma raridade, principalmente se levando em conta que Guiratinga era pequeno povoado encastelado mato adentro.

Antônia bem que tentou ensinar piano à neta Bete, mas a menina não tinha dom pra coisa; até para cantar ela saía do tom. Entretanto, Bete não abria mão de assistir a avó ao piano, tocando clássicos e músicas folclóricas, às quais cantarolava baixinho: “Bate o baú na tabela e o facão na costela”.

Arqueada pela repetição de primaveras, Antônia contava 105 anos, mas ainda andava e tomava conta de sua pequena casa, que ficava bem próxima à sede da fazenda. Lúcida e em plena harmonia com a vida, feito o som que arrancava de seu piano.

Bete andava cada vez mais assídua em suas idas à casa da avó querida, pois ouviu o pai falar que, quando tivesse uma folga em seus afazeres, levaria a mãe a médico em Rondonópolis, para verificar a causa da falta de ar e dor no peito, sintomas dos quais a inquieta Antônia tanto reclamava.

Se o trabalho era demasiado, se a diversão de criança lhe era negada, Bete tinha ao seu redor sonoridade para dar e vender: todos os dias ao som do piano da avó juntava a música da floresta, trazendo-lhe à lembrança a repetida fala de sua mãe: – “Escuta Bete, é a orquestra de Deus!”

Chegou então o dia em que Joaquim Alcides arrumou espaço em sua agenda de fazendeiro e pastor para levar a mãe até Rondonópolis, acompanhado pela esposa Hermínia e duas filhas. Como sempre acontecia nessas ocasiões, Bete ficava encarregada de tomar conta da casa e dos irmãos, inclusive de providenciar a comida da turma que ajudava no duro trabalho na roça, envolvendo lavoura e gado. A irmã Diva ficava um pouco enciumada, mas não sofria com a situação, pois não ostentava o

dom de liderança e nem gostava muito do batente. A incumbência dela era manter a casa limpa e arrumar a cozinha, depois de a irmã Bete fazer e servir o almoço.

Como a promessa do pai era voltar à fazenda no dia seguinte, Bete não estava preocupada. Naquele dia, quando o pai, a esposa Hermínia com duas filhas e a avó Antônia partiram rumo à cidade de Rondonópolis, tudo correu às mil maravilhas. Porém, no dia seguinte, em momento que os irmãos mais velhos labutavam na lida da roça e apenas ela e Diva estavam na sede, foram chegando uns 10, 12 índios, aos quais ela desconhecia; não imaginava nem de que tribo eles eram.

Diva logo correu e se trancou num quarto e Bete sozinha diante daqueles indígenas sem saber o que fazer. Ofereceu-lhes arroz, uma galinha, uma cabra... e nada! Então se lembrou da cachaça e lhes franqueou o alambique, pois bem sabia o quanto eles apreciavam a bebida.

A iniciativa se mostrou acertada – mais ou menos –, porque à medida que o tempo passava os índios foram ficando cada vez mais bêbados: cantavam, riam e gritavam, até se silenciarem escornados pelos cantos do espaço reservado ao alambique.

À tardinha, quando o pai retornou de Rondonópolis, encontrou a filha ardendo em aflição. Joaquim ouviu o relato mais ou menos e se dirigiu ao alambique, conseguindo rapidamente desatar o nó etílico – os índios, ainda cambaleantes, tomaram rumo.

Joaquim, num primeiro momento, ficou muito bravo com a atitude de Bete, para em seguida desatar a rir sem parar: – Só você mesmo Bete para ter uma ideia desta! Era preciso fazer alguma coisa e você tomou alguma providência, mas saiba que você e sua irmã Diva correram um grande risco. Os índios, devido ao consumo de bebida alcoólica, podiam ter se tornado violentos – e só Deus sabe o que disto poderia advir!

Esperta, Bete procurou logo desviar o assunto perguntando: – Mas cadê a vovó?

– Sua avó ficou na casa de Manoela, irmã de Hermínia. São muitos os exames a ser feitos e nós achamos melhor retorna-

mos, pois não é seguro nos afastarmos daqui por muitos dias. Haja vista o problema que acabou de acontecer com a presença desses índios, aos quais não conhecia. Não são maus, mas como qualquer ser humano poderiam agir de maneira inesperada, ao perceber que você e Diva estavam sozinhas na sede da fazenda.

Em silêncio Bete ouviu o pai Joaquim, enquanto sua mente se revestia de asas e, como garça branca, voava ao encontro da querida avó Antônia. Dessa maneira, com o coração tomado pelas chamas da saudade, pegou a chave, foi até a casa da avó e abriu portas e janelas para a claridade entrar enquanto dava uma limpeza. Ao terminar, sentou-se ao piano e, com os olhos fechados pôs as mãos sobre os teclados; da floresta vinha o som da passarada, ouviu o piano tocar e sentiu o cheiro da avó exalando casa a fora, como se tivesse saído de si e estivesse caminhando em outra margem, onde todos são luzes e os encontros são permanentes.



Ilustração: Valdeci Almeida

AO NASCER, TODO SER HUMANO RECEBE DOS CÉUS O SOPRO DO ESPÍRITO, dando leveza ao seu corpo para que seus joelhos e pés suportem o peso da carne. Antônia, idosa de alma pautada em música, ficou por 15 dias em Rondonópolis, pois o médico solicitou vários exames laboratoriais, que podiam ser feitos somente em Cuiabá. Desejosa de obter respostas e medicação o mais rapidamente possível, a velha senhora preferiu ficar aguardando pelos resultados, porque para ela o deslocamento até Guiratinga era um grande sacrifício: feito de charrete (tipo carruagem) puxada a cavalo, numa estrada toda esburacada – parecia mais uma trilha.

Na fazenda Ninho da Garça, Bete estava toda desinquieta com o pensamento em brasas de tanta preocupação com a avó Antônia, que era uma espécie de bálsamo em sua vida. Todavia,

eis que chegou o dia de retorno da avó, que veio gentilmente acompanhada por Manoela e toda cheia de recomendações médicas e remédios na mala.

Mergulhado na aflição com a saúde da mãe, Joaquim propôs que Bete passasse praticamente a morar na casa da avó. Claro que a ideia foi logo aceita pela menina, que via na mudança a oportunidade de se livrar da madrasta Hermínia, que era carne de pescoço em sua vida. Nem se incomodou de ainda ficar responsável pelo almoço até Diva aprender os mistérios da cozinha.

Em trinta dias, Diva ficou craque em assunto culinário, pois foi absorvida pela ansiedade de aprender e tinha na irmã Bete uma professora renitente, disposta a repetir a lição quantas vezes fosse preciso, uma vez que tinha em mente se livrar logo da função e ficar à disposição apenas da avó.

No período das aulas de culinária, novelo de fatos foi se desenrolando: a avó passou a sofrer espaçados e fortuitos momentos de taquicardia, o que exigia a presença de companhia constante, o que aborrecia bastante a velha senhora, que era muito independente. Naquela quadra de tempo, um médico recém-formado de nome Fernando fincou residência em Guiratinga, por ter se casado com moça da região e apresentar-se disposto a exercer seu conhecimento médico em prol de gente abandonada pelo sistema de saúde do país.

O idealista Fernando era clínico-geral e poderia muito bem cuidar de Antônia, que na realidade sofria de mal sem cura, advindo do desgaste do corpo exposto à ação da ventania dos anos – que molda as pedras nas montanhas e, também, a face humana.

Joaquim não pensou duas vezes! Foi à casa da mãe e, com a filha Bete do lado, disse sem pestanejar, apesar dos olhos umedecidos: – Olha mãe, Guiratinga agora tem um médico e a senhora se sentirá muito mais assistida e segura se for morar por lá, onde temos casa mobiliada e que vive fechada. A Bete irá acompanhá-la...

– Mas e o meu piano, Joaquim! Eu não vivo sem ele. – Entrecortou Antônia, que não relutou contra a ideia. Lúcida, com-

preendia muito bem que faz parte de nossa existência as mudanças e as perdas. Ninguém consegue caminhar neste mundo arrastando tudo o que vai acumulando vida afora. Chega sempre o momento cediço.

Bete se entregou a sentimentos múltiplos, pois se de um lado embebia em intenso contentamento, de outro seu peito doía por distanciar-se, ainda que poucas léguas, da fazenda Ninho da Garça e, principalmente, por perder o convívio cotidiano com Diva, sua única irmã por parte de mãe e pai – Francisca e Joaquim.

Enfim, mesmo com tristeza e choro, porque assim acontecem as separações entre entes de família, Antônia e Bete partiram rumo à construção de nova rotina na pequena Guiratinga, que ficava ali pertinho, numa distância que, segundo brincavam na fazenda, podia ser medida pelo pescoço da égua Sonora, que ganhou o nome pelo seu cavalgar macio e ritmado.

Já em Guiratinga, nem bem instalado o piano, Antônia se pôs a tocar; sem sequer se incomodar com a arrumação da casa por Bete, que limpava os móveis e varria – muitas vezes dançando com a vassoura, acompanhando o som musical do piano bem tocado.

Não demorou muito e logo estava estabelecida toda uma rotina: o horário dos remédios, a ida à padaria, ao armazém, a visita ao médico Fernando de quinze em quinze dias. Bete queria que o médico fosse fazer o atendimento em domicílio, mas Antônia não quis, alegando que era uma oportunidade para ela sair de casa. O consultório ficava a um quarteirão da casa em que moravam, mas ainda assim Antônia se aprontava toda. Vaidosamente, até se maquiava.

Aconselhada pela avó, Bete se matriculou num curso de costura e bordado, ocorrência que lhe deu a oportunidade de conhecer muitas pessoas e fazer amizades. A vida dura de Bete estimulou a menina biológica e fisicamente, dando à bela morena de olhos negros a altura e o corpo de mulher. Por isso, a avó a todo o instante a aconselhava, alertando-a sobre o amor e até falando sobre sexo e sexualidade.

A grande realidade é que Antônia, mais que antes, pas-

sou a exercer o papel de mãe e, ao mesmo tempo, Bete reforçou o sentimento de ter uma avó-mãe. Nessa intensa convivência lastreada por enorme afeto, a avó teve a oportunidade de manter longas conversas com a neta, revelando-lhe a sua bem-sucedida carreira de pianista, com apresentações até em concertos nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro.

Antônia morou muitos anos em Cuiabá, dando aula de música e tocando na orquestra municipal da cidade, levando uma vida de musicista e até compondo. Como era hábito comum entre os mais velhos, Antônia, além de deter muita informação sobre o folclore mato-grossense, era mestre em casos de assombração que, para matar o tempo, à espera de o sono chegar, gostava de contar à neta, para depois tocar um pouco de piano enquanto a menina-moça preparava o leito, com a casa sob a luz cambiante de lamparinas e lampiões.

– Olha minha neta, um dia você ainda vai morar em Cuiabá. Tenho absoluta certeza disto, pois você é moça ativa e, mais dia menos dia, desejará respirar os ares da metrópole cuiabana. Posso lhe garantir que, quando morava naquelas paragens, ouvi muitas histórias e lendas populares, que se não acreditei também até hoje não ponho a minha mão no fogo e, cabalmente, não duvido, pois nossa vã filosofia não consegue vislumbrar os segredos existentes entre o céu e a terra. – Iniciou Antônia.

– Lá vem a senhora com esses assuntos, que me levam a pesadelos. Mas vamos lá, pois não tem jeito, vai acabar contando mesmo! – Protestou Bete, sem esconder aquela pontinha de curiosidade.

– Pois é, contam que no século 19, lá pelo ano de 1800 e pouco, um jovem estudante de direito conheceu uma bela moça em um baile de Carnaval, no antigo Clube Feminino de Cuiabá, localizado bem no centro da cidade, onde agora fica acomodada a Secretaria de Cultura do Município. Como costuma acontecer em bailes carnavalescos, a linda moça de fala adocicada feito mel usava máscara e se lhe apresentou com o nome de Teodora. Quando estava para bater meia-noite, a moça manifestou desejo de ir embora e tinha de fazê-lo apesar da chuva. Mesmo desgos-

toso com a perda do belo par, o rapaz não perdeu a oportunidade de se mostrar cavalheiro de fino trato, cobrindo-a com sua capa de chuva.

– Só quero ver aonde vai dar essa lereia! – Brincou, Bete.

– Deixe de ser impertinente, menina! Protestou Antônia, que continuou.

– Daí eles saíram numa “charrete de praça”. A moça foi indicando o trajeto ao cocheiro e, de repente, quando passavam em frente ao cemitério Nossa Senhora da Piedade, a moça pediu para parar, pois ali era a casa dela. Desceu da charrete e, com passos leves e esbeltos, abriu o portão e entrou cemitério adentro.

– Pelo pescoço da égua Sonora. Isso é mentira pra mais de metro! Interpôs Bete.

– E tem mais. No dia seguinte, inconformado com a história estranha que vivenciou, o jovem, que era de família tradicional da cidade e estudava no Rio de Janeiro, fez questão de procurar o mesmo chofer de praça e lhe pediu que o levasse ao cemitério, a fim de que pudesse tirar a limpo o ocorrido.

– Lá vem coisa! – Interferiu Bete, aflita com o desenrolar da história.

– O jovem estudante procurou o zelador, que pacientemente ouviu o estranho enredo tétrico. Contudo, não desfez da narrativa inaudita e, com o semblante sério, dirigiu-se com o rapaz até o escritório administrativo do campo santo, abrindo o livro de registro dos mortos, onde logo encontrou o nome Teodora.

– E daí vô? – Intrometeu-se Bete mais uma vez.

– Daí minha neta, o moço pediu ao zelador que o levasse até o túmulo, no qual estava fixada uma foto da jovem com quem dançou com alegria e paixão, enquanto surpreendentemente a capa que ele lhe havia emprestado estava estendida em cima de seu túmulo.

– Que coisa estranha vó Antônia. Será que alguém não pregou uma peça no jovem por alguma vingança ou até por despeito de ele ter condição de estudar no Rio de Janeiro? – Aferiu Bete.

– Não acredito nisso não, Bete! Se fosse uma coisa assim, o chofer de praça teria denunciado a moça carnavalesca, pois quem faz tal tipo de prestação de serviço conhece todo mundo.

– Vamos à música, vovó! E, por favor, toque alguma coisa alegre, bem distante de trilha sonora para causos de assombração.

Aquela noite então foi, musicalmente, fechada com a 9ª sinfonia, Ode à Alegria, de Ludwig van Beethoven. Avó e neta adormeceram em ambiente noturno construído por elas mesmas através do afeto, unindo corpos e astros num quarto na cidade de Guiratinga, numa prova de que tudo é tecido pelas mãos humanas, pois as pedras por si mesmas não se dispõem em forma de casas, ao passo que as religiões não se resguardam em santuários, mas nos altares de fé erguidos no coração das pessoas. O certo mesmo é que Antônia e a neta Bete simbolizavam o divino ofício de viver em fraternidade rezada no cotidiano da verdadeira amizade.

A DÚVIDA NUNCA AGITA O AMOR VERDADEIRO E A CERTEZA JAMAIS O ENVAIDECE OU O FAZ ABANDONAR A VIGÍLIA, tudo que o acalenta é o acolhimento do afeto, que acontece tanto na alegria quanto na dor. É o amor sentimento umbilicalmente ligado à alma e não ao corpo, que o reconhece pelos arrepios involuntários de pele e músculos ardendo em inexplicável febre terçã.

Bete andava contente não apenas com a oportunidade de melhor conhecer a avó, que lhe ia destilando as realidades da vida e sobre tudo lhe falava – menos sobre sua vida amorosa pessoal. Antônia não havia sido feliz no casamento e trocou o marido pela música; uma permuta que aparentemente lhe fez bem. À vasta experiência de vida da avó os sinais emitidos pela mudança de comportamento de Bete não lhe passaram despercebidos.

– Vejo que você anda mais vaidosa e se maquiando até para as aulas do curso de bordado e costura, minha neta.

– Não tem nada vó Antônia, é que agora eu convivo com muita gente, encontro muitas amigas e acho que tenho de me apresentar mais bem-vestida e arrumada.

– Deixe de enrolação, menina. Vamos, desembuche de uma vez!

– Olha vó Antônia, houve uma mostra de bordados, vestidos, blusas, camisas etc. Então apareceu por lá o senhor Antônio Luís, que é quem deu o dinheiro para a compra de máquinas de costura, bastidores, linhas, tecidos e garante até o salário das duas professoras, Ana e Amélia. Foram elas que me apresentaram ao nosso benfeitor, que conversou muito comigo e, depois, não parava de me olhar.

– Então houve um flerte! – Salientou a avó.

– Não vó, nem imagino. Ele é homem rico, deve ter um monte de pretendentes e, além do mais, ele é muito mais velho que eu.

– Nada do que você falou condiz com a realidade, tanto

assim que você anda se embonecando toda, pois sabe que há chances. E tem mais, se você não sabe, sua alma sabe e está acendendo candeeiros em seu coração. Contudo, minha neta, tenha cuidado, esteja atenta, espere calmamente pelos acontecimentos e aguarde que ele dê os primeiros passos.

– Claro que assim me comportarei. Quem sou eu para tomar alguma iniciativa! Ainda mais que a única coisa que sei sobre ele é a sua condição de benfeitor da escola comunitária de costura e bordado.

– Pois eu sei! Posso lhe dizer que ele é de família abastada e muito importante. Tem uns de 45, 50 anos, nunca se casou, mas adotou o filho de uma das irmãs, que foi brutalmente assassinada, juntamente com o marido, por briga com fazendeiro confrontante a terreno a eles pertencente.

– Que coisa triste! E esse menino que ele adotou ainda é criança?

– Como o fato aconteceu há uns 18 anos, o menino já é homem feito. E saiba que isso é um grande problema para qualquer tipo de relacionamento amoroso que o Antônio Luís queira ter.

– Mas por que vó Antônia?

– Ora minha neta, está na cara! Toda moça que se aproxima do bem-sucedido Antônio Luís é vista como caçadora de dote. Ou seja, está de olho na fortuna dele, que é fazendeiro, mexe no mercado de pedras preciosas, é exportador de laranjas e tem até um pequeno avião, chamado popularmente de “teco-teco”.

– Cruzes, o homem é poderoso demais. Não é para o meu bico! – Exclamou Bete, meio desanimada.

– Afaste o desânimo da face, minha neta, pois se ele for homem esperto (como eu imagino que o seja), ele deve ter visto em você o diamante que procurava. Afinal, ele é entendido em pedra preciosa e, logicamente, reconhece um diamante quando se depara com um!

– Como a senhora gosta de dizer, só me resta dar tempo ao tempo. E agora, mudando de assunto, vou dar uma saidinha. Vou até a fazenda Ninho da Garça a fim de ajudar a Diva colher figo, para fazer doce. Aproveitarei a ida para trazer uns jenipapos

bem maduros, pois o licor de que a senhora tanto gosta está quase acabando e o Dr. Fernando disse que um cálice às refeições é ótimo para auxiliar na sua digestão.

– Então vá com Deus, Bete. Eu ficarei bem e sei que você não demorará, afinal a fazenda é logo ali, distando apenas um pescoço da égua Sonora!

Rindo da fala da avó, Bete se mandou.

Na fazenda reviu a todos e se pôs a colher os frutos das figueiras, que ali formavam verdadeira floresta. E assim que terminou a colheita dos figos não se esqueceu dos jenipapos, sob o efusivo pedido do pai Joaquim:

– Quando o licor ficar pronto não se esqueça de trazer um pouco pra mim.

– Mas é claro que lhe trarei, pois sei muito bem quanto o senhor o aprecia!

Já em Guiratinga, tomou um banho enquanto a avó se arrumava. Era dia de levar Antônia ao médico. O preparo do figo e do jenipapo ficaria para o dia seguinte. A consulta foi demorada, não propriamente pelos exames, mas porque o Dr. Fernando gostava de garrar de prosa com a paciente, dando longas gargalhadas com os causos antigos que a mais que centenária senhora ia lhe debulhando com riqueza de detalhes.

Quando chegaram a casa já caía a tarde e Bete foi para a cozinha preparar uma sopa para a avó. Ao passo que cozinhava, Antônia jogava no ar melodioso tempero musical, inundando o ar de espiritualidade e poesia. Assim que tomou a sopa, fez questão de um cálice do restinho de licor de jenipapo ainda na garrafa. Voltou ao piano, com o qual puxou conversa sonora, enquanto a neta ajeitava a cozinha.

Então, assim que a neta terminou seus afazeres, Antônia refestelou-se numa confortável cadeira de balanço, conversando com a neta sobre todos os assuntos. As duas riam de tudo, pois é assim quando se vive em clima de ternura, no qual até os temporais são vistos como promessa de dia de sol na manhã seguinte.

– Para não ficarmos em falta, vamos a mais um casinho versando sobre os mistérios que nos ronda. – Prontificou-se Antônia.

– Ah, querida vó, antes de a senhora me assombrar, tenho que lhe contar uma novidade.

– Que novidade? Mais alguma coisa sobre o príncipe encantado Antônio Luís?

– Nada disso vovó! É que a Hermínia está grávida. É o quinto filho, praticamente um por ano. Se for homem chamar-se-á Manoel e, se for mulher, terá o nome de Manoela. Em ambos os casos, é uma homenagem que a Hermínia quer fazer à irmã.

– Muito justo. Manoela é uma moça muito educada e gentil. Tratou-me com muita distinção quando eu estive hospedada na casa dela em Cuiabá.

– Eu também acho muitíssimo justo, minha avó. Ela é o avesso da Hermínia. – Alfinetou.

– Então vamos ao caso de hoje:

“A história é conhecida sob o nome de O Barbeiro da Rua dos Porcos e aconteceu em Cuiabá, onde contam que um cacheiro viajante, sem conhecer a cidade, apareceu por lá vendendo produtos fabricados em outras plagas. Foi assim que ele encontrou um barbeiro que tinha enlouquecido na velhice, mas continuava com a barbearia aberta na antiga Rua dos Porcos, mesmo sem ter mais clientes.”

– Mas é claro que não podia ter clientes! Aonde já se viu um barbeiro endoidecido com uma navalha nas mãos. – Interferiu Bete, injuriada.

– Olha minha neta, deixe-me continuar sem interrupções, pois já é tarde, o enredo é pequeno e nós precisamos dormir.

“Mesmo observando que a barbearia se apresentava em estado de desuso, com jeito de pouco frequentada, o caixeiro entrou na barbearia, sentou-se e até adormeceu. Quando despertou, levou um susto daqueles, pois tinha diante de si um barbeiro com a navalha afiada nas mãos e dizendo com semblante amedrontador: tem uma voz insistindo para eu cortar o seu pescoço e outra implorando para eu não cortar. Fica sentadinho aí, que eu volto já. Vou ali perguntar o que fazer ao meu cachorro de nome Satanás. Assim que o doido saiu para parlamentar com o tal cachorro, o caixeiro viajante projetou-se desembestado rua afora, deixou suas bugigangas na barbearia e nunca mais foi visto

nas redondezas.”

– Muito engraçado e sem nada de horripilante. Serve até de alerta, pois o nosso mundo está cheio de gente louca! – Enfatizou Bete.

– Você tem toda razão: de médico, poeta e louco, todos temos um pouco. Há muita gente buscando abrigo na desesperação em vez da providência. Muitos são aqueles que, à procura de bem-estar ou mesmo algum reconhecimento, não titubeiam em tornar-se cúmplices da tirania. Não raro, querida neta, as pessoas caem em profundo aviltamento moral à medida que alcançam prosperidade material. Na política, os opressores medem o seu sucesso pelo número de neutros e isentos – os primeiros a lhe demonstrarem efetivo e permanente apoio.

Então Antônia voltou ao piano, sob a luz diáfana de um lampião e claridade estelar no coração, enquanto a neta lhe preparava o leito – um rio envolvido em lençol e cobertor, no qual acomodaria as águas cansadas de seus 105 anos.



Ilustração: Valdeci Almeida

O COVARDE (SEMPRE BAJULADOR) BEIJA A MÃO QUE GOSTARIA DE DECEPAR. Nada é por acaso, tudo é questão de índole: para acompanhar “capitão do mato”, é preciso ter pelourinhos no coração! É na mente sensível que a bondade frutifica e se esparrama sociedade afora. A vida nos cobra atitudes tanto com a gente mesmo quanto em relação aos nossos semelhantes. Bete se tornou física e mentalmente adulta aos 13 anos. A trama dos acontecimentos seguia preparando-lhe os caminhos e as vestes do futuro.

Sábado de sol e Joaquim arriou a égua Sonora para ir até Guiratinga visitar a mãe Antônia e a filha Bete. Desta feita não quis se fazer acompanhar de Hermínia, pois tinha em mente tratar de assunto particular com a mãe, sobre o qual não queria muita divulgação.

Quando chegou a Guiratinga era umas 14h e o calor era abrasador. Joaquim foi recebido com muita alegria, e Bete não se esquivou de lhe preparar suco, deixando à mesa algumas quitandas e até linguiça frita, para lhe servir de tira-gosto caso ele quisesse tomar uma cachacinha ou mesmo um licor de jenipapo.

– Pai, já que o senhor está aqui, eu o deixarei conversando com a vovó e vou tomar um banho no poço, para espantar o calorzão. – Anunciou Bete.

– Pode ir minha filha! Esteja à vontade. – Respondeu o pai.

– Cuidado, minha neta! – Alertou a avó.

– Pode ficar tranquila mamãe; o poço dá na cintura dela e é todo revestido de pedra. Eu o fiz aproveitando uma nascente no quintal e ele possui até um vertedouro dando vazão ao excesso d'água para um riachinho, que vai descendo por aí afora até chegar ao rio Garças. – Tranquilizou Joaquim.

Assim que Bete adentrou o grande quintal, praticamente uma chácara, Joaquim em tom baixo falou à mãe.

– Olha, o conhecido Antônio Luís me procurou lá na fazenda, indagando se eu me oporia a um possível namoro dele com a Bete.

– Eu já estava esperando por isto desde o dia em que Bete me falou sobre a troca de olhares entre eles, numa visita que ele fez ao curso de costura e bordado. – Esclareceu Antônia.

– Pois é, eu não me opus! Disse-lhe que o problema ficaria sob a estrita decisão dos dois.

– Você fez o certo. Até mesmo porque você não pode dar uma de moralista neste assunto, uma vez que você sempre se casou com mulheres bem mais novas, como é o caso da Nora, da Francisca e agora da Hermínia. – Frisou Antônia.

– Então vamos aguardar o transcorrer dos fatos. Gostei muito de conversar com ele, que é muito preocupado com a

questão da assistência médica em nossa região. Foi ele quem estimulou a vinda do Dr. Fernando para Guiratinga, cuidando inclusive da montagem do consultório, que é até muito bem equipado. – Pontificou Joaquim.

– E ele tem mesmo razão de ficar preocupado, pois nem a grave gripe espanhola serviu de lição às nossas autoridades. E pensar que entre tantos e tantos mortos, em 1919, estava até o presidente eleito Rodrigues Alves, que sequer chegou a tomar posse em seu segundo mandato. – Recordou Antônia.

– Sim mãe, eu meu lembro bem! Após sua morte o vice Delfim Moreira assumiu o cargo e uma nova eleição foi convocada, saindo vencedor do pleito o candidato Epiácio Pessoa.

– Isto mesmo, meu filho! E apesar de tudo, o Brasil continua negando boa assistência médica à sua gente, como se tal medida fosse gasto inútil e não um investimento necessário e que se nos apresenta indispensável para o combate a qualquer surto endêmico ou toda pandemia que possamos ter pela frente. Infelizmente Joaquim, os economistas só pensam em números e não estão nem aí para o povo, que é mero detalhe em suas planilhas de atendimento aos anseios, sempre superiores, dos famigerados detentores do capital.

– É mãe querida, enquanto pensarem que investimento em saneamento e saúde é gasto inútil, teremos a nossa população à mercê de todo tipo de doenças! Uma grave malária, sem a possibilidade do devido tratamento, debilitou e (pode-se afirmar) acabou tirando a vida de minha saudosa Francisca.

De repente, ouvem o barulho característico de pessoa vomitando. Joaquim sai ao quintal e vislumbra Bete escorada no tronco de uma mangueira, em ânsia de vômitos, expelindo muita água...

– Que foi minha filha?!

– Afoguei-me, meu pai!

– Mas como, se o poço é tão raso?

Não respondeu, veio nova sequência de vômitos.

Com a ligeireza que os passos lentos lhe permitiam, chegou a avó, que tomando pé da situação pediu ao filho Joaquim que corresse até a casa e trouxesse uma toalha.

Já sentada no sofá, após ter tomado um banho quente, Bete se pôs a contar o que lhe havia ocorrido.

– Vocês bem sabem que sei nadar. Mas como papai sempre diz, os que sabem nadar são os que mais morrem afogados. Eu fiquei distraída andando ao redor do poço, então escorreguei e, não sei a razão, caí de pernas encolhidas para cima e cabeça para baixo, somente depois de ter ido ao fundo duas vezes é que me desvirei, mas fiquei tonta e não conseguia me pôr de pé. Aí tive a sorte de tocar o fundo com um dos pés e forçar minha ida para a beirada do poço, quando com a ponta da mão esquerda firmei-me em sua borda...

– Minha neta, então quase você morre afogada! Exclamou Antônia.

– Sim minha avó! E o interessante é que não vi luz alguma, contato algum com os céus, Deus ou anjos. A única coisa que me movia a lutar contra o afogamento era o afeto que tenho por vocês, minha família. Naqueles segundos de aflição, minha única preocupação era com a tristeza que iria provocar na senhora e no papai, ao saírem à minha procura e se depararem com o meu corpo estendido no poço.

– É como eu sempre lhe disse minha filha: sua preocupação era com a sua primeira eternidade. Essa energia que a gente transmite e recebe das pessoas de que gostamos e, quando desta vida partimos, nos guarda no coração e na memória, fazendo com que de certa maneira continuemos vivos em seus passos. – Evangelizou o pai.

– Somos como as nuvens, minha neta. As nuvens escurecem e caem sobre a terra, renascendo através da evaporação, quando novamente se transformam em nuvens. O espírito que nos habita um dia sobe, mas certamente cai em uma das muitas moradas do Criador, onde renasce como se fosse uma nuvem. – Filosofou Antônia.

– Que energia forte é o laço familiar, até na hora da morte nossos pensamentos se prendem às pessoas que amamos e não queremos ver magoadas ou entristecidas. – Colocou Bete.

– A família é instituição pétrea de Deus, que escolheu o abrigo familiar para acolher seu filho Jesus Cristo na Terra. Deus

não precisa de aclamação nem mesmo da nossa crença, pois independentemente de qualquer coisa Ele está em nós. Cada um de nós é a sua igreja e, ao mesmo tempo, o seu altar, ainda que muitos de nós não tenhamos consciência de inquilino tão nobre a habitar nosso corpo. – Dissertou o pastor Joaquim.

– Alma e corpo são agentes um do outro, sendo a alma uma ferramenta celestial com a qual o Criador nos enche de luz e nos concede a faculdade da inteligência. O certo é que, se às vezes não há crença em Deus, ainda assim Ele não deixa de se manifestar através da luz da razão e, mesmo que não o louvemos e sequer o procuremos, Ele nos encontra, traçando-nos o destino, que em síntese é um ordenamento das coisas elaborado segundo nossas atitudes e a maneira pela qual nos relacionamos com os nossos semelhantes, num movimento eterno na direção do infinito, onde é estocado todo aprendizado perpétuo do nosso espírito. – Professou Antônia.

– Enfim, papai e vovó, o que conta mesmo é que eu estou viva e, com toda certeza, pela graça de Deus. A professora Amélia, lá da escola de costura e bordado, sempre repete que quem tem luz em si, jamais anda na escuridão, e que quem se guia pela sabedoria nunca deixe de ser rei, mesmo que esteja na condição de escravo.

– Bem, eu já vou me retirando, tivemos um dia proveitoso e cheio de ensinamentos. Até o afogamento de Bete nos serviu de lição. Que estejamos cada vez mais unidos, em sublime harmonia (ao feitio do piano da mamãe), que nossos pensamentos, palavras e atos se juntem em um só corpo, com a leveza do cavalgar da égua Sonora, que lá fora calmamente me espera, oferecendo-me o conforto de seu dorso – um milagre divino a me conduzir de volta à fazenda Ninho da Garça.



Ilustração: Valdeci Almeida

“SEUS LÁBIOS QUE NÃO PROVEI TÊM O PURPÚREO DA ROSA QUE NÃO FOI COLHIDA, seus braços arredondam-se docemente no abraço que ainda não abracei e sinto no frescor de sua mocidade o germinar de anos que não vivi, mas que agora se abrirão em lindos horizontes amanhecidos na claridade de seus brilhantes olhos negros. Com carinho, um bilhete à flor Bete. Do sempre seu, Antônio Luís”.

Então com esse bilhete registrado no coração e logo mostrado, com alegria e mãos trêmulas, à avó-mãe Antônia, iniciou-se o namoro da menina-moça Bete com o empresário Antônio Luís.

Antônia regozijou-se com a neta e até leu o bilhete apaixonado em voz alta, ressaltando a lucidez de Antônio Luís que tão bem ressaltou a beleza dos olhos de Bete.

– Belas palavras despontam deste bilhete de amor.

Lembrou-me até Jesus Cristo que nos ensinou que “a candeia do corpo são os olhos; de sorte que, se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo terá luz. Se, porém, os teus olhos forem maus, o teu corpo será tenebroso. Se, portanto, a luz que em ti há são trevas, quão grandes serão tais trevas”.

– Poxa vó Antônia, até parece o papai Joaquim pregando na igreja. – Concluiu Bete, saindo saltitante casa afora, em voo de mil borboletas no coração da alma.

Os dias passaram a correr ligeiros no galope fogoso do contentamento de Bete. Como era comum naquela época, namoro aceito, casamento marcado. Diva e a avó Antônia se puseram incansáveis na preparação do enxoval, pois não queriam que Bete chegasse à casa em que moraria com uma mão na frente e outra atrás. Ou seja, de mãos abanando, gerando situação constrangedora logo no início, devido à fortuna de seu futuro marido, da qual adviria a desconfiança e toda espécie de prejulgamento da família disposta a se comportar como guardiã dos bens do solteirão convicto, que se apaixonara pela encantadora Bete.

A alegria de todos em torno do casamento de Bete empanou a piora no estado de saúde de Antônia. Frequentemente, o Dr. Fernando era chamado para atendê-la. O médico quis conversar com Joaquim e Bete em seu consultório.

– Infelizmente, Joaquim e Bete, não há muito que fazer. Vamos prosseguir com a medicação sob o intuito de proporcionar à querida Antônia uma boa qualidade de vida. O coração dela está cada vez mais fraco e, a bem da verdade, nem sei explicar como ela se mantém viva até os dias de hoje. Imagino que seja pela energia que lhe vem da própria alma, de sua intelectualidade, de seu amor à música, do seu gosto pela leitura, de sua capacidade de incentivar e aconselhar jovens que a procuram a fim de receber algum incentivo no tocante a seus dons.

– Nós compreendemos e até lhe agradecemos o carinho e atenção com que você cuida de nossa Antônia. Não podemos sequer nos revoltar com Deus, pois poucos são os filhos que têm a glória de conviver com a mãe por mais de um século. – Amenizou Joaquim.

– E não está longe de ela completar 106 anos! – Com-

pletou Bete, com os olhos mergulhados em lágrimas, que lhe corriam pela face, salgando de dor o leito de seus lábios.

– Saibam que estou triste e aborrecido por não poder fazer nada além do que tenho feito, mas continuarei cuidando de Antônia como médico e admirador de sua figura humana. Uma mulher vencedora, que soube construir sua trajetória, deixando, como ela gosta de dizer, rastros de uma primeira eternidade, um conjunto de lembranças que garantirão a luz de sua presença e passagem pelo planeta Terra. – Diagnosticou Fernando, com a emoção de membro postiço da família.

– Sim, Dr. Fernando, minha avó é mesmo tudo isto e muito mais. Quero que ela viva enquanto estiver bem, não quero vê-la em sofrimento, não alimento em mim tamanha incompreensão e falta de entendimento. Afinal, se creio na existência de Deus, devo acreditar que Ele sabe o que faz e que certo dia chegará a hora em que minha avó estará melhor aos cuidados do Criador do que conosco, que podemos muito, mas não podemos tudo. – Discorreu Bete, sob o olhar orgulhoso do pai e pastor protestante Joaquim.

Joaquim e Bete se despediram do médico em clima de muita emoção e conscientes de que, apesar das informações ruins, deveriam manter a mesma atmosfera de felicidade, evitando qualquer sinalização de demasiada preocupação capaz de jogar pedras no caminho de otimismo com que Antônia levava sua vida. A velha senhora sabia como ninguém esboçar sorriso de esperança e receber em contentamento, mesmo nos momentos em que tinha o corpo dolorido ou experimentava alguma contrariedade.

Foi assim, sem nenhuma sombra de infelicidade, que Bete foi se encontrar com a avó na igreja, onde a deixou para uma apresentação especial junto ao coral da paróquia, que estava recebendo jovens integrantes e organizou uma cerimônia de confraternização. Antônia adorava estar junto a jovens interessados em música, o que lhe passava a certeza de que o espetáculo musical teria continuidade, justificando a sua dedicação, os seus estudos e as horas a fio derramadas sobre os teclados do piano.

Bete seguiu a rotina que sobrevinha com o cair da tarde: a

sopa leve, a audição de piano, os “aconselhamentos” da avó, o caso de assombrção...

O que Bete não sabia era que naquele dia, depois do miniconcerto aos jovens coristas, com a presença de grande público, a avó havia puxado assunto com Frei Vicente, pároco de Guiratinga, ao qual conhecia há muitos anos e que era muito ligado à família do noivo da neta.

Frei Vicente elogiou bastante o empresário Antônio Luís, mas alertou sobre o materialismo da família, que não seguia etiqueta alguma quando o assunto girava em torno de dinheiro, bens e propriedades. Durante anos, Antônio Luís assistiu ao afastamento de suas pretendentes, que percebiam a caixa de marimbondos em que estavam entrando. A disputa e o apego material é a marca registrada da família – e para completar ainda tem o Romero, filho de criação do Antônio Luís, que não é boa bisca.

Com tal informação, aliás, confirmação, uma vez que Antônia já o sabia, a avó estava a arquitetar uma maneira de prevenir futuros desenganos que acaso ocorressem com a neta. Não tinha ela o interesse nem a ousadia de estragar a felicidade da neta, exercitando o charlatanismo pessimista, como se fosse uma vidente irresponsável. Pode-se dizer que, se Bete passaria pano na situação de saúde da avó, a velha senhora esmeraria em esconder da neta o ninho de guacho do núcleo familiar do amado noivo.

Assim que a neta terminou de lavar os utensílios utilizados no cozimento da sopa, Antônia se pós a conversar com a neta em tom baixo e quase solene.

– Querida Bete, prestes a completar 106 anos, convivo com a realidade natural de não ter muita expectativa de vida pela frente. Tenho a mais absoluta certeza que não sou nenhum Matusalém bíblico e que os meus passos se encaminham para o final da estrada, no que diz respeito a minha existência terrena.

– Que assunto sombrio, vó Antônia. Está mais para os seus casos de assombrção! – Questionou Bete.

– Não tem nada de medonho minha neta. Vida e morte fazem parte da vida. Garanto-lhe que ambos os assuntos deve-

riam ser mais bem trabalhados, para que não fôssemos tomados pelo desespero nas horas de perdas, pelas quais todos nós passamos. A esta altura da vida já vi muita gente chegar e muita gente partir, por isso estou tocando na questão enquanto ainda posso fazê-lo. Eu me sinto como se fosse sua mãe e, portando, você é herdeira do pouco que tenho, do pouco que amealhei na minha mal remunerada atividade artística, como é natural neste nosso país.

– Mas eu não quero nada vovó! A senhora há de viver por muitos anos ainda...

– Há de querer sim e a sua avó não é eterna fisicamente, mas espiritualmente sempre estará com você. Há uns seis meses vendi uma casa modesta que tinha em Cuiabá e acrescentei o dinheiro ao que mantenho em banco. Já fui ao cartório, registrei meu desejo e entreguei a documentação à agência bancária. Ninguém, a não ser você agora, tem conhecimento desta minha iniciativa e lhe imploro para lançar mão do recurso financeiro que lhe deixo apenas em situação extrema, em momento de aflição. Não revele a existência da conta nem mesmo a seu futuro marido. Se acaso tudo der certo em sua vida e você envelhecer dentro de total normalidade, aí o tempo de perigo já terá passado e você poderá usar o dinheiro que lhe deixo para fazer o que bem entender, mas até lá boca de siri e crença no adágio popular a nos alertar que as paredes têm ouvidos.

– Que temores são esses vó Antônia?!

– Não é nada não minha neta. Tudo não passa de zelo de uma velha mãe, ciente que não demora e não estará por aqui de corpo presente e que, assim, tenta lançar uma boia que ficará à sua disposição, caso por alguma razão você se afogue no poço da vida, mesmo sabendo nadar.

– É, de afogar em poço eu, literalmente, entendo! – Respondeu sorrindo, absorvendo a referência metafórica da avó.

– Bem, como falamos muito sobre esse amor de mãe que tenho por você, vamos a um pequeno caso que se refere exatamente ao esplendor do insuperável e inigualável afeto materno.

“Há muitos e muitos anos, correu por toda a Cuiabá uma história que virou lenda com o decorrer do tempo. Um caminhonei-

ro trafegava por uma estreita estrada vicinal, carregado de madeira, nas redondezas de Cuiabá. De repente, no cair da tarde, quando se ouvia a orquestra de bandos de pássaros que se recolhiam na copa das árvores da floresta, surgiu uma mulher desesperada gritando por socorro e apontando o local onde havia acontecido um grave acidente com vítimas fatais. Porém, implorava pela vida de uma criança, que segundo ela estava viva entre os escombros embebidos em sangue.

Ainda que incrédulo (pelo sim, pelo não), o homem se prontificou a atender ao pedido da mulher, que disse estar muito mal para acompanhá-lo e rever a triste cena. Quando chegou ao local indicado pela mulher, o caminhoneiro logo percebeu um monte de pessoas a certa distância dos destroços, esperando pela chegada de policiais. Houve gente que o aconselhou a não se aproximar de tamanha tragédia, pois todos os ocupantes do carro estavam mortos. Contudo, o semblante de aflição sincera da estranha mulher o levou, involuntária e forçosamente, até o carro cujo motorista perdeu o controle da direção e se chocou a toda velocidade com o tronco de uma imensa árvore na beira da estrada.

O caminhoneiro retornou ao caminhão, pegou uma alavanca e diante das pessoas gritando para ele não tocar no carro acidentado, ele meteu a alavanca na porta do veículo conseguindo desemperrar a porta. E ao ter acesso ao interior do veículo, encontrou o motorista e uma mulher mortos. Porém, no colo da mulher falecida (que reconheceu, espantado, tratar-se da moça que lhe implorou por socorro na estrada) estava um bebê, totalmente ileso e calmo, pois que protegido pelo corpo da mãe arqueado sobre ele – num gesto final de proteção maternal.”

– Vó, que caso bonito! Tem tudo a ver com o que acabamos de conversar; parece até uma interseção divina, um sinal, um presságio bem alinhavado!

– E veio à minha mente aleatoriamente, como se fosse uma precisão, uma necessidade de minha alma e do meu espírito, para demonstrar a nós duas quanto é forte o nosso sentimento, a nossa união visceral, que ultrapassa a nossa convivência (e existência) terrestre.

– Sim, vovó querida, estou até arrepiada, jamais esquecerei este momento enquanto viver! Vou tomar um banho antes de dormir, mas gostaria que a senhora ficasse tocando piano... Mantereí a porta aberta, pois faço questão de ouvir. Hoje em especial, por tudo que nos aconteceu, merecemos encher a nossa alma de poesia musical.

Antônia se pôs a cantar e cantarolar em voz elevada, como raramente fazia à noite, para não incomodar a vizinhança. A música era “Ode à alegria”, de Beethoven. De repente, enquanto se enxugava, Bete ouve o som de dedos deslizando em descanso sobre todas as teclas do piano – num teintloimmmmmmm!



Ilustração: Valdeci Almeida

NA ESTAÇÃO DA VIDA O TREM NÃO PARA DE CORRER. CADA QUAL COM SEU ASSENTO FIXO desde o sopro de nascimento do seu espírito, que uma vez criado é imortal. Uma hora vindo, outra hora partindo, numa das duas margens do átomo dividido em dois lados paralelos, dispostos em dimen-

sões diferentes, porém tão próximos quanto quarto de parede-e-meia, casas geminadas, compartimentos contíguos.

Antônia tomou o trem da existência eterna no dia e hora marcados pelo Criador. Foi uma despedida tranquila, ao lado da querida neta-filha Bete e sentada ao piano, instrumento musical que tanto marcou sua trajetória terrestre. Ode à alegria se configurou como canção perfeita para servir de trilha sonora à sua despedida do campo físico, no qual granjeou tantos amigos – almas que reconheceriam sua energia em encontros futuros que, certamente, aconteceriam.

Ninguém sabe a força que possui (e tem) até ser preciso, por isso a razão do ditado: “Deus dá o frio conforme o cobertor”. A menina-moça tirou a avó debruçada sobre o piano, com os braços estendidos de ambos os lados, como num abraço final. Como era mulher baixinha e bem magra, Bete não teve dificuldade de carregá-la nos braços e colocar na cama, a qual forrou com a mais bonita colcha da casa – na cor branca e lindos bordados em azul –, fruto de seu aprendizado no curso de costura e bordado.

Bete se pôs em orações, tendo como trilha sonora um disco de vinil rodando baixinho na vitrola. Tratava-se de registro de Antônia ao piano, executando composições clássicas e, ao final, um belíssimo pot-pourri de músicas folclóricas, principalmente mato-grossenses, ostentando na capa bela foto da pianista e o glamoroso título “Antônia Alcides em concerto”. Envolvida nesse manto de atmosfera poético-espiritual e religiosidade, Bete assistiu ao romper da aurora, procurando avisar em primeiro lugar ao médico Fernando e, em seguida, ao Frei Vicente, que se dispôs a enviar um de seus auxiliares até a fazenda Ninho da Garça, a fim de avisar ao filho Joaquim e demais familiares.

– Filha, quanta dor! – Balbuciou o pai Joaquim, ao abraçar a filha Bete.

– Por mais que estejamos preparados é sempre triste despedir-se de ente querido, como vovó Antônia.

– Sim, minha filha! Mas no nosso caso lastimar demais ou ficar de mal com Deus é até blasfêmia. Sua avó, minha mãe amada, completaria 106 anos em três dias. Eu, por exemplo, aos 80 anos, tive (e tenho) mãe até os dias de hoje.

Nesse ínterim, chegou o Dr. Fernando.

– Não se preocupe com as providências para o sepultamento, pois eu e o Frei Vicente já providenciamos tudo. O pessoal já vem para preparar o corpo e a urna funerária está para chegar.

– Como faremos, Dr. Fernando, a casa é acanhada para comportar o tanto de gente deseiosa de se despedir da popular maestra Antônia, como o povo gosta de chamá-la.

– Frei Vicente propôs que o corpo seja velado no átrio da igreja, ficando na área coberta ali existente. – Respondeu o médico em claro lacrimejar.

– Nem sabemos como lhe agradecer, Fernando! – Interveio Bete.

– Vocês não têm o que me agradecer. Na realidade, nós todos temos muito a agradecer a Deus por ter nos dado a oportunidade de conviver com pessoa extremamente especial como é o caso de Antônia, a maestra Antônia tão reverenciada pelo povo e pelos amantes da boa música.

– Já ouço o alto-falante da igreja anunciando a morte de minha mãe! – Comentou Joaquim.

– Talvez, Dr. Fernando, você queira levar o disco da vovó para tocar na igreja. – Indagou Bete.

– Não é preciso, Bete. Já olhei na igreja e por lá tem pelo menos umas cinco ou mais cópias. O Frei Vicente ganhou um disco das mãos de Antônia, foi presenteado por fiéis com outros, mas também adquiriu cópias em lojas de Cuiabá, sob o temor de que algum deles possa vir a sofrer dano, tais como quebrar-se ou arranhar-se.

– Veja só que gesto de apreço e estima pelo trabalho musical de minha mãe! – Festejou Joaquim, em autoconsolação.

Naquele dia a cidade toda, como água corre para o mar, foi desaguar seu pranto de despedida no átrio da igreja, que ficou superlotado com as pessoas se acotovelando umas às outras. Caiu uma leve chuva às 16 horas, em meio à luz do sol, e o céu foi cortado por longo arco-íris, simulacro de pauta musical a que caberia ao espírito da genialidade musical de Antônia preencher daquele dia em diante.

Então se deu a missa de corpo presente celebrada por

Frei Vicente, que emocionado falou à multidão.

“A mão humana é incapaz de atingir a perfeição, que é afeto aos desígnios de Deus, magistral e luzidia divindade que vislumbrou que, sem arte, a vida seria tão árida que o ser humano não suportaria as agruras impostas à sua caminhada, a fim de possibilitar o seu aprendizado e desenvolvimento como espírito à procura de aperfeiçoamento espiritual. Dessa forma, Deus nos contemplou com a natureza, uma sublime galeria de arte, na qual encontramos em exposição permanente a riqueza artística das pinceladas do Criador.

“Entretanto, não devemos fazer de nossa impossibilidade em atingir a perfeição – patamar pertencente às divindades – um obstáculo à indispensável necessidade de nos tornarmos uma pessoa melhor a cada dia. Foi exatamente isto que a nossa maestra Antônia fez durante toda a sua existência terrena.

“Muitas vezes não conseguimos arredar as pedras do caminho, mas podemos contorná-las e seguir em frente. Antônia escolheu idílio tortuoso, pois nasceu com o dom musical e jamais esmoreceu. Apesar das dificuldades existentes no âmbito cultural, Antônia lutou e venceu, justificando e glorificando o talento que Deus lhe deu.

“Não existe colheita sem semeio. Quantas e quantas pessoas reclamam da falta de amizade e, em verdade, nunca se entregaram e jamais se dedicaram ao demorado esculpir da amizade, que nos cobra paciência e tolerância. Sem abriremos os olhos para as qualidades de que todo ser humano é detentor, terminamos por guardar lugar apenas para os defeitos de nossos semelhantes e ficamos na janela a colocar defeito no comportamento, esquecendo-nos de semear e cultivar predicados em nós mesmos. Prestando bem atenção, todos nós somos uma espécie de instrumento, se tratados com apreço, igualdade e justiça, somos capazes de emitir som capaz de se juntar aos demais sons emitidos por cada componente da raça humana, constituindo o som de uma grande orquestra, acompanhada de afinado coral, fornecendo ao planeta Terra a musicalidade de uma sociedade prodigiosamente lastreada pela prática do amor e total respeito ao próximo.

“Antônia não fugia de uma boa discussão, mas sabia se calar, guardar-se em copas, ciente de que não há melhor remédio que o silêncio para combater a injustiça e os discursos radicais em que a ideologia da exclusão e da miséria da maioria é vociferada com sanguinária naturalidade. Porém, lembremos o quanto Antônia foi destemida, sabendo colocar a sua bravura, sem peias na língua, no período da gripe espanhola, quando o governo brasileiro, em princípio, tratou a pandemia como se fosse uma moléstia qualquer, permitindo que o mal se alastrasse país a fora, atingindo pessoas indefesas, sem qualquer informação sobre a doença e nem oportunidade de acesso a alguma assistência médica.

“É justo afirmar que Antônia foi (e é) daquelas pessoas cujo coração está sempre de portas escancaradas a todas as manifestações de altruísmo, entremeadas de bondade espiritual, nas quais cabem todas as iniciativas em prol do conhecimento, da cultura, da educação, da ciência.

“Nós brasileiros sabemos muito bem no que resulta desenvolvimento sem generosidade, sem bondade, sem compromisso social. No coração de Antônia sempre houve espaço e sempre couberam folgadoamente os humildes, aos quais jamais deixou de receber com o rosto iluminado de estranha felicidade. Dizia ela que se o médico salva o corpo com o seu bisturi, ela salvava almas, livrando-as das garras da morte em vida, com o toque, com o som de seu piano, ao qual executava como se estivesse a rezar, fazendo de cada tecla, a fervorosa conta de um terço de oração.

“Estejamos todos com Deus, que hoje recebeu o espírito da nossa maestra Antônia, cujo corpo agora seguirá, ao som de Ode à Alegria, para o campo santo de nossa cidade.”



Ilustração: Valdeci Almeida

PENSAMOS E AGIMOS EM CONFORMIDADE COM O ESTÁGIO EVOLUTIVO do espírito que nos habita. Pessoas como Antônia estabelecem novos parâmetros e nos dão a certeza de que podemos e devemos melhorar como seres humanos.

Temos o péssimo vício mundano de julgar as coisas pelo acontecimento, alicerçando nossa avaliação apenas na experiência bem-sucedida. Ou seja, o aprendizado a ser levado em conta faz morada apenas no que deu certo e nos encheu de felicidade, quando muitas vezes é o doloroso fracasso que mais nos serve de lição.

Os apóstolos, num primeiro momento, caíram em descrença e perda de esperança na salvação e na vida eterna, mas aí Jesus Cristo ressuscitou como lhes havia prometido e, subindo ao trono de seu Pai, envia-lhes o Divino Espírito Santo, que transforma simples pescadores da Galileia – tímidos, pacatos e até mesmo ignorantes – em destemidos doutores movidos pela

força celestial e inteiramente dispostos a se espalharem por toda a Jerusalém, anunciando a boa-nova apregoada pelo mestre Jesus.

É digno de ser observada a preferência de Cristo pelos bons de coração em vez de arregimentar para a sua causa os sábios e poderosos e, por isso, repletos de conceitos (e posturas) incorrigíveis. Assim agiu porque é muito mais fácil encher uma mente vazia, que modificar a visão cerebral deturpada e há muito estruturada. Se a meta é inflar, melhor o balão vazio!

Como Jesus Cristo não deixou nada escrito e buscava transcrição fiel de seus ensinamentos, melhor seria lançar mão de homens sem inclinações ideológicas intransponíveis. Como diz o ditado, é de pequeno que se torce o pepino e, pela mesma razão, é mais fácil ensinar novos hábitos às crianças que modificar as manias e os vícios adquiridos pelos adultos.

Terminada a cerimônia de sepultamento, Joaquim se dirigiu com a família para a casa de Antônia, onde determinou que Diva morasse em Guiratinga com Bete, que não devia mais voltar a residir na fazenda Ninho da Garça, pois estava noiva e disposta a concluir o curso de costura e bordado. Além do mais, se retornasse para a fazenda, dificultaria o seu namoro com Antônio Luís, empresário muito ocupado.

Após esta definição, Joaquim anunciou que não mais seria pastor, não apenas pelos seus 80 anos, mas também porque o pastoreio lhe dava um enorme trabalho, uma vez que ser guia e conselheiro espiritual, ocupando-se até de assuntos de foro íntimo dos fiéis, era uma atividade desgastante.

– Minha família, estou deixando o meu pastoreio! E não pensem que tem algo a ver com a morte da Antônia ou uma decisão precipitada, tomada sob a dor da perda. É coisa bem pensada e até vinha conversando sobre a questão com minha falecida mãe.

– Será que o senhor vai aguentar ficar distante da igreja, meu pai? – Preocupou-se Bete, que a vida inteira viu o pai envolvido com os assuntos de religião.

– Mas eu não vou ficar distante da igreja, minha filha! Continuarei cumprindo os meus deveres como qualquer fiel. Não

estou mais na idade de suportar a carga de envolvimento com os problemas psicológicos e emocionais de tanta gente. Atravessamos um momento difícil, que está apenas no começo de seu rosário de atribuições. Recebo diariamente pessoas decepcionadas com a vida, sentindo-se irremediavelmente fracassadas e, como não têm coragem de se matar, recorrem à igreja com extrema curiosidade a respeito do apocalipse, sob o inconfessável desejo de que ele chegue logo, livrando-os da vida a que têm como insuportável fardo.

– Nossa, pai! Tem gente assim? – Surpreendeu-se Diva.

– Sim, minha filha! E definitivamente eu não tenho mais idade nem cabeça para mexer com gente em tal situação espiritual precisando, na realidade, de tratamento psicológico competente, capaz de fazê-la conter a obsessão de ouvir dos céus as trombetas apocalípticas. Ademais, interrompendo a nossa conversa, tenho que voltar rapidamente para a fazenda, pois a parteira Sagrada Conceição está lá à espera do nascimento de vida nova.

– Então vamos todos, pai Joaquim, pois se acabamos de nos despedir de vó Antônia, nada mais alvissareiro que marcar presença na chegada de seu novo neto ou neta. – Conclamou Bete.

– Mas por que a Hermínia não veio para Guiratinga fazer o parto com o Dr. Fernando? – Indagou Bete.

– Acontece que ela já fez quatro partos com a Sagrada Conceição e tem na velha parteira a maior confiança. – Respondeu Joaquim.

– Eita meu pai! O senhor e a Hermínia têm praticamente um filho por ano. Parecem coelhos! – Brincou Bete, que recebeu como resposta a cara fechada do sistemático Sr. Joaquim.

Ao chegar à fazenda, logo vislumbraram a correria. O parto estava em andamento, o que explicava o punhado de lamparinas e lampiões acesos. Não demorou muito e um choro forte e bem chorado cortou todo o ambiente. Nascia Manoela, uma homenagem à irmã de Hermínia.

Joaquim celebrou o nascimento com licor de jenipapo e cachaça, os quais descia goela abaixo contando vantagem:

– Esta criança é meu 17º filho. Nora me deu 10, a Francisca me deu Bete e Diva, enquanto com Hermínia completo o 5º rebento.

– Santa Virgem Maria, 17 filhos, senhor Joaquim! Esconjurou a parteira Sagrada Conceição, com uma colher de geleia de manga nas mãos, uma iguaria tradicional na fazenda Ninho da Garça.

– Sim Sagrada, são 17 filhos! Por isso, em agradecimento aos céus, rezemos um Pai Nosso, por nós e por toda essa prole. Muitos dos filhos nem sei por onde andam, mas sempre oro por eles. Deus é energia absoluta e única. Jesus Cristo nos ensinou que todos os homens são iguais e que é preciso que amemos uns aos outros como nos ama o nosso Pai celestial, que conosco estará até a consumação dos séculos.

Depois da oração, apareceram alguns amigos de fazendas próximas, inclusive muitos índios, que nutriam sincera amizade pelo velho senhor Joaquim. Como já era noite, Bete resolveu dormir na pequena casa que foi ocupada por Antônia durante muitos anos e era conservada como se ela estivesse para chegar.

A casa ainda guardava o cheiro de Antônia. Quando abriram a porta, Bete e Diva perceberam o clarão da lua entrando apressado e afoito residência afora, como se a procurar por Antônia e a alegria de sua música, que certamente estavam por ali (em todo lugar e em cada canto), porém invisíveis e inaudíveis aos olhos e ouvidos das duas jovens netas.

A CERTEZA DOS AMIGOS DO PEITO, A ESPERANÇA DO HOMEM QUE TRABALHA e o som que vem da rua dão sentido e ritmo aos dias. Bete via no curso de costura e bordado um meio de independência, ainda que modesto, mas era o que ela podia alcançar. Se não é sua avó Antônia tê-la alfabetizado, nem isto ela poderia almejar.

Todavia ela queria mais: desejava fazer curso de cabeleireira em Rondonópolis. Ao conversar com o noivo Antônio Luís, ele propôs que assim que ela terminasse o curso de costura e bordado, ele a matricularia em curso de cabeleireiro em Cuiabá, para onde ele viajava toda segunda-feira, retornando no sábado pela manhã.

– Tudo bem Antônio, mas aonde eu iria ficar?

– Você pode hospedar-se no hotel que temos em Cuiabá, que fica bem no centro da cidade. É um velho casarão, com quartos arejados e espaçosos. Acho que você estará muito bem acomodada.

– Talvez você se sinta emocionalmente bulido por eu fazer cursos tão simples e você ser empresário tão bem-sucedido. – Interpôs Bete, numa exposição explícita de sua simplicidade.

– Nada disso, minha querida Bete! Na vida todos devem lutar com as armas e forças que têm. Na realidade, sinto-me orgulhoso de seu esforço e garra em conquistar o que está dentro de seus limites e possibilidades. Não existe profissão maior ou menor, o que conta é a grandeza do trabalhador.

– Minha avó dizia que, em qualquer condição, é o trabalho que gera riqueza e que é sempre o capitalista que ronda e usufrui dos recursos do estado, o que explica a pobreza em que vive o nosso povo: sem saúde, sem saneamento básico, sem educação, sem cultura... – Debulhou Bete.

– Você tem toda razão. Como empresário gostaria muito que as elites brasileiras trabalhassem para que o governo mon-

tasse uma estrutura administrativa de pleno combate à pobreza. Todavia poucas vozes se unem à minha, gerando uma situação que muito me incomoda, pois as mesmas pessoas que não aceitam a implementação de políticas de combate às misérias material e cultural e à exclusão social, desavergonhada e contraditoriamente, promovem campanhas para natal sem fome. Enfim, optam por casuais esmolas, como se com tal procedimento ficassem de bem com Deus.

– É por isso que você montou o curso de costura e bordado em Guiratinga? – Abordou Bete.

– Sim, minha querida! Acredito que, ao dar profissão a alguém, você lhe propicia condições de gerar renda e ter uma vida digna. – Respondeu Antônio.

– Bete, é preciso resolver o que fazer com este piano! Não podemos condená-lo ao silêncio, que para ele é a morte eterna. Vovó Antônia ao certo já renasceu em alguma das muitas moradas do Criador, mas e o seu piano? – Cobrou Diva, entrando com umas compras sala adentro.

– Você tem razão, minha irmã! E você Antônio, que melhor caminho você indica? – Proferiu Bete.

– Quem sabe fosse bom destinar o piano à orquestra sinfônica de Cuiabá. O piano de Antônia é cobiçado por qualquer organização musical. Trata-se de instrumento importado da Alemanha, em madeira maciça e qualidade sonora insuperável. – Ponderou Antônio.

– Pois eu acho que o piano deve ficar por aqui mesmo em Guiratinga, que integra uma região tão amada por nossa avó. Além do mais, ela sempre foi entusiasta de aulas de iniciação à música, o que é feito magnificamente pela paróquia, tendo à frente o religioso e idealista Frei Vicente, um excelente músico – haja vista o sucesso do coral da igreja! – Destrinchou Diva.

– E não é que você tem razão, minha irmã! Em Cuiabá, o piano estaria em lugar solene, mas por aqui o piano é que seria solenidade, uma relíquia da ilustre maestra Antônia, como o povo, principalmente os mais simples, a chamavam e ainda a chamam. – Decidiu Bete.

Antônio gostou da destinação pelo elevado sentido

comunitário. E ao mesmo tempo, ficou internamente satisfeito com a condução do problema pela noiva e futura esposa, que ouviu as propostas e não se acanhou em tomar decisão que contrariava o que ele, inicialmente, lhe havia proposto. Como empresário e homem acostumado a tomar iniciativas, Antônio valorizava em demasia a independência.

No passar ligeiro dos dias, não demorou muito para que Bete recebesse o seu diploma de costura e bordado, quando foi até oradora na entrega dos diplomas. Rápida no gatilho, na semana seguinte ela já se atirava em nova empreitada: fazer o curso de cabeleireira em Cuiabá.

A nova formação lhe exigia muito estudo e concentração, uma vez que naquela época as cabeleireiras tinham que aprender a técnica de misturar tintas e dominar toda uma alquimia especial. Caso fracassasse na absorção de tão importante conteúdo, não teria como pintar o cabelo de suas futuras freguesas.

Morando no hotel da família de Antônio Luís e experimentando o conforto de viajar de avião toda semana, Bete não mudou o seu comportamento. Muito pelo contrário, sentia-se privilegiada e, por isso, exigia de si mesmo muito mais entrega às suas amizades simples. Cada vez mais, crescia o seu respeito à sua origem humilde. Se agora voava num pequeno avião, antes ela também voava no trote ritmado da égua Sonora.

Bete ficou muito amiga da gerente do hotel em que se hospedava em Cuiabá. Toda noite, antes de ir para o quarto revisar as lições recebidas no curso de cabeleireira, ela se punha a conversar com a gerente conhecida como Nininha, da qual prospectava muitas informações sobre a família de Antônio Luís, que não demonstrava ter extremada proximidade com seus irmãos e sobrinhos.

– Olha Bete, o Antônio Luís nem parece ter parentesco com aquela gente esnobe. – Sussurrou Nininha.

– Como assim?

– Garanto-lhe que você vai entrar em um ninho de cobras.

Faça como seu futuro marido que se mantém equidistante. Eu tenho por mim que os laços dele com a família se restringem ao

mundo dos negócios. Penso até que eles se reúnem apenas no escritório, a fim de o Antônio Luís apresentar o balanço, pois é ele quem toma conta de tudo desde a morte do pai, que era viúvo.

– De que morreu o pai do Antônio Luís?

– Ele se chamava Juca e era tratado, solenemente, como coronel. O avanço da fronteira agrícola trouxe muitas querelas à região, com fazendeiros, grileiros, garimpeiros e índios disputando posse de terra no braço, a arco e flecha e à bala. Não havia diálogo nem lei reguladora, era tudo na marra. E numa quizila fronteira, um vizinho de cerca, como se costuma dizer, o matou com um tiro de espingarda no rosto.

– E o que houve com o assassino? Perguntou Bete.

– O que se sabe é que antes de o caixão do Coronel Juca descer à sepultura, o corpo de quem o matou tombou. A coisa foi tão feia que os familiares do assassino do coronel se mandaram, abandonando as terras, que cinco anos mais tarde foram compradas pelo Antônio Luís.

– Espantoso! – Surpreendeu-se Bete.

– Minha filha, seu noivo não é homem de briga. O que ele sabe muito bem é dialogar, articular, convencer. Ele mais que quadruplicou a herança do pai. Seu irmão e irmã vivem no bem bom. Como você deve saber, ele adotou o filho de uma irmã falecida em acidente automobilístico junto com o marido. O rapaz se chama Romero e não quer tomar tento na vida. É o cão chupando manga.

– Pobre de mim que estou deixando o Ninho da Garça para entrar, literalmente, em um ninho de cobras. – Constatou Bete.

– Não se preocupe não Bete! O segredo é não tratar nem distratar. Eles têm muito respeito pelo Antônio Luís, até porque precisam de sua capacidade administrativa. Sem ele, a família não tem como tocar tantos negócios: imóveis, este hotel, exportação de laranjas, transação de pedras preciosas e as muitas terras e gado que possuem. Pode ter certeza plena que eles a tratarão com toda fidalguia e dentro da etiqueta social de cordialidade. Recomendo-lhe manter o pé sempre atrás, pois que tudo não passa de hipocrisia, se acaso acontecer a morte do Antônio Luís,

voarão com toda a fúria, ameaças e truculência sobre os seus direitos, tentando tirar tudo de você.

– É de se imaginar, Nininha. Já pude observar que eles têm o meu noivo como propriedade deles. Uma máquina de fazer dinheiro, garantindo-lhes vida nababesca. – Lamentou Bete.

– E pelo amor de Deus, não comente nada disto com ninguém, tanto para a minha segurança quanto a sua. Assim procedo porque logo que a conheci vi tratar-se de boa pessoa, do jeito que o afável Antônio Luís sempre mereceu. – Pronunciou-se Nininha, fechando o cadinho da ardente e reveladora conversa.

Com toda certeza, lá dos rincões dos sertões celestiais, a avó Antônia se fazia satisfeita pelo fato de a neta ter encontrado Nininha, que desabridamente lhe confidenciou coisas que ela poderia descobrir tarde demais. Assim, ao ter consciência do gado que tocava, Bete poderia escolher o caminho e os ferrões que melhor conviessem à sua defesa.

Bete demorou muito a pegar no sono naquele dia. A barbaridade que se comete para tomar posse de riquezas de terras é inimaginável, balbuciou a si mesma. Espiritualmente, se bem analisarmos, meu pai Joaquim tem toda a razão: ainda vivemos num mundo de trevas e, apesar de toda a informação, da imensa luminosidade cultural e do gigantesco avanço da ciência, ainda usamos as modernas ferramentas de que dispomos de maneira medieval. O certo é que, se criticamos a era medieval, o fato inarredável é que estamos a construir o nosso próprio medievalismo à medida que permitimos a existência de tanta desigualdade social, tanta exclusão, tanta injustiça, como se a monstruosa teoria de supremacia de uns sobre outros fosse uma realidade adotada e aceita sob a máscara da democracia, que fecha os olhos a tanta tirania e séquito sem fim de selvageria.

Quanto mais se punha na obrigação de dormir e amanhecer bem disposta, para enfrentar outro dia de aula, mais o sono se distanciava de suas pálpebras. Apenas conseguiu se desligar ao lembrar-se de palavras de seu amado Antônio Luís: – Quanto mais uma pessoa se levanta em dignidades e conquistas tanto mais deve realçar no tocante ao exemplo proveniente de seus atos e atitudes. Não basta que seja archote de luz apenas para si

aquele que, pela posição de relevo que ostenta, está premido pela obrigação de alumiar os que se encontram à sua volta.

Bete então conjecturou que a diferença de Antônio Luís para os parentes era da água para o vinho. Se límpida era a liderança de seu noivo, estava evidente que todo o seu poder vinha de seu exemplo de vida. Bete adormeceu sob a crença de que é preciso ser luz para aconselhar a escuridão, pois (se assim não agir) o conselheiro se mistura à penumbra, num abraço definitivo e mortal. A bondade e o senso de justiça devem ser os principais atributos de quem se coloca na condição de expoente na sociedade de homens e mulheres.

AS HORAS NÃO CESSAM E NÃO SE CANSAM DE PASSAR, PARECEM SER SEMPRE AS MESMAS, a não ser pelas clareiras que os momentos felizes abrem em nossa memória.

O tempo cuidou de colocar Bete às portas do dia do casamento que, logicamente, seria bastante concorrido, reunindo autoridades da região e até personalidades políticas, devido aos vários lugares em que as atividades empresariais haviam levado o noivo Antônio Luís.

Bete, já livre das aulas do curso de cabeleireira, mantinha um salão de beleza e, também, uma pequena confecção em sociedade com suas ex-professoras Ana e Amélia, que fizeram questão de fazer o vestido de noiva, ofertando-o como presente à querida amiga Bete.

Diva andava muito feliz com o casamento da irmã e, também, com o coração radiante por estar de namoro com um alemão de nome Adolfo, proprietário de fazenda nas redondezas de Rondonópolis.

Atarefada com as providências em torno do casamento, Bete pediu à irmã Diva que, acompanhada do aviador Maciel Augusto, fosse até Cuiabá para comprar algumas peças de tecido, a fim de costurar roupas para a família: os irmãos, o pai, a madrasta e ainda alguns serviçais de quem gostava muito, além da parteira Sagrada Conceição.

Contudo, na viagem de ida, o avião enfrentou forte tempestade e só não aconteceu acidente graças à perícia de Maciel Augusto, que conseguiu pousar numa longa e bem-cuidada várzea, onde tranquilamente esperou a chuva passar para, em seguida, levantar voo.

Diva, com o olhar atônito, ficou tão apavorada (era sua primeira viagem de avião) que não emitiu uma palavra, nenhum som sequer até o avião aterrissar em Cuiabá.

Ela juntou rapidamente seus pertences, colocou-os num carro de praça e disse ao aviador:

– O senhor faça-me o favor de passar amanhã no hotel, pegar os tecidos que vou comprar e, depois, entregue todo o material por mim à minha irmã Bete, dizendo-lhe que voltarei de jardineira. Não ponho mais os pés nessa geringonça. Eita bicho matreiro!

Ao aviador Maciel Augusto, antigo funcionário de Antônio Luís, só restou esboçar um sorriso e acatar a vontade da moça.

Mesmo não gostando muito da ideia do casamento, a família do Antônio Luís se envolveu inteira nos preparativos, pois faz parte da conveniência dos que se julgam membros especiais da chamada alta sociedade demonstrar união e afeição aos entes queridos, mesmo que intestina disputa esteja em diabólica efervescência.

Bete fez questão de ter o médico Fernando como padrinho e não deixou de chamar a nova amiga e confidente Nininha, sob a certeza de que encontraria nela um ombro para desabafar os prováveis desencontros que a vida conjugal pudesse trazer-lhe no futuro – que a Deus pertence.

Naqueles dias que antecediam à cerimônia matrimonial Bete, sem saber o porquê, se fez mais presente na fazenda Ninho da Garça, que era o chão que os seus pés mais tinham em conta de horizonte e memória da infância que ela jamais teve.

Em pouco tempo de namoro, que, aliás, se iniciou com pedido de noivado, Bete já havia estado em Uberlândia, São Paulo e Rio de Janeiro. Assistiu a concertos em muitas casas de espetáculo musical, nas quais um dia sua avó Antônia se apresentou. Numa delas, se deparou com foto da avó ao piano – e derramou lágrimas de contentamento.

Bete pôde então avaliar o peso da saudade e, também, o poder de decisão e resignação da avó, ao optar pelo retorno a seu lugar, à sua gente, deixando para trás uma carreira artística de sucesso, afastando-se dos palcos iluminados e aplausos de grandes plateias.

Que grande personalidade e figura humana foi a minha avó Antônia! Assim pensando, fez questão de contar ao pai e toda a família sobre tudo o que viu e sentiu, numa tentativa de alicerçar ainda mais a memória da avó, que de maneira alguma poderia

cair na vala comum do esquecimento.

Finalmente, a esperada e preparada hora chegou. A igreja estava linda, o piano da avó, que foi doado à paróquia, parecia irradiar luz – era a materialização da nona sinfonia de Beethoven.

Diante de tanta gente, verdadeira multidão, a igreja ficou pequena. Frei Vicente, pregador experiente e que não era bobo nem nada, dissertou sobre o valor da amizade, maior que do amor, conduzido certamente pela diferença de idade entre o casal: Bete 14 e Antônio Luís 50 anos.

Disse Frei Vicente:

– Oremos aos Céus para que Antônio Luís e Bete alcancem a glória da verdadeira e sólida amizade através do amor, pois a boa e sublime amizade confere irmandade aos espíritos, unindo-os por estreito parentesco entre almas.

E continuou...

– O Capítulo Seis do Eclesiástico, um de nossos Livros Sagrados, ensina-nos que nada se pode comparar ao amigo fiel e leal, aquele ser humano que tanto festeja conosco as alegrias quanto se nos apresenta, a tempo e à hora, nos momentos de sofrimento e dor.

Alinhavou ainda Frei Vicente...

– O historiador e moralista grego Plutarco (nascido a 46 d.C), afirmava que “o pai pode não amar o filho, mas não deixa de ser pai; o filho pode não amar a mãe, mas não deixa de ser filho; o irmão, pode não gostar do irmão, sem deixar de sê-lo; os casados podem não se amar e nem por isso deixam de ser esposos. Mas o amigo fiel sempre será amigo”.

E terminando asseverou...

– Então queridos Antônio Luís e Bete, do meu coração e em nome de todos os presentes, imploro e rogo a Deus que lhes infle a alma de muito amor e, sobretudo, muita amizade, para que vocês superem todos os obstáculos e vicissitudes que surgirem na caminhada a dois, a que vocês se propõem fazer a partir de agora.

A cerimônia de casamento estava encerrada, mas desavisadas as lágrimas do pai Joaquim não paravam de rolar.



Ilustração: Valdeci Almeida

BETE ERA A ENCARNAÇÃO DA FELICIDADE NA PLENITUDE MÁXIMA QUE OS HUMANOS, pobres criaturas mortais, podem chegar.

Em tenra idade, a menina senhora Antônio Luís transitava entre dois mundos: o da pobreza e o da riqueza, aprendendo

que em ambos a maldade encontra lugar e aconchego. A ciência, que a tudo conhece e tem o poder de iluminar, não consegue nos apontar a pessoa perversa que, dissimuladamente, age nas sombras.

Se insofismável é a assertiva de que o mau coração tem o poder de nos enganar por anos a fio, não podemos rejeitar o receituário da cura sob a alegação de que o remédio a ser tomado é amargo, ou recusar a amizade de alguém pela simples constatação de pequenos defeitos, colocando-nos na condição de pessoa perfeita e infalível.

Diante do abrigo de tanto conforto e inúmeros privilégios, Bete mergulhou na certeza de que tudo que excede às necessidades de sobrevivência e bem-estar pertence a outrem. Se verdadeira a sentença de que na religião encontramos a moral, não é menos plausível a afirmação de que quanto mais caminhamos alicerçados na ciência, mais progride em nós que a virtude é colheita advinda do semeio do conhecimento.

De certa maneira a união matrimonial tem o poder de colocar duas pessoas, pela energia do amor e do afeto, nos dois lados da margem em que os espíritos caminham abastecidos pelo fogaréu da eternidade, constituída pelo vaivém do trem da vida e da morte – o nascer, o morrer e o incessante renascer.

Logicamente, Bete estava escrevendo a sua própria história, podendo modificar, para melhor ou pior, o roteiro divino, que abre enorme leque de possibilidades por intermédio do misericordioso instituto do livre-arbítrio.

Inegavelmente, segundo o que lhes era possível compor, Bete e Antônio Luís tinham relacionamento e casamento felizes, principalmente pelo fato de se manterem equidistantes dos conflitos familiares e sempre agirem de modo discreto e sem segredar a terceiros nem suas alegrias nem suas tristezas.

Nos encontros e festas de família eram os primeiros a chegar e, também, os primeiros a sair, fugindo das provocações emitidas sob a desculpa do álcool, mas que na realidade não têm nada a ver com o nível de teor alcoólico, pois na realidade foram pensadas (e até ensaiadas) antes, em pleno uso e clareza da razão.

Casados desde 1938, o tempo passava e nada de Bete engravidar. O casal percorreu inúmeros especialistas até a descoberta de que o problema de infertilidade estava com o Antônio Luís, que rejeitou se submeter aos tratamentos disponíveis na época e não quis mais tocar no assunto.

– Bete, filha querida, esse aparente infortúnio de vocês não poderem gerar filhos talvez seja uma providência divina, pois se houver um desarranjo qualquer entre vocês como, por exemplo, a morte de Antônio Luís, o fato de não ter filho pode lhe facilitar as chances de recomeço e busca de vida nova.

– Que coisa, hein pai Joaquim! Como o senhor pode imaginar coisa tão terrível.

– Não estou imaginando nada e nem sendo ave de mau agouro. A família de Antônio Luís se mantém arredia até os dias de hoje. Depois de seu casamento Hermínia engravidou, dando-me o 18º filho e, a não ser seu esposo, ninguém da família se manifestou; nenhuma visita, nenhum cumprimento, nenhuma saudação.

– Mas o senhor e a Hermínia não dão nem tempo de alguma manifestação! Pouco antes de me casar, quando da morte da vovó Antônia, nasceu Manoela e, recentemente, nasceu mais um menino. Sei não meu pai, acho que está na hora de o senhor encerrar a produção. A Hermínia, apesar de ainda jovem, não tem mais saúde para enfrentar tanta gravidez seguida, haja vista que esse último parto não foi mais feito pela parteira Sagrada Conceição, ela teve que procurar o Dr. Fernando, temendo complicações.

– É isto mesmo pai. O senhor já tem idade avançada e a perspectiva é a Hermínia ficar viúva com uma penca de filhos pequenos. Toma tento pai Joaquim! – Aconselhou Diva.

– Onde já se viu! Lá vem vocês se meterem a me dar conselho. – Retrucou Joaquim, sem dar trela ao alerta das filhas e continuando o assunto...

– A meu ver, os familiares do Antônio Luís querem distância da gente, incluindo você (Bete), para em determinado momento poderem agir da forma que lhes aprouver, sem os impedimentos impostos pela existência de laços de amizade e

afeto.

– Que palavras duras, meu pai! – Indignou-se Bete.

– Não há nada de dureza. Estou apenas fazendo uma constatação e saiba que, nesta vida, quem não lê nem percebe a emissão de sinais, acaba se dando mal. – Arrematou Joaquim.

Diva, que se mantinha atenta à conversa enquanto mexia um tacho de geleia de manga no velho fogão do casarão da fazenda Ninho da Garça, entrou mais uma vez na questão em pauta.

– Querida irmã, nosso pai está com razão. Casei-me com o Adolfo, já tenho filho e nunca recebi nenhuma atenção dessa gente. O Antônio Luís é uma graça de pessoa, faz tudo para agradar e demonstrar amizade, mas está sempre sozinho nas comemorações realizadas por parte de nossa família.

– Pensando bem, vocês têm razão. – Aquiesceu Bete, cabisbaixa e entristecida.

– Não se deixe perturbar, querida Bete. Afinal, você terá de arrebanhar todas as forças para enfrentar a borrasca que se principia no horizonte de sua vida. Passados todos esses anos de seu casamento, período em que você experimentou luxo e muita felicidade, o seu marido já passa dos 60 e, pelo que sabemos, anda com a saúde cada vez mais debilitada.

– É verdade, meu pai. O Antônio Luís foi a médico em São Paulo e foi constatada grave anomalia cardíaca. Porém, ele não deu importância às recomendações médicas e continua com a mesma carga de trabalho, agindo como se nada houvesse acontecido.

– Pois é, minha irmã, temo muito por você, apesar de eu mesma passar meus perrengues com o Adolfo. Todavia meus problemas são exclusivamente entre mim e ele, enquanto os seus (apesar dos esforços que você e o Antônio Luís sempre fizeram, para manter o pessoal distante) envolvem um montão de gente e incontáveis interesses financeiros. – Ponderou Diva.

– A esta altura, Bete, a família do Antônio Luís já deve estar articulando como agir com rapidez caso o Antônio Luís morra, o que não é ocorrência improvável, porque para morrer basta estar vivo e quem padece de insuficiência cardíaca se

coloca muito mais próximo de experimentar a materialização dessa filosofia popular. – Previu o pai Joaquim.

– Vocês estão sendo muito duros comigo, mas infelizmente tudo o que ouvi um dia de minha amiga Nininha se me apresenta cada vez mais real e bem encaminhado. – Condoeu-se Bete.

– Não se permita abalar, filha querida! A providência divina sempre surge no ápice da necessidade. Não será diferente com você.

– Nosso pai tem razão. Você não será abandonada nem por nós nem por Deus. Além do mais, na hora certa o milagre acontecerá, realizando o que se imaginava impossível. E então, minha irmã, sua vida se reconstituirá sob os raios de nova luz. – Prognoticou Diva.

– É o que espero. Graças a Deus sempre nos é permitido sonhar, numa luta contra a realidade e o tempo. Acredito na força contida no espírito que me habita e que foi gerado pela luz invisível do Criador. Ou seja, no começo de todas as coisas eu vagava (como brisa) sobre o fino espelho da lâmina das águas cósmicas e, assim sendo, sou dotada da capacidade de navegar em condições desfavoráveis e adversas, vencendo e dobrando os cabos das tormentas e intempéries da existência.

OS IMPÉRIOS SUCUMBEM À SOBERBA QUE VAI CORROENDO O DISCERNIMENTO E A SENSIBILIDADE SOCIAL DE SEUS IMPERADORES, como bem elucida Santo Agostinho em um de seus sermões: “Logo que a ignorância ocupou os postos e distribuiu as honras, sem maiores cuidados, o Império Romano caminhou a passos largos para a ruína inevitável”.

A saúde debilitada de Antônio Luís acendeu a luz vermelha nos membros de sua família que, paulatinamente, foram se aproximando dos negócios, mas com muita dificuldade e temores, pois nunca se interessaram e sequer detinham os conhecimentos necessários. Nenhum deles falava outro idioma além do português, o que era enorme barreira para tratar com empresários ligados à comercialização de pedras preciosas e exportação de laranjas. Todavia, assistia-se à ascensão de ignorantes, que passaram a frequentar o grande escritório de Cuiabá com a arrogância dos que têm a ignorância como elogiável predicado.

De todas as propriedades de Antônio Luís a de que Bete mais gostava era a fazenda Santo Antônio, onde a natureza se apresentava praticamente intacta. A densa floresta, com suas imensas árvores, sumia de vista no espaço sem fim, servindo de horizonte ao nascer e pôr-do-sol. Próximo da casa centenas de figueiras, uma floresta de mangueiras e até vários pés de jenipapo.

Ali, o seu amado Antônio Luís encontrava o local perfeito para o seu descanso, pois o local estava longe da civilização e não aparecia ninguém para incomodá-lo com os assuntos de negócios. A viagem até o local era feita de avião e, por isso, o aviador Maciel Augusto era uma companhia constante, sempre à disposição caso houvesse qualquer imprevisto e Antônio Luís necessitasse de buscar recursos médicos.

Bete procurava não incomodar o marido, mas as notícias ruins chegavam de todos os lados, principalmente em relação ao filho de criação Romero, que agia como incorrigível dilapidador de recursos da família, acompanhado por toda a família, que nunca procurou saber de onde vinha o dinheiro.

Na lida diária, ora fazendo um chá, ora mexendo um doce de figo ou uma geleia de manga num tacho e até mesmo fermentando um licor de jenipapo, Bete não via o tempo passar. Por muitas vezes, visitava as aldeias vizinhas, nas quais muitos índios falavam o português mais ou menos. Não raro, recebia a visita deles na fazenda.

Preocupada com o peito arquejante do esposo, ela partiu rumo a Cuiabá, onde descobriu que o marido estava com tuberculose. Os médicos, devido à idade do paciente e as complicações provocadas pelo quadro de insuficiência cardíaca, indicaram que Antônio Luís fosse passar uma temporada em Belo Horizonte, que à época ostentava clima ideal para tratamento dos acometidos pela doença, apesar da existência dos antibióticos e quimioterápicos, que (desde 1940) trouxeram finalmente a cura da tuberculose. Antônio Luís, num primeiro momento se negou a viajar para Belo Horizonte, pois logo que chegou a Cuiabá foi procurado pelo chefe do escritório que cuidava dos negócios da família, que lhe revelou todo o descalabro, alertando sobre o risco de grandes danos financeiros. Mesmo debilitado, Antônio Luís se propôs a retornar imediatamente ao batente do mundo dos negócios.

– Que coisa suicida é esta, Antônio Luís! Você, com diagnóstico de tuberculose, planeja retornar ao comando dos negócios da família! – Esconjurou Bete.

– Mas os negócios estão afundando!

– E de que adiantará a sua presença, se em poucos dias você não conseguiria mais estar por lá! Você está mal de saúde e, além do mais, todos na família são crescidinhos e têm que aprender a se virarem. – Discorreu Bete.

– Está bem, você tem razão. – Concordou Antônio Luís.

– Está bem. Vou pedir ao Maciel Augusto para me levar até Guiratinga, preciso ver como estão as coisas na confecção, a qual não tive coragem de fechar, pois é o sustento de Ana e Amélia. Em breve, vou deixar tudo pra elas, como um prêmio por tudo que elas fizeram por mim. Passarei também pela fazenda Ninho da Garça, para ver meu pai, meus irmãos e, também, energizar meus pés.

Com a cabeça mergulhada em mil e uma preocupações, Bete tomou o avião, no qual foi matutando sobre as questões a ser resolvidas.

– Como estão, queridas sócias? – Disse Bete às amigas, Ana e Amélia.

– Que surpresa! – Saudaram em coro.

– Olha, queridas professoras, a confecção agora será apenas de vocês!

– Como assim, querida Bete! – Exclamou Amélia.

– Ando afastada e, pelo jeito, não mais retornarei, pois meus afazeres não me permitem firmar outros compromissos.

– Mas tudo aqui foi você quem comprou! – Lembrou-lhe Ana.

– Não faz mal e ademais vocês merecem. – Afirmou Bete.

– Você não sabe o futuro, querida Bete. – Apontou Amélia.

– Se acontecer algo de ruim, vocês me dão emprego. E tudo bem!

Abraçaram-se então num pranto de alegria e emoção; lacrimejar que somente as amizades verdadeiras são capazes de verter.

– Dê-me um abraço, pai querido! – Era Bete chegando à fazenda Ninho da Garça.

– Como vai, minha filha? – Indagou Joaquim.

– Eu estou bem, mas o Antônio Luís não anda bem de saúde. Inclusive aqui estou porque deverei viajar até Belo Horizonte, onde passarei uma temporada, para ver se o meu marido melhora da tuberculose.

– Doença traiçoeira e ainda mais para o Antônio Luís, que tem problemas cardíacos. – Observou Joaquim, bastante preocupado com a situação.

– Nossa, Hermínia, outra vez barriguda! – Assustou Bete, ao ver a madrastra novamente grávida.

– Sim Bete! É o 19º filho de seu pai e o último meu, pois não quero mais enfrentar parto. Da vez anterior e desta feita também será Dr. Fernando o médico responsável pelo parto. Eu tenho sentido tonteiras e estou andando com a pressão muito

alta.

– Não sei se estarei por aqui à época do nascimento da criança, mas onde estiver eu estarei rezando e torcendo para que tudo dê certo. – Proferiu Bete, que se condeou com a situação de Hermínia e, também, com a condição do pai, que caminhando para o final da vida ainda estava colocando filho no mundo. Um filho que ele não veria crescer.

Bete foi então até a casa da fazenda onde um dia morou com a avó. E silenciosa chorou de saudade da avó que já havia partido para outra dimensão e, igualmente, pela irmã Diva, que não morava mais na fazenda e nem na redondeza, pois se havia mudado com o marido e dois filhos para o estado de Goiás. E com o peito em dor, suspirou longamente.

Envolta em sofrimento, Bete se lembrou dos alertas da avó em torno da necessidade de tentar revestir a vida com os tons da felicidade. Dizia a popular maestra Antônia que a preocupação de todos deveria ser fazer de cada dia um paraíso inteiro.

Ao retornar a Cuiabá, Bete encontrou Antônio Luís com o estado de saúde bastante piorado, uma vez que seu ânimo psicológico era baixíssimo. Sentia-se fracassado por não ter conseguido construir um substituto dentro da família. Muitas vezes tentou atrair o filho adotivo Romero para trabalhar com ele no escritório, mas o menino nunca quis saber de nada.

O comércio com o mundo exterior já dava sinais de debacle, com quedas na exportação de laranjas e nas negociações no mercado de pedras preciosas. Antônio Luís previa o pior, pois os empresários estrangeiros fogem ao perceber ingerência e falta de zelo, gerando desconfiança. Entretanto, não havia o que fazer e, infelizmente, todo o enorme patrimônio da família estava fadado a encolher e ganhar a forma e o tamanho da mente pequena dos novos gestores, cuja mentalidade era baixa demais para lhes colocar em alerta sobre a desgraça financeira que se lhes avizinhava.

Bete não tinha a menor condição de se lhes apresentar preocupada com o que já circulava a boca pequena nos ambientes da alta sociedade, onde o infortúnio dos endinheirados se transforma no assunto das festas regadas a bebida e fofocas

sobre os bastidores sociais da alta burguesia, que entre um uísque e outro vai traçando o destino da classe trabalhadora, responsável pela roda giratória que move e dá vida ao capitalismo que sem mão de obra, produto e mercado de consumo morreria no mofo dos cofres blindados, sob a indolência inzoneira de seus proprietários.

A menina-moça Bete, que não teve infância, via perder-se nos vãos do destino a sua juventude, que a passos largos – sem bailes de valsa nem sonhos de adolescente, naufragava nos ais do esposo amado, cuja doença a levaria à cidade de Belo Horizonte no ano de 1948, quando se encantou com a cidade, a começar pela Avenida Afonso Pena, que àquela época era totalmente arborizada, num verdor que a vazia lembrar-se das fazendas Ninho da Garça, pertencente ao seu pai e Santo Antônio, que era de seu esposo Antônio Luís.

Hospedada no Hotel Othon, Bete pediu para ficar em quarto localizado em andar bem no alto, pois queria se pôr, nas horas de descanso, a contemplar as famosas montanhas de Minas, que para uns aprisiona a geografia emocional, enquanto para outros é motivação, um incentivo natural à busca e à caminhada bandeirante por terras afora, dobrando serras e morros ao encontro do desconhecido.

AO AMOR SE AGUARDA COM A EXPECTATIVA DE LIBERDADE, POIS AOS AMANTES CABE O VOO e não correntes. Quando alianças ganham o peso de algemas é sinal de que o amor perdeu o fulgor e, em vez de verão no peito, arde no frio de rigoroso inverno.

Ao chegar a Belo Horizonte, Bete logo foi se informar sobre a localização do consultório do médico que lhe foi indicado pelo Dr. Fernando, que tranquilizou a amiga afirmando que o marido já estava tomando os antibióticos contra a tuberculose, mas deveria buscar tratamento para melhorar a insuficiência cardíaca. Bete ficou contente ao tomar conhecimento de que o consultório ficava a poucas quadras do Hotel Othon.

– Venha à janela para ver como a cidade é linda e que brisa fresca nos vem das montanhas. – Disse Bete ao marido quando a tarde caía vagarosa, preparando a entrega do dia aos braços da noite.

– Realmente é uma bela paisagem. Essas montanhas nos levam à reflexão, impelindo-nos a uma solitária introspecção.

– Você tem razão, Antônio Luís. Não é à toa que tenha cidades como Ouro Preto e Mariana com suas igrejas barrocas, ostentando magníficos altares talhados pelas mãos sensíveis e talentosas do grande mestre escultor Aleijadinho. – Pontificou Bete, graças a ensinamentos da avó Antônia.

– Certamente, querida Bete, pois ambiente inspirador é o que não falta por aqui. – Esculpiu Antônio Luís.

– Hoje não vamos dormir muito tarde. Que tal irmos ao refeitório do hotel e lá tomarmos uma sopinha leve? – Convidou Bete.

– Claro que sim, preciso me alimentar e ver se amanhã eu esteja melhor, ao nos dirigirmos até o médico.

– Com certeza, depois de boa noite de sono, você acordará mais disposto, querido.

Rumaram-se até o refeitório num elevador que foi parando em cada andar. Antônio Luís tomava uma taça de vinho,

enquanto esperava pela sopa.

– Bete, cadê aquele bilhete que os médicos de Curitiba, aliados ao Dr. Fernando, nos entregaram solicitando que o abrissemos somente quando chegássemos a Belo Horizonte?

– Está na minha bolsa, que ficou lá no quarto! Vou buscá-la, aguarde apenas um minutinho.

– Não é preciso, querida!

– Não me causa nenhum incômodo. E ademais, eu também estou curiosa. – Revelou Bete.

Não demorou muito e Bete voltou com o bilhete nas mãos. E Antônio Luís cuidou de fazer a leitura em voz baixa:

– “Querido amigo Antônio Luís, há seis meses você vem tomando antibióticos para tuberculose. A recomendação para a separação de seus objetos de uso pessoal, não viajar e ficar em seu escritório a alguma distância dos companheiros de trabalho e até usando luvas, foram medidas adotadas, exclusivamente, por causa da doença. Felizmente para nós, você é pessoa atarefada demais, enquanto Bete é esposa determinada e disposta a aceitar de bom-grado tudo que é indicado em prol da saúde do marido, o amor de sua vida. Fizemos isso porque se disséssemos que era para você se dirigir a Belo Horizonte, visando uma consulta cardiológica, certamente o amigo não iria, uma vez que convive há tantos anos com a insuficiência cardíaca que nem liga pra ela! Quando revelamos à amiga Bete que você estava com tuberculose, o processo de cura já estava no fim e ela sem saber se manteve distante de contatos físicos, imaginando que se tratasse de cuidados em relação ao coração, que é problema que ela e você enfrentam juntos anos a fio. Bete, ao que imaginamos, ficou achando que poderia contaminá-lo, quando na verdade poderia acontecer o contrário. Enfim, o que não queríamos é que vocês se estressassem com o duplo tratamento de doenças: a tuberculose e a insuficiência cardíaca – esta sim, um problema que precisa ser mais bem acompanhado. Então, se vocês abriram esse bilhete é porque chegaram bem a Belo Horizonte. Saibam que nos sentimos felizes, pois o nosso objetivo foi alcançado.”

Bete e Antônio Luís riam a valer da peça que os médicos lhes aplicaram para conseguir a ida deles até Belo Horizonte.

– Viu no que deu a sua renitência! Foi preciso toda uma trama para conduzi-lo a uma indispensável e talvez até urgente consulta médica. – Asseverou Bete.

Assim que terminaram a refeição noturna voltaram ao quarto, onde ficaram algum tempo debruçados no parapeito da janela, deitando o olhar sobre a longa Avenida Afonso Pena, onde pessoas vistas do alto transitavam dando a impressão de tratar-se de colônias de formigas, que iam e vinham sabe-se lá de onde.

– Vovó Antônia dizia que nossos pés caminham sobre papéis-carbono, que vão deixando nossos rastros num mundo paralelo (em outra dimensão), onde também caminhamos ou, quem sabe, estejamos agora debruçados em alguma janela.

– Ah, Bete, eu não acredito e nem descredito nessas coisas. Porém creio que a eternidade seja uma continuidade, uma extensão do nosso espírito, que leva a sua existência numa celestial e interminável busca de conhecimento, a fim de ampliar o seu aperfeiçoamento.

– Perfeito, Antônio Luís! Trouxe-me à lembrança o meu pai Joaquim e, principalmente, a saudosa vovó Antônia, que usava tais questões espiritualistas como introdução a causos de assombração ainda hoje na memória da população de Cuiabá.

– Não seja por isto, veio-me à mente um caso que nem sei mais quem me contou.

– Vamos então à história para em seguida cairmos no sono. – Programou Bete, que apreciou ver o marido absorto e falante, certamente sob os efeitos do terapêutico bilhete.

– Não há dúvida de que grande parte das lendas cuiabanas deriva da falta de iluminação nas ruas da antiga Cuiabá. Contam que um comerciante de nome Quim Proença, dono de restaurante no centro da cidade que, para obter mais lucro, levava refeições até pessoas que trabalhavam em garimpos às margens do Córrego da Prainha, era a expressão máxima do ciúme.

– Homem esforçado esse Quim Proença! – Aplaudiu Bete.

– Pois é, além de trabalhador, ele era conhecido pelo ciúme doentio que tinha da mulher. Uma linda e jovem morena

como você!

– Não chateia Antônio Luís, prenda-se ao enredo da história. – Caçoou Bete.

– Dizem que o ciúme era tanto que ele nem deixava a mulher ir ao restaurante ajudá-lo, apesar de ter de atender a inúmeros fregueses.

– Que coisa! – Criticou Bete.

– Daí então um dos assíduos clientes chegou um dia para jantar e lhe disse: “Seu Quim, enquanto me encaminhava ao restaurante vi um homem entrando na sua casa”. Quim Proença ficou transtornado e saiu enfurecido levando uma faca na mão, tropeçando nas saliências e declives das ruas escuras e sem calçamento.

– Minha nossa, que homem alucinado! – Inferiu Bete.

– Lá chegando, em meio à fraca iluminação advinda de lamparinas, gerando fagulhas de luz misturadas a sombras e penumbras, Quim Proença vislumbrou a figura de um homem deitado na rede da varanda da casa. Não titubeando, cego pelo ciúme, caiu sobre o intruso, desferindo-lhe inúmeras facadas.

– Que horror! – Condenou Bete.

– Ao passo que Quim Proença esfaqueava o homem que julgava tratar-se de nojento destruidor de lares, veio a esposa gritando desesperada casa afora:

– Pare Quim, pelo amor de Deus, pare! Você está matando o seu pai!

– Que história mais triste e, ao mesmo tempo, muito real, pois o ciúme é ligado à vaidade e ao sentimento doentio de posse.

– Alertou Bete.

– Isto mesmo e tem também a questão do freguês fofoqueiro que acabou provocando a morte de uma pessoa inocente. A verdade é que o ciúme é sempre péssimo conselheiro.

– E é mesmo, meu querido. E já que, como fazia minha avó, você não toca piano, eu vou tomar meu banho.

– Deixe-me escovar os dentes antes de você entrar no banho, pois quando você deixar o chuveiro talvez eu já esteja dormindo.

Bete tomou banho demorado, lavando o cansaço de

quem mentalmente caminhou, subiu e dobrou um punhado de montanhas.

Ao deitar-se seminua ao lado do marido, ele despertou, descongelou o amor conservado há meses sob uma frígida temperatura de indiferença glacial – e bebeu com sofreguidão o néctar da juventude que lhe jorrava do corpo da mulher amada.

OS DIAS PARTEM SEM DOR, POIS SE CONTENTAM COM O DOCE SABOR DE ESTAR VIVOS NA LUZ DOS DIAS QUE VIRÃO.

Bete não possuía elevado grau de escolaridade. Saber ler e escrever foi uma sorte que o destino lhe encaminhou por intermédio da avó Antônia.

Sem saber o porquê, a jovem Bete se sentia fortemente atraída pela cidade de Belo Horizonte. Muitas foram as vezes em que deixou o marido no Hotel Othon e se arriscou a andar de bonde, tanto Avenida Afonso Pena acima, quanto partindo no sentido dos bairros Cachoeirinha, Gameleira, Bom Jesus, Padre Eustáquio etc.

Numa dessas viagens, desceu na Praça Sr. Bom Jesus ao ouvir cânticos provenientes de santuário ali localizado, onde orou fervorosamente, implorando ao Criador que lhe guiasse os passos.

Era uma manhã ensolarada de domingo e, após assistir à missa, Bete percorreu algumas ruas do bairro, observando tudo sob o estranho sentimento de intimidade com o lugar: “Meu Deus que sensação estranha; é como se esse lugar fizesse parte de minha alma. Que pedaço de céu azul é esse recanto!”

Ao retornar ao hotel não encontrou Antônio Luís, que deixou recado na portaria dizendo que havia ido à Praça Sete tomar sol e ver a movimentação. Bete então foi à procura do marido.

– Que boa diversão é passear neste tal de bonde elétrico.
– Foi logo dizendo a Antônio Luís, assim que o avistou.

– Pelo jeito você gostou mesmo! – Ratificou o esposo.

– Sim, adorei o passeio de bonde pela cidade afora. Fiquei sabendo que as primeiras linhas foram inauguradas em 1902. Citaram-me as localidades, mas não guardei os nomes.

– Não faz mal, você não tem familiaridade com a cidade e guardou o principal, a data. Será que existe ramal ou extensão que leve até a famosa Pampulha e sua lagoa?

- Tem sim! Que tal irmos amanhã?
- Vou pensar no assunto! – Respondeu Antônio Luís.
- Constato que desde a nossa ida ao Dr. Cândido Ferreira, você está introspectivo e distante.
- Mas não é para menos, Bete. Eu pedi franqueza ao médico e, mais que franco, ele foi.
- Nem precisa dizer nada. Eu estava ao seu lado.
- Pois é, querida Bete, meu problema cardíaco não tem solução e claramente, pelo que ele colocou, a nova medicação que me foi passada é apenas para manter a minha velha e enferrujada máquina funcionando. Vivo a mesma situação daquele carro antigo que conservo na garagem de nossa casa em Cuiabá...
- Como assim, meu querido? – Interveio Bete.
- Posso andar desde que não seja pra muito longe e nem muito depressa. Tal qual aquele meu velho carro.
- Mas tomando a nova medicação, o seu organismo pode reagir e melhorar. – Diagnosticou Bete.
- Claro que não, Bete! O problema é que meu coração está com suas fibras e músculos sem a devida elasticidade. Talvez num futuro distante criem drogas farmacológicas e até cirurgias coronárias regeneradoras, mas por enquanto o que temos disponível na medicina é remédio de manutenção, que não possuem a capacidade de estabelecer qualquer melhoria significativa. E assim sendo, amanhã nós iremos passear de bonde pela região da Pampulha e, no dia seguinte, iremos retornar a Cuiabá. É caso resolvido. Ontem pedi ao gerente do Hotel Othon para passar um telegrama dirigido ao aviador Maciel Augusto, que vai nos aguardar em São Paulo, a fim de nos levar para casa.
- Se está tudo resolvido não cabe mais a minha opinião. Porém, acho que você está certo. Aposto que amanhã você gostará de conhecer o bonde, que é um meio de transporte muito democrático, possibilitando a interação entre vários tipos de pessoas e classes sociais.
- Aprecio tudo que contribui para a confraternização e integração entre as pessoas. O aspecto coletivo do bonde me agrada muito. – Ponderou Antônio Luís.

Naquele dia, depois de saber que estava prestes a deixar Belo Horizonte, Bete enfrentou uma noite na qual não conseguiu conciliar o sono e, enquanto o esposo dormia profundamente, ela ficou por horas (madrugada adentro) a observar a cidade da janela de seu quarto de hotel.

No outro dia, apesar das poucas horas de sono, Bete amanheceu toda animada e quando o marido acordou, ela já estava no refeitório tomando a segunda xícara de café...

– E aí dorminhoco, tome logo o seu café para sairmos a passeio de bonde pela cidade. Na volta, eu irei à farmácia que ficou de sair à busca dos remédios que ficaram faltando. É uma providência importante, pois pode ser que não encontremos em Cuiabá. – Programou Bete.

– É iniciativa de grande importância, pois todos eles são de uso contínuo. Por isso mesmo eu encomendei muitas caixas. Ao invés de compras e lembranças de nossa estada em Belo Horizonte, vamos chegar a casa com mala cheia de produtos farmacêuticos, como se eu fosse representante de laboratório. Eita vida! – Lamentou-se Antônio Luís.

– Lá vem o bonde! – Gritou Bete, em euforia.

– Calma, você está parecendo uma menina! – Condenou Antônio Luís.

– Bom-dia Bete! Uai, você de novo no bonde?

– Bom-dia Odete! Vim trazer o meu marido Antônio Luís para dar um passeio. Hoje é o nosso último dia na cidade.

– Que pena! Vou lhe dar o endereço do hotel de uma prima. Ele fica na Rua dos Caetés, a um quarteirão da Avenida Afonso Pena. O nome é Hotel Belo Horizonte. – Disse Odete, que cuidou de se acomodar em um lugar do lado.

– Onde e como você a conheceu, Bete?

– Foi no último domingo, quando assistia a uma missa num santuário chamado Senhor Bom Jesus.

– Bete, toma aqui o endereço do hotel sobre o qual acabei de lhe falar. Se um dia você voltar, hospede-se nele, pois se sentirá em casa. Coloquei até o nome do gerente, que é pessoa muito atenciosa. Chama-se Zecarlos.

– Obrigada Odete, vou guardar com carinho, pois nunca

se sabe, vai que um dia eu precise! – Respondeu Bete, pegando o papel e colocando na bolsa.

– O futuro a Deus pertence. Boa sorte para vocês. – Disse Odete, descendo apressada do bonde.

– Que mulher doida, Bete. De que lhe servirá esse endereço. As chances de você retornar algum dia a Belo Horizonte praticamente inexistem. – Ironizou Antônio Luís.

– Deixe de ser ranzinza. Ela só quis ser educada e prestativa. – Observou Bete.

Ao contrário do dia anterior, na manhã de viajar de volta pra casa Antônio Luís foi o primeiro a se levantar, estava aflito para chegar à cidade de Cuiabá, pois tinha a atormentá-lo um rosário de sentimentos ruins, sobre os quais não falava com Bete.

Já em solo cuiabano, Antônio Luís cuidou de colocar alguns frascos de remédio no bolso do paletó, antecipando a possíveis problemas de pressão. Dirigiu-se até o escritório dos negócios da família, onde ele encontrou tudo mudado, a começar de seu escritório.

Sentido o coração disparar e sem forças para enfrentar a situação, na qual grandes amigos posavam de neutros e não queriam tomar partido, numa explícita prova de que a verdade insofismável é que toda pessoa isenta é tão auxiliar do opressor quanto o maior e mais fiel de seus colaboradores, Antônio Luís optou por retornar ao lar, onde não encontrou a esposa.

Bete havia ido encontrar-se com a amiga Nininha no hotel da família. A companheira fiel fez questão de contar tudo o que se passava, alertando-a para o fato de que a família de Antônio Luís arrendou a pistoleiros um terreno fronteiro à fazenda Ninho da Garça, colocando intencionalmente pai Joaquim e a família sob o mais constante temor, havendo até risco de morte.

Como desgraça nunca vem desacompanhada, Hermínia corria risco de vida com a nova gravidez. Dr. Fernando achava que a criança seria retirada por cesariana aos oito meses no máximo.

– É muita informação ruim para a minha cabeça. – Constatou-se Bete.

– Infelizmente, eu tinha que lhe contar. Não havia (e não

há) outro jeito. – Desculpou-se Nininha.

Bete agradeceu e saiu ao encontro de Antônio Luís, que entristecido e com a respiração em descompassada sofreguidão a esperava.

Antônio Luís já sabia de tudo, inclusive da perseguição aos familiares da esposa Bete, a quem chamou para uma conversa a portas fechadas.

– Olha Bete, vou tirar do cofre a escritura de uma fazenda que consegui manter fora do espólio de bens da família. Hoje mesmo vou ao cartório transferi-la ao seu pai Joaquim. Assim sua família se muda para Goiás, mais precisamente para a cidade de Ceres.

– Mas o que será de meu pai?! Ele não tem nada a ver com Goiás.

– Tem sim. Foi andando por lá que ele conheceu sua mãe Francisca. E tem mais: você não sabe, mas sua irmã me procurou um dia implorando por ajuda, pois o marido Adolfo dispunha apenas de pequena gleba de terra para tirar o sustento da família. Diante da premência do assunto, eu lhes arrendei (sem qualquer ônus) extenso pedaço de terra de muita qualidade, que foi extraído da fazenda Chão Berrante, que passarei às mãos de seu pai. Assim seu Joaquim, ao invés de ter um pedaço de terra arrendado ao genro Adolfo, poderá tê-lo como auxiliar na administração da fazenda.

– Maravilha, assim meu pai estará novamente ao lado de Diva, que certamente cuidará dele com muito carinho. – Apostou Bete, mergulhando em prantos.

Como mudanças radicais de vida demoram a ser colocadas nos escaninhos da concretização, tudo foi acontecendo devagar, mas sempre no rumo da efetiva materialização.

Antônio Luís propôs a Bete que ela fosse ficar com o pai em Guiratinga, pois ele passava por agruras demasiadamente pesadas para a sua idade avançada.

– Mas e você, como se arranjará aqui em Cuiabá?

– Não se preocupe, aqui tem o Maciel Augusto, que a levará a Guiratinga e retornará. Posso contar também com a Nininha, além de outros bons amigos, que não são muitos, mas

graças a Deus ainda existem.

No retorno de Maciel Augusto, Antônio Luís teve uma longa conversa em particular com o amigo de tantos voos.

– De que se trata a conversa que o senhor tanto quer ter comigo, patrão amigo?

– Como você sabe estou com sérios problemas cardíacos e posso partir a qualquer hora rumo aos mistérios da vida eterna. Mas existe também todo um leque de desavenças em relação à minha família, que resolveu tomar as rédeas dos negócios que eram tocados por mim há muitos anos. A nova direção vem fazendo contratos com pouca acuidade, movendo grandes prejuízos ao patrimônio acumulado com tanto esforço e sacrifício.

– Não se preocupe Antônio Luís. Você há de melhorar e tudo retornará ao leito natural de sempre. – Previu Maciel Augusto.

– Você é aviador, mas não aja de maneira aérea. A situação não tem conserto. O café esfriou de vez e não há como ser reaquecido sem se transformar em bebida intragável.

– Então como ficaremos?! – Indagou Maciel Augusto.

– Aqui estão os documentos do avião. Ele agora é seu. Porém, enquanto eu estiver vivo, você continua me prestando serviço.

Maciel Augusto chorou feito uma criança...

Enquanto isto, lá em Guiratinga, o circo da vida de Bete pegava fogo literalmente.

– Dr. Fernando, quais são as chances da Hermínia e da criança? – Perguntou Bete.

– O quadro somente se definirá na mesa de cirurgia. – Respondeu, laconicamente, o Dr. Fernando.

– Que Deus nos ajude neste momento de extrema aflição e dor! – Orou aos céus o pastor Joaquim.

As horas de espera se arrastaram. Era como aguardar pelo sol após semanas de chuva e céu totalmente dominado por nuvens escuras, sem nesga alguma de claridade.

– De repente, com os olhos banhados em lágrimas, o Dr. Fernando dá a triste notícia:

– Meus queridos amigos, infelizmente a nossa Hermínia

acaba de falecer.

– E a criança?! Desesperou-se Bete.

– Graças a Deus, o menino está a salvo. Num último desejo, Hermínia pediu para que ele seja batizado com o nome de Joaquim Hermínio Alcides.

– Assim será feito, Dr. Fernando! – Balbuciou Joaquim, que teve de receber socorro médico.

Dali em diante os vivos procuraram se ajeitar, pois o espetáculo da vida tem que continuar. Todo o tempo foi gasto em se achar maneira de a família absorver o golpe e renascer das cinzas. Nenhum dos membros da família estava em condições de enfrentar os desalmados pistoleiros e agressores no entorno da fazenda Ninho da Garça, provocando e fazendo as mais torpes e agressivas ameaças.

A primeira preocupação era com o recém-nascido Joaquim Hermínio, mas a providência divina cuidou de encaminhar solução: a irmã de Hermínia, a gentil e ponderada Manoela, se dispôs a adotar a criança. Joaquim, que ao longo da vida deixou alguns filhos pelo caminho, repetia com o filho mais novo o mesmo que fez com a filha mais velha. Ou seja, deixava-o em lar de gente responsável, que certamente faria dele um bom homem, um cidadão com senso de coletividade e seguidor dos ensinamentos de Jesus Cristo.

Diante do cheiro de pólvora que exalava do conflito com o pessoal da família do Antônio Luís, que muito doente não tinha como conter a fúria da família (que na realidade desejava mesmo era negar qualquer reivindicação legal de Bete em caso de morte do marido), Joaquim não teve dúvidas em aceitar a proposta do genro Antônio, principalmente ao tomar conhecimento de que conviveria novamente com a filha Diva – uma esperança que surgia no horizonte de seu destino, pois ainda tinha filhos menores para acabar de criar.

– Não posso simplesmente ficar com a sua fazenda em Goiás. – Reclamou Joaquim.

– Este problema é meu, pastor Joaquim. – Respondeu Antônio Luís, em tom resoluto.

– Então você fica com a fazenda Ninho da Garça em

troca. – Sugeriu Joaquim.

– Nada disto. O senhor está é doido, não estou à procura de cavar problema com as minhas mãos. Eu vou é ajudá-lo na venda de sua fazenda e o senhor fica com o dinheiro, pois necessitará dele para poder tocar uma grande fazenda como é a Berrante do Chão, que é localizada bem perto de Ceres. Pode-se dizer que a fazenda está dentro da cidade. E caso um dia vocês pensem em vendê-la por alguma razão, procurem loteá-la, pois terão mais lucro, uma vez que preço de terra anda muito baixo no Brasil. O metro quadrado em zona rural é bastante inferior ao preço de lote em área urbana.

Enquanto procurava um bom comprador para a fazenda Ninho da Garça, dando preferência a gente que jogasse água na fervura dos pistoleiros sem alma que atormentavam a família do sogro, Antônio Luís chamou Bete para ir ao curso de costura e bordado e, também, fazer uma visita à confecção.

Para surpresa de Ana e Amélia (e até de Bete), Antônio lhes doou o cômodo em que tinham montado a confecção, tendo Bete como uma das sócias. O mesmo fez em seguida, no tocante ao local em que funcionava o curso profissionalizante comunitário de costura e bordado.

Ao passo que tomava tais medidas em Guiratinga, Maciel Augusto (amigo e empregado de confiança) passava às mãos de Nininha a documentação de casa modesta que Antônio possuía na periferia de Cuiabá, mas que serviria para tirar a amiga do aluguel.

À noite, na casa em que Bete morou com Antônia na pequena Guiratinga, Antônio Luís passou às mãos de Bete valiosa pedra de diamante, a qual ela poderia vender no momento que bem entendesse, sem ser atormentada pela cobiça de sua família miseravelmente materialista.

– Por que você está fazendo tudo isto, desenvolvendo um monte de ações como se fosse um acerto de contas – mais parecido com gestos de despedida? Não é preciso me dar pedra de diamante, você fez muita coisa para a minha família. Eu já sou herdeira da fazenda Berrante do Chão, que você deu ao meu pai, acolhendo inclusive minha querida irmã Diva. – Expressou-se

Bete, como quem interiormente soubesse a resposta.

– Querida Bete, você me deu os melhores e impagáveis anos de minha vida. E por outro lado, a minha felicidade lhe custou o gozo da juventude que você não pôde ter e que, certamente, seriam os melhores anos de sua vida. Ao fazer, ou melhor, proporcionar ajuda ao seu pai, à sua irmã Diva e também às suas amigas da confecção e do curso de costura e bordado, estou apenas lhe dando a liberdade de agir despreocupadamente quando eu partir – sem qualquer amarra ou pendência familiar a lhe prender por aqui, podendo dar outro destino à sua vida sem bagagem e consciência absolutamente tranquila. Enfim, o meu desejo sincero é que você voe como garça que saiu do ninho!

Passados mais alguns dias, como o Criador abençoa os bons, Antônio Luís abiscoitou um comprador para a fazenda Ninho da Garça. Tratava-se de um coronel do Exército, de nome Olívio, do tipo durão, com quem ninguém se metia, além de ser famoso na região por lutar pela preservação da natureza e da floresta amazônica.

Nem bem a transação da fazenda foi concluída e os pistoleiros se mandaram da região, trazendo a explícita sensação de que a fazenda Ninho da Garça estava segura nas mãos do coronel Olívio – o que era um grande consolo, pois o berço da família continuaria existindo e guardando em seu solo a marca de passos e voos de esperança grudados, em eterna simbiose, nos galhos mais altos de sua densa floresta.

O velho senhor Joaquim fez questão de ser levado até Rondonópolis e passar às mãos de Manoela a escritura da casa de Guiratinga em nome do filho Joaquim Hermínio Alcides, como uma forma de lhe passar lembrança material capaz de provar-lhe a existência paterna, uma vez que, assim que partisse para Ceres, jamais veria o filho ou, ainda pior, talvez nem notícia viesse a ter, porque é assim que costumava acontecer no Brasil continental daqueles tempos, quando a barreira da distância jogava as pessoas, constantemente, no abismo sem fim do nunca mais.

Semanas se passaram e Bete se despediu do pai e dos irmãos (a maioria deles, ainda crianças e adolescentes, mal

percebia o que estava acontecendo), que entraram numa jardineira para Cuiabá, onde tomariam outra jardineira e depois mais outra e outra, até chegar à cidade de Ceres.

Nas mãos trêmulas de Bete, com o rosto embebido em licorosas e cálidas lágrimas, apenas um endereço para se comunicar em caso de saudade e precisão; o mesmo endereço que Diva lhe havia passado há uns dois/três anos: Ceres, Fazenda Berrante do Chão, caixa postal 111.

AS ESTRELAS QUANDO MORREM CONSERVAM O SEU CALOR POR TEMPOS A FIO, como uma espécie de lembrança do caldeirão de luz em que ardião. São as boas ações que dão às pessoas o poder de construir, através dos gestos de altruísmo, a sua primeira eternidade – a sua memória entre os amigos e entes queridos com os quais conviveu ou tiveram notícia de seu procedimento magnânimo na sociedade humana.

Tudo tem hora e cada coisa tem o seu lugar. Se uma nação tem muito palhaço fora da arte representada no tablado circense, com certeza, alguma coisa vai mal. É sinal de falta de seriedade e tentativa de empanar a desarmonia do quadro coletivo banhado em pranto e falta de motivos para alegria.

Bete se sentia literalmente sem chão, pois o chão em que nasceu passou a outras mãos e sua família viu partir numa jardineira, que sumiu na poeira da estrada, como o sol desaparece em dias fortemente nublados.

Antônio Luís solicitou a Manoela que o deixasse permanecer na casa em Guiratinga, pagando aluguel como inquilino qualquer, ao que a gentil nova proprietária aquiesceu, mas se recusando ao recebimento de aluguel, pois era uma forma de gratidão por ele ter estendido a mão a Joaquim, esposo de sua saudosa irmã.

Como se fossem figadais inimigos de guerra, a família de Antônio Luís desapareceu, era como se não existisse. Sequer o filho adotivo Romero procurava por notícia, agindo no firme propósito de amedrontar a jovem Bete, num recado subliminar de que, em caso de morte de Antônio Luís, mantivesse distância, pois eles estavam dispostos a tudo, conforme o despropósito do infame abandono de quem foi responsável pela fortuna que acumularam, explicitamente, demonstrava.

Dizia Antônio Luís que eles poderiam construir muitas ilegalidades com aparência de legalidade, uma vez que, como viajava muito, ele tinha o hábito de deixar folhas em branco com a sua assinatura. Afinal, não havia o porquê de alimentar des-

confiança, tratava-se da sua família. Somente agora Antônio Luís percebia que, logo após o seu casamento com Bete, a sua família começou a tramar contra ele, sob a fria análise de que, como ele era mais velho que a esposa, esta se transformaria em herdeira – e seus familiares não estavam dispostos a dividir nada com ninguém, considerando Bete uma indesejável intrusa.

Coração fraco, má circulação e profundo estresse desenhavam perigoso panorama de saúde, com risco de enfarte e acidente vascular cerebral. Dr. Fernando fazia o que estava ao seu alcance, apesar de não ter as ferramentas adequadas. Contudo a inarredável realidade era que a medicina não possuía à época meios para cuidar do grave problema de saúde de Antônio Luís.

Lamentavelmente, aconteceu o que ninguém desejava, até o próprio Antônio Luís rezava por uma morte como a da maestra Antônia. Numa manhã de muito calor, logo após ter ido ao banheiro, o adoentado empresário sofreu um AVC, sendo socorrido a tempo e a hora pelo Dr. Fernando, que acompanhado por Bete o levou para Rondonópolis às pressas.

Apavorada, Bete pagou a um chofer de praça para ir até Cuiabá, onde manteria contato com Maciel Augusto, que viria de avião a fim de levar Antônio Luís para São Paulo em busca de recursos mais avançados. Maciel não se fez de rogado e no dia seguinte apareceu cedinho, disposto a cumprir a empreitada.

Sem dinheiro, Bete teve que vender o diamante às pressas, a um senhor que era atravessador neste tipo de negociação. E mesmo diante de subavaliação, a esposa aturdida amealhou uma boa quantia em dinheiro e, assim, partiu para São Paulo, sob a firme proposta de não deixar Antônio Luís morrer à míngua.

A jovem Bete permaneceu ao lado do marido em coma, sem sinal algum de vida, durante 35 dias, gastando uma fortuna com os tais insumos e modernos procedimentos médicos, aos quais poucas pessoas eram (e ainda o são) capazes de custear.

Dessa forma, quando Antônio Luís conseguiu o beneplácito de Deus, passando-lhe às mãos o bilhete de acesso ao trem da vida – que é o único engenhado por Deus –, que percorre as duas margens paralelas de dimensões diferentes, levando

espíritos que se tornam invisíveis de um lado e se materializam de outro, Bete já estava remoída e esmoída física e financeiramente.

Abraçado à viúva Bete, o aviador Maciel Augusto chorou como uma criança que teve o voo de sua pipa interrompido por tremendo vendaval, levando-a para lugar longínquo e inalcançável.

A viagem de volta foi de uma tristeza ímpar. Bete se apresentava em estado apoplético perante tanta dor, que vinha em penoso arrastar desde a mudança de seu pai para Ceres.

Ao descer em Guiratinga, a notícia logo correu como pólvora no paiol. De repente, Bete se viu rodeada de rostos amigos: Frei Vicente, Dr. Fernando, Amélia, Ana, a velha parteira Sagrada Conceição, as amigas que fez no curso de costura e bordado, Manoela (que chegou apressada de Rondonópolis). Graças a Deus, Bete não estava só.

Atendendo a um pedido de Antônio Luís, ele foi sepultado no túmulo de maestra Antônia, dizendo que partiria rumo à eternidade ao som de piano bem tocado. Não apareceu ninguém da família de Antônio Luís, pois como todo exacerbado materialista tinha medo até da reivindicação dos mortos.

Bete ainda ficou em Guiratinga durante alguns dias, juntando fotos, velhas cartas, cartões e até bilhetes – pequenas lembranças tão caras ao seu coração. Pegou o bilhete que lhe foi dado por Odete e se pôs a fazer conjecturas e imaginar situações, enquanto lágrimas quentes lhe caíam rosto afora.

Praticamente todo o dinheiro auferido com a venda do diamante havia sido consumido pela doença do Antônio Luís: despesa de hospital, hotel, alimentação, chofer de praça, hangar para o avião de Maciel Augusto, o combustível da aeronave, os gastos com o sepultamento...

Decidida, Bete se despediu de todos os amigos – um a um –, sabendo que por mais que procurasse captar a lembrança do último flagrante, aquilo era desejo de que somente o espírito é divinamente adaptado para fazê-lo. Ainda assim, fez a sua parte em benefício de sua alma: caminhou a pé (ida e volta) até aos arredores da fazenda Ninho da Garça, que agora estava sob a direção de novo proprietário, o coronel Olívio. A égua Sonora a reconheceu e galopou ritmada até a cerca – cheiraram-se como

dois animais. E eram, e são!

O tempo todo Bete se desgastava na programação de seus passos. Como lhe ensinou a avó Antônia, tudo na vida carece de planejamento. Sua meta era passar os seis meses restantes do ano de 1949 na fazenda Berrante do Chão em Ceres, ao lado de seu pai e sua irmã Diva e depois partir para Belo Horizonte, onde esperava estabelecer-se. Se possível, adquirir uma casa no bairro Bom Jesus, no qual esperava ir ao encontro de um céu azul em sua vida.

Apesar dos pesares, o dinheiro que lhe sobrou da venda do diamante era suficiente para garantir a viagem até Ceres, com sobras para suas despesas durante os próximos meses e, ainda, daria para sua viagem para as Minas Gerais. Seu plano era somente fazer uso dos recursos que lhe foram deixados pela avó Antônia na compra de sua casa – um bem que lhe serviria de teto e faria justiça ao esforço de sua saudosa e inesquecível avó, que de alguma morada de luz celestial continuava a ampará-la, auxiliando-a a suportar e ter um olhar de compreensão e aprendizado diante dos dissabores da existência espiritual terrena, cumprida em carne, osso e consciência do sangue derramado por Jesus Cristo, para grafar na pedra refratária de nossas mentes a necessidade de se colocar em prática o amor ao próximo e construir na atitude fraterna o nosso terço de orações e gratidão ao Pai Eterno pela graça da vida.



Ilustração: Valdeci Almeida

HÁ INIMIGOS TÃO RENITENTES QUE NÃO SE CURAM NUNCA DA IRA DESVAIRADA, fazendo do malquerer descomunal a benquerença que carregam no peito. Em seu âmagô a felicidade é tão maior quanto mais infeliz, assim como a sonoridade que mais apreciam é feita de desarmonia.

Os familiares de Antônio Luís eram litigantes por natureza e ao perceberem que Bete não os enfrentaria, deixando-os decepcionados com suas armas nas mãos e sem utilidade diante de uma jovem despida de cobiça material, sentiram-se sob uma interminável e inesquecível ducha de água fria.

Bete saiu de seu Mato Grosso de cabeça erguida, carregando apenas os apetrechos emocionais, que alicerçavam o seu caráter de pessoa de coração aberto e pronto para receber seus semelhantes.

Ao lado da família, Bete viveu dias de contentamento e reconciliação com ela mesma, inebriando a mente com os fluidos

da compreensão e da esperança de que viesse a experimentar uma felicidade que sobre-excedesse as agruras por que havia passado nos últimos anos.

Na fazenda estavam todos na varanda do casarão da sede, numa tarde de sol abrasador de dezembro, quando de repente apontou um caminhão na estrada que desembocava na porteira de acesso à Berrante do Chão.

Adolfo pediu a um dos filhos de Joaquim que fosse ver o que era. O rapaz conversou com o caminhoneiro desconhecido e um auxiliar, companheiro de viagem. Abriu a porteira e o caminhão vagorosamente entrou.

De longe Bete viu um cavalo na carroceria. Curiosa correu até o caminhão e quase desmaiou de alegria, ao ver que era a égua Sonora em pessoa – pois animal de estimação é como gente!

– Moço do céu, que milagre poderoso é esse?

– Sou apenas o entregador. Apenas sei que esta égua veio do Mato Grosso e se encontra em viagem há muito tempo, pois devido a idade montaram todo um esquema de constantes paradas para o seu descanso. Muitas vezes ela ficou até 10 dias em determinados lugares, recebendo bom tratamento e até visita de veterinário, para depois prosseguir viagem. A sorte é que ela é muito mansa e não deu o menor trabalho. Inclusive estou aqui com uma carta de coronel Olívio explicando tudo.

Joaquim, a passos lentos, foi o último a chegar até o caminhão, enquanto Adolfo sugeria uma pequena elevação que daria altura correta para a Sonora descer, sem riscos, da carroceria.

Emocionadas, Bete e Diva liam a carta para o pai, que com os olhos marejados ouvia atentamente.

– “Sr. Joaquim, quando acertei a compra da fazenda Ninho da Garça, o Antônio Luís solicitou-me que, assim que me fosse possível, enviasse a égua Sonora até vocês, na cidade de Ceres. Então prometi a ele que, mais dia menos dia, eu lhes encaminharia a Sonora. Como não sabia nem como nem quando poderia cumprir a promessa feita, verbalmente, ao seu saudoso genro, eu optei por não comentar com ninguém da família, a fim

de não levantar expectativas. Mas aí está a Sonora, que andava tristonha no pasto e, ao certo, viverá contente os anos que lhe restam sob os cuidados de vocês, seus legítimos donos. Um abraço do coronel Olívio”.

– Minhas filhas, Bete e Diva, que alegria. – Regozijou-se Joaquim, acarinhando o pescoço da égua Sonora, que respondeu relinchando e saindo a pinotes, com se a bailar.

– Agora sim, meu pai, a família está completa! – Brincou Bete, abraçada à irmã Diva.

– Que grande presente de natal antecipado o espírito de Antônio Luís nos providenciou neste dia 20 de dezembro. – Suspirou Joaquim.

– É mesmo, meu pai. Sem saber o coronel Olívio, em vez de bilhete, nos enviou um cartão natalino.

Bete não anunciou aos familiares o dia em que partiria para Belo Horizonte, mas todos sabiam do seu desejo de iniciar o ano de 1950 na capital mineira. Para não se esquecer, já havia repassado à irmã Diva o endereço do hotel em que ficaria num primeiro momento, com a observação de que deveria ser colocado abaixo de seu nome o adendo: “aos cuidados do gerente Zecarlos”, ao qual ainda não conhecia. Pensava ela que a medida dificultaria o extravio de correspondência a ela remetida pelos familiares.

Como bem dizia o seu saudoso esposo Antônio Luís, não se deve jogar nas costas do dia a dia o peso do que está por vir ou acontecer, nem em caso de alegria e muito menos em caso de tristeza. Ou seja, os passos de amanhã somente acontecerão se você estiver caminhando no dia de hoje – no agora de sua vida.

Desta forma, Bete se pôs a aproveitar os momentos junto a seus familiares. Até arriar a égua Sonora e ir à cidade de Ceres, que ficava pertinho da fazenda, a um pescoço da égua, Bete experimentou. Todo espaço do dia era uma eternidade a ser vivida (e convivida) ao lado de sua gente amada.

Então chegou o esperado dia de Natal, com confraternização, troca de presentes, ceia e abraços calorosos, que tocavam profundamente o coração de Bete, que a tudo guardou como se fosse uma espécie de combustível a abastecer a retomada de

sua vida em Belo Horizonte, para onde partiu num 27 de dezembro, sem promessa de voltar, mas com a certeza de que levaria dentro de si a lembrança de todos.

Sentia-se formada, em mente e espírito, por um punhado de gente e um feixe dos lugares pelos quais passou e estará eternamente caminhando, como se estivesse transitando, a um só tempo, nas duas margens do rio da vida – uma tangível e outra invisível, porém não menos real.

Em Belo Horizonte, Bete se dirigiu ao hotel na Rua dos Caetés. Não encontrou o gerente Zecarlos, que passava férias com os pais no interior, numa cidade chamada Moema. Todavia, foi muito educadamente atendida por Geraldo Birucha, que logo se lhe revelou pessoa prestativa e de bom coração.

Quando falou que ali estava por recomendação de Odete, o gentil Geraldo Birucha afirmou que frequentemente ela passava no hotel para se encontrar com os proprietários, o casal Geni e Jorge. Odete era parente da Geni e amiga de ambos.

No dia seguinte, Odete bateu na porta do quarto de Bete, que agindo ligeiro já havia comprado uma máquina de costura e estava ajeitando sua colocação no quarto, que era espaçoso e bem arejado.

– Bete, que bom revê-la! O que a trouxe de volta a Belo Horizonte?

– Vim movida pelas intempéries da vida e acreditando que as luzes precisam de mim mesma para brilhar. – Poetizou Bete, sem entrar em detalhes.

– E quais são os seus planos? – Emendou Odete.

– Num primeiro momento, sem afogadilho, pretendo ficar um tempo no hotel. Pelo menos até eu ver um imóvel para comprar! Planejo costurar para fora e também montar um salão de beleza em minha própria casa. Pode ser até um barracão, não importa. Com o tempo cuidarei de ir fazendo melhorias. – Sonhou Bete.

– Você está certa. É fundamental e tranquilizador ter onde morar. Pelo visto você não tem planos para o réveillon e, pelo amor de Deus, não passe a virada de ano sozinha! Eu a convido para passar comigo, meus familiares e amigos num clube do qual

somos sócios e frequentamos há muitos anos. – Ofereceu-lhe, alegremente e de boa-vontade, Odete.

– Está bem. Você tem razão: não me convém dar asas à solidão, que é sempre uma péssima companheira e má conselheira. – Concordeu Bete.

– Não precisa nem se preocupar com o endereço ou com alguém para levá-la, pois o gerente Zecarlos chega de férias amanhã, mora aqui no hotel e nunca deixa de passar o fim de ano conosco!

– Mas Odete, eu nem conheço o moço!

– Não se preocupe, pois você o conhecerá. E acho que quem sai sozinha de tão longe não tem problemas com tais detalhes. Você não o conhece e terá boa oportunidade de conhecer pessoa que poderá ser-lhe bastante útil.

– Você tem razão, Odete. Pode contar com a minha presença. Com certeza estarei lá!

Por uma dessas coincidências da vida, ao descer para ir à rua, Bete se encontra com moça simpática na sala de hóspedes. Era Célia, tia do gerente Zecarlos, que estava em Belo Horizonte e voltaria à cidade que morava, Santo Antônio do Monte, na manhã seguinte.

Bete, que havia aprendido que coincidências não existem e a todo instante Deus está nos enviando sinais, ficou matutando com os seus botões: Zecarlos num bilhete da Odete; Zecarlos pra me levar ao réveillon; Célia tia do Zecarlos, que reside em Santo Antônio, nome da fazenda do meu falecido esposo – e eu ainda nem conheço o moço!

Naquele tempo Bete era uma bela mulher no esplendor dos seus 26 anos, desenhando sua silhueta na retina do olhar de desejo dos homens por onde passava.

No dia 31 de dezembro, Zecarlos chegou de Moema e logo recebeu o recado de Odete por intermédio de Geraldo Birucha.

– Homem de sorte você! A Odete lhe passou a incumbência de levar Bete ao réveillon. Uma linda morena mato-grossense que está hospedada no quarto 27.

Zecarlos se viu tomado pelas chamas da curiosidade por

todo o resto do dia. Queria porque queria conhecer a dama antes de se apresentar para levá-la ao Sírío Libanês.

Mal sabia ele que Bete havia comprado tecido e estava enfiada no costurar de um belo vestido, para não fazer feio junto às pessoas das quais esperava tornar-se amiga.

Por outro lado, conduzido pelas informações do amigo Geraldo Birucha sobre a boniteza da moça, Zecarlos resolveu investir num terno novinho em folha.

Assim, na noite daquele 31 de dezembro de 1950, dois jovens que não se conheciam, trajando roupa nova, tomaram um carro de praça à porta do Hotel Belo Horizonte e partiram rumo a um baile de réveillon que marcaria suas vidas para sempre com o ferro quente do destino – que determina as coincidências e os encontros de amor.

A festa estava animada. Muitos iam para a pista dançar, ao som de música ao vivo bem tocada até quando deu meia-noite e, ao grito uníssono de feliz ano novo, tudo virou carnaval.

Bete, que batia papo com Geni e o marido Jorge, Odete, Geraldo Birucha, um casal de novos conhecidos Antonieta e Milton Amaral, um médico de nome Fábio Fonseca e mais um punhado de libaneses (ou descendentes), cuidou de isolar-se num canto, para chorar às escondidas, mergulhada na lembrança e na saudade de seus familiares distantes – alguns na terra, outros no céu.

Zecarlos notou a angústia de Bete. Pegou um guardanapo de papel e nele escreveu com a devida assinatura.

Moça morena de bonito rosto
Por que todo esse desencanto?
De onde lhe vem tanto desgosto
A lhe molhar tão doce encanto
Com doloroso e amargo pranto?

(Do seu amigo Zecarlos)



Ilustração: Valdeci Almeida

Iniciava-se assim um flerte à espera do exponencial semeio dos dias para virar namoro e, se bem regado de gestos de carinho e afeto, transformar-se em amor e, quem sabe, em casamento.



Ilustração: Valdeci Almeida

NÃO SE PODE VIVER DESPREZANDO O PRESENTE E ACHANDO QUE O MELHOR SOMENTE pode ser vivido no futuro. O palco da vida deve estar armado todos os dias e a gente precisa se fazer ciente de que, se a ferida das folhas das plantas se cura com a saliva do orvalho da noite, cabe-nos renascer sob os raios de esperança das manhãs.

Bete era pessoa preocupada com a sinceridade e esperava em contrapartida a verdade de seus semelhantes, pois, indubitavelmente, sobre o alicerce dos que optam pela mentira nada pode ser construído e toda iniciativa é vã.

Zecarlos passou a cortejar Bete, procurando sempre ajudá-la em relação às muitas necessidades de quem mora só numa grande cidade sem conhecer praticamente nada, no que diz respeito aos usos e costumes e, principalmente, aonde ir buscar a satisfação de seus direitos de cidadã.

Bete estava à procura de imóvel para comprar. Tomou o bonde e foi até a Pracinha do Sr. Bom Jesus. Como o santuário se

achava aberto, entrou e fez orações pedindo aos santos e espíritos amigos que lhe iluminassem a busca, pois não dispunha de grande recurso financeiro e, por outro lado, não podia gastar tudo o que tinha. Preocupava-se na manutenção de uma reserva, para os casos de emergência, especialmente problemas de saúde.

Saiu do rito religioso e resolveu descer a rua Vassouras. E bem no quarteirão do santuário, à esquerda de quem descia, antes de chegar à rua Maracajá, vislumbrou uma placa de vende-se. O lote era de bom tamanho, com um barracão no fundo. Anotou o endereço do corretor e retornou ao Hotel Belo Horizonte.

Infelizmente, Bete não teve acesso ao interior do imóvel, pois o portão de entrada estava fechado. Gostou demais do local, que era servido pelo bonde, tinha padaria e armazém próximos, contando com um posto comunitário de saúde mantido pela igreja, pertinho da casa em que sonhava morar.

A paisagem era bastante bucólica, pois abaixo da rua Vassouras existia uma enorme chácara, emoldurando de verde o horizonte. Avistava-se o voo e ouvia-se o canto de pássaros, entrecortado vez por outra pelo mugir de gado. Para quem nasceu no Mato Grosso, era como goiabada com queijo ao paladar de mineiro.

Bete se sentiu disposta a procurar o corretor, mas não queria fazê-lo sozinha ou sem consultar alguém mais experiente no assunto de compra e venda de imóvel, consciente dos muitos aspectos que envolvem uma transação imobiliária.

Procurou Zecarlos e lhe falou de suas preocupações. Ele então sugeriu que Bete buscasse a opinião do Dr. Fábio Fonseca, que era muito amigo de Geni, Jorge e Odete.

A sugestão de Zecarlos encheu Bete de confiança, que foi rapidamente ao encontro de Odete, que então ficou de falar com o médico Fábio Fonseca, figura muita conhecida na sociedade belo-horizontina.

Homem de muitos compromissos e afazeres, Fábio Fonseca demorou duas semanas para arranjar espaço em sua agenda, a fim de ir com Bete até o imóvel. Porém, quando o fez, já tinha consultado amigos corretores sobre o valor de imóveis na região, pois não queria se propor a ajudar pessoa amiga sem o

devido conhecimento da questão em que se metia.

Acompanhados do corretor, Bete e Fábio Fonseca adentraram o imóvel. O barracão era pequeno, mas acomodava bem uma, duas pessoas. Dois quartos, banheiro, sala e cozinha, além de um cômodo, parecido com porão.

Bete, olhando tudo com muita atenção, preocupou-se com o desnível topográfico da rua, que colocava o terreno a uma elevada altura em relação ao lote de divisa, na rua Maracajá, ficando lá embaixo, a uns 20 metros.

– Aterrorizante, Dr. Fábio! Em período de muita chuva não dá nem para dormir sossegado. – Constatou Bete.

– Você tem toda razão, mas fique tranquila, pois tenho boas amizades na administração municipal e penso que conseguirei que eles providenciem um reforçado muro de arrimo, um suporte bem-feito, para contenção do barranco, gerando segurança inclusive para o lote abaixo do seu.

Detentor de informações sobre o valor dos imóveis na região, Fábio Fonseca conseguiu uma boa redução no preço originalmente exposto. Bete ficou de ir assinar a documentação e disponibilizar o dinheiro em três dias, por aconselhamento do médico travestido de negociador.

A ideia do Dr. Fábio Fonseca era ganhar tempo, para verificar junto à Prefeitura de Belo Horizonte se era viável a construção do arrimo de contenção, uma vez que a obra não era das mais baratas. Num lance de muita sorte, descobriu-se que a obra já era intervenção aprovada pelo departamento de engenharia, inclusive com recursos disponibilizados em votação da Câmara Municipal.

Fábio Fonseca então entrou em contato com autoridades de relevo, buscando dar agilidade às providências burocráticas, a fim de que a obra pudesse ser iniciada o mais rápido possível. Dessa forma, Bete recebeu sinal positivo do amigo e pôde ir, despreocupadamente, ao cartório assinar a documentação de transferência, efetuar o pagamento e receber a escritura do sonhado imóvel, sua moradia, seu teto, seu céu azul.

Ao conseguir diminuição no preço do imóvel, Bete abriu espaço para contratar pintura do barracão e, também, aumentar a

altura do muro da frente, instalando inclusive um novo portão.

Seus últimos dias de hóspede no Hotel Belo Horizonte se aproximavam, sem que ela ficasse a comentar nem demonstrar o seu contentamento, pois considerava que tal comportamento fosse confundido com ingratidão a pessoas que a receberam com tamanha cordialidade, abraçando-a de maneira tão integral e abrangente, que ela se sentia membro de uma nova família.

Do Hotel Belo Horizonte, além de amigos para a vida inteira, Bete levava o aprendizado culinário de muita comida árabe como, por exemplo, fazer charuto (carne moída envolvida com folhas de repolho), berinjela recheada, quibe assado, grão-de-bico etc.

O amor tem que ser lastreado em confiança e admiração. Quis o acaso que Bete ouvisse e assistisse sem querer a um incidente ocorrido com Zecarlos, envolvendo um hóspede que se apresentou como cantor iniciante de carreira e proveniente do Rio de Janeiro.

O rapaz, negro, franzino e de aparência humilde, preencheu a ficha, subiu ao quarto onde deixou a pequena mala que carregava. Desceu, entregou a chave na portaria e saiu. Horas depois, voltou com jovem mulata a tiracolo, arrebanhada entre o mulherio da difícil vida fácil existente na região central da cidade.

Contudo o casal teve o azar de se deparar com o senhor Jorge, dono do hotel junto com Geni, que moralista e preconceituoso por natureza chamou o gerente Zecarlos às favas, exigindo que ele pusesse o casal para fora do hotel e que, se preciso fosse, recorresse à polícia. “Expulse-os já”, determinou.

Zecarlos ficou apertadíssimo, numa tremenda saia justa com a situação, pois não era homem de humilhar nem desrespeitar ninguém. Bete, que estava na sala de hóspedes lendo os jornais do dia, a tudo observava no mais rigoroso silêncio e com muita pena do gerente Zecarlos, que carregava uma bomba nas mãos.

Com o andar apressado, Zecarlos subiu ao segundo andar, bateu na porta do quarto do hóspede cantor, convidando-o a dirigir-se à portaria.

– Meu caro jovem artista, estamos com um grave proble-

ma para resolver. Você quebrou as regras do hotel ao trazer mulher para o seu quarto e, ainda por cima, foi flagrado pelo dono do hotel, que é boa pessoa, todavia é ríspido e moralista ao extremo. Considero que, para o bem de nós dois, uma vez que posso até perder o meu emprego, caso não encontremos uma solução amigável, que você pague meia-diária ao hotel, pegue as suas coisas e se retire em paz. Assim você evitará problemas com a polícia e poderá, tranquilamente, fazer o seu show, em vez de correr o risco de dormir na cadeia. – Ponderou Zecarlos, em tom educado e respeitoso.

– Só que tem um problema. Eu somente terei o dinheiro para lhe pagar após o espetáculo que farei à noite. – Alegou o cantor, nitidamente trêmulo, num silencioso grito por compreensão e apoio. Ou seja, estava a pedir socorro e piedade.

– Resta-nos então fazer o seguinte: eu pago do meu bolso, você vai lá em cima pegar as suas coisas e a moça enquanto eu preparo o recibo assinado como quitação, porque houve entrada e eu não quero ter problema com a contabilidade do hotel, maculando minha reputação.

– Meu senhor, nem sei como lhe agradecer! Sou pessoa humilde, um artista, um cantor em busca de um lugar ao sol. Que Deus lhe pague por seu gesto caridoso e humano, livrando-me do rabo-de-foguete em que me meti. – Disse o cantor, que foi ao quarto, desceu, pegou o recibo em silêncio e se mandou junto com a companheira de peraltice.

A cena revelou à sensível Bete um Zecarlos cheio de compaixão e desprendimento (pois até pagou pelo rapaz) perante quadro de difícil solução. O moço cantor trouxe-lhe à memória sua avó Antônia, que sempre lhe dizia da indiferença e do desprezo com que são tratados todos os segmentos culturais brasileiros. Se há recursos públicos em abundância, a cultura é a última a ser “minimamente” atendida. Mas se há escassez, a cultura é a primeira a ser atingida com cortes e dispensa de funcionários.

Bete nunca comentou o fato com Zecarlos, mas daquele momento em diante passou a vê-lo com os olhos de primavera da paixão, pronta a fazer desabrochar a perfumada flor do amor nos jardins do coração.

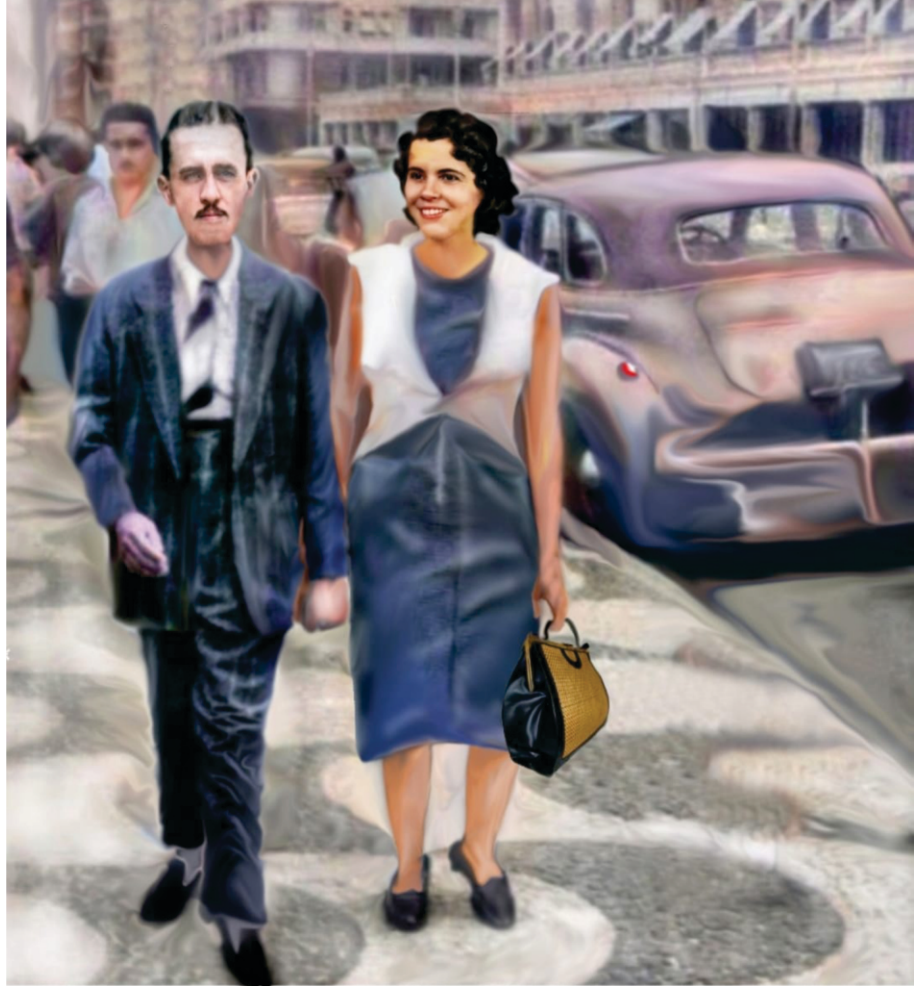


Ilustração: Valdeci Almeida

NA DANÇA DAS COINCIDÊNCIAS, COMPÕEM-SE OS VARIADOS PASSOS DO DESTINO, que valsam descontraídos (e a tudo indiferentes) na pista construída através de nossas escolhas movidas pela divina graça do livre-arbítrio.

Ninguém nesta vida é maior ou menor que o outro, pois todos nós temos o tamanho exato e suficiente para cumprir a sua missão na Terra, que gira em torno do aprendizado de que somos carentes para crescimento do nosso espírito.

De uma maneira ou de outra acabamos por descobrir que precisamos uns dos outros e que reside no compartilhamento a base da convivência em comunidade, sem a qual a raça humana perde a razão e o sentimento de união, tornando-se alvo de

extinção por qualquer vírus oportunista, que nos cobre nas medidas de combate ações de fraternidade, amor ao próximo e plena visão do outro como parte e contraparte de um só corpo, dentro da filosofia de que a flecha que atinge o peito de um semelhante traspassa e se aloja no coração de todos.

Bete somente pôde ficar num simples quarto de hotel, recompondo-se física e espiritualmente, porque não tinha bagagem. Toda a sua fortuna era constituída de boas lembranças e da altivez moral de quem abriu mão de entrar em litígio judicial com a família de seu saudoso marido, evitando jogar gasolina nas chamas de um conflito ardentemente desejado por seus algozes e que poderia até causar-lhe a morte.

Indisfarçavelmente, a vida de Bete ia ganhando novas cores, com pinceladas mais intimistas, pois ela cuidou de ter a própria tela e extrair a tinta de que precisava dos urucuns semeados nas retinas de seu coração mato-grossense.

A competição tem o seu lado estimulante e inventivo, mas é tempo de abrir espaço e privilegiar a cooperação, que é o único meio de se tecer a corrente da igualdade e da sobrevivência, uma vez que o planeta Terra não tem como satisfazer a ganância, o egoísmo e o individualismo desmedido de uma sociedade pautada no consumismo ditado pelo deus-mercado.

Bete não sonhava com riqueza, mas desejava para si uma vida digna e nesta conta estava a felicidade de todos ao seu redor, pois todo sorriso diante do infortúnio da maioria é sempre um contentamento entristecido.

O bom encaminhamento das questões de sua vida: a compra de moradia e a conseqüente viabilização da montagem de salão de beleza e o exercício da profissão de costureira, eram coisas simples aos olhos de muitos, mas para Bete soavam como enormes realizações, das quais muito se orgulhava.

Foi assim pensando que ela escreveu carta ao pai, dando-lhe notícia de sua alegria e, ao mesmo tempo, falando da saudade que sentia de tudo e de todos. Emocionada, enviou carta endereçada à família, sob o endereço de Ceres, caixa postal 111.

O trem dos dias prosseguiu no café-com-pão de cada manhã até a chegada da hora de deixar o Hotel Belo Horizonte e

acontecer a mudança para o bairro Sr. Bom Jesus. Àquela altura Bete já era noiva de Zecarlos e andava ocupada com a preparação do enxoval e não propriamente com a cerimônia de casamento, pois tanto ela quanto o noivo optaram por uma celebração simples oficiada pelo padre Heli de Oliveira Mendes, religioso italiano muito querido pelos moradores do bairro Sr. Bom Jesus, principalmente pelas pessoas mais humildes, devido ao fato de ele ter sido o idealizador do posto comunitário de saúde, que prestava grande serviço à população.

Contavam-se nos dedos as pessoas presentes à solenidade de casamento, pois Bete era praticamente recém-chegada a Belo Horizonte e Zecarlos era gerente de hotel, onde seu contato era com hóspedes, numa rotatividade imprópria à criação de laços de forte amizade.

Todavia, os que se fizeram presentes eram amigos sinceros, alguns deles responsáveis por aquela união matrimonial, como Geni, Jorge, Odete, Geraldo Birucha, Milton Amaral, Antonieta e Fábio Fonseca, que auxiliou Bete na escolha e negociação da casa na qual o casal moraria.

Padre Heli aproveitou para salientar a extensão continental do território brasileiro, que tanto distancia as pessoas quanto lhes possibilita encontros improváveis, servindo de elo entre os estados e municípios, contribuindo para o entrelaçamento de usos e costumes entre todas as regiões, o que firma e reafirma o visceral sentimento de unidade nacional.

Bete é mato-grossense, o pai dela (Joaquim Alcides Pereira) é pernambucano, a mãe Francisca José Rodrigues é natural de Palmeiras, cidade localizada em Goiás, enquanto Zecarlos é mineiro de Santo Antônio do Monte, filho da professora Venina Gomes e de Antônio Lacerda Gontijo.

Como podem ver, continuou padre Heli, o casal (sob a graça de Deus) está fadado a gerar filhos herdeiros dessa integração entre as unidades da federação brasileira, o que dá esperança de surgimento de uma geração mais solidária, tolerante e desprovida de preconceito, abrindo caminho para a edificação de um mundo melhor.

Bete e Zecarlos se casaram em 1951 e, em 1952, no dia

27 de abril, nasceu Lúcio. Logo em seguida, em 1953, no dia 8 de maio, nasceu a menina Vera.

Lúcio e Vera foram batizados pelo mesmo padre Heli que casou Bete e Zecarlos. A vida não era nada fácil para Bete e Zecarlos, que praticamente iniciaram a trajetória conjugal com dois filhos.

Quando Lúcio estava para nascer, Bete acordou numa noite fria com batidas na porta de seu quarto, que estava fechada, pois ela estava sozinha em casa, uma vez que Zecarlos voltaria tarde do hotel. Foram três batidas compassadas acompanhadas pelo clarão do disparo de uma lança, que partiu da porta e se abriu em leque de luz sobre a cabeceira de sua cama.

Imediatamente, veio-lhe à mente a lembrança do querido pai e ela pensou: – “Meu querido pai morreu. Foi um aviso de seu espírito, antes de partir desta nossa dimensão terrestre”.

Daquele momento em diante, Bete não mais dormiu. Ficou à espera do marido, a quem contou o acontecido.

– Bete, tire isto da cabeça, seu pai deve estar bem. Pode ser até que você cochilou e tudo não passe de um sonho. Além do mais, é sua primeira gravidez e você anda muito preocupada com a hora do parto.

Sem discutir, mas ainda em choro incontido, a espiritualizada Bete, que tanto aprendeu com o pai Joaquim e a avó Antônia, sabia tratar-se de um aviso. Estava tão certa, que na manhã seguinte foi ao Santuário do Sr. Bom Jesus rezar pela alma de seu falecido pai.

E Bete estava com inteira razão, pois no outro dia lhe chegou telegrama de Ceres comunicando a morte de seu amado pai Joaquim, que antecipou ao poder de comunicação terreno e veio pessoalmente, em espírito, avisar à querida filha sobre a sua partida naquele trem bivalente que, em vez de corpos, transporta espíritos que permanecem vivos na outra margem do rio da existência eterna.

A luta do casal era renhida e sem fim, pois o salário de gerente se lhes apresentava insuficiente e Bete tinha que se virar para ajudar o marido no sustento da casa.

Como não tinha ajudante, Bete comprou dois cestos e

uma corda, que foi passada numa carretilha fixada em caibro no teto da casa, ficando um cesto amarrado em cada ponta. Desta forma, Lúcio e Vera ficavam em seus cestos – a determinada altura do chão –, a fim de que formigas (ou outro inseto qualquer) não os picassem.

O engenho projetado por Bete, baseado no costume indígena, possibilitava-lhe baixar os cestos para retirar os filhos ou regulá-los na altura ideal para lhes alimentar. Como Lúcio não falava e somente o fez aos cinco anos, Vera foi transformada por Bete em porta-voz do filho mudo. Ou seja, envolvida com os afazeres da costura ou atendendo freguesas no salão de beleza, ela ficava mais despreocupada e tranquila – se Vera pedia comida, era sinal de que o filho também estava com fome!

Quando aos cinco anos Lúcio começou a falar é que Bete se deu conta de que, possivelmente, havia feito o menino comer na hora em que não tinha fome e, muitas vezes, se alimentar de coisa da qual não gostava.

Para Bete, no seu cobrador amor materno, ela havia cometido tremendo erro, mas naquele devido momento, premida por um quadro de necessidade, foi a maneira que ela encontrou de manter os filhos por perto e poder trabalhar.

Bete era tão preocupada com a segurança dos filhos que, entre os dois balaios, mantinha sempre posicionado um cão enorme (branco com assimétricas manchas marrons) e muito bem treinado, pronto para agir! O cachorro Baru servia de guardião, pois ninguém podia tocar nos cestos sem que ele rosnasse e latisse ameaçadoramente. Para outra pessoa pegar as crianças, apenas mediante autorização dada através da senha: “É amigo, Baru”.

Depois que os anos se passaram, Bete contava o caso dos balaios e do mutismo do filho Lúcio aos amigos como grande exemplo da importância que a capacidade de expressar tem para as pessoas, pois por não saber falar – então impossibilitado de se comunicar – Lúcio comeu durante muito tempo o que não queria e na hora em que não desejava.



Ilustração: Valdeci Almeida

REFRIGÉRIO NA VIDA DE BETE ERA ARTIGO ESCASSO – DE ELEVADO LUXO – E POR ISSO, ela jamais acreditou em benesses e facilidades, vendo-as como fontes semeadoras de dificuldades, pois o que vem fácil costuma esvaír-se rapidamente. Sem desânimo nem desespero, punha-se sempre ao lado de boas e virtuosas companhias, pois como defendia Sêneca (filósofo romano, 4 a.C), os maus entre os maus mais maldades aprendem, enquanto os bons (entre os bons) se fazem melhores.

Não era preciso ninguém alertar ou mesmo aconselhar, Bete sabia que o marido, por conta própria, buscaria alguma solução, trazendo-lhes até a necessidade de mudança de cidade.

Bete estava aberta a qualquer proposta, desde que não contivesse em seu bojo a necessidade de venderem a casa que ela havia comprado com o dinheiro que lhe foi deixado pela avó Antônia, imóvel que estava resolvida a conservar até sua morte. Que fosse alugado, em caso de mudança de Belo Horizonte, mas vendido de maneira alguma – aquele barracão era seu porto-seguro, seu cais nos mares turbulentos da vida.

A fruta não se autoconsume e nem se degusta e, por isso, está sempre à espera de quem a saboreie. Tudo que Deus criou não foi imaginado para servir a si mesmo, assim o orvalho não tem o poder de se umedecer; a água evapora ou se perde nos vãos do chão ressecado, mas não se autorregenera, ficando à mercê da chuva e da revitalização da fonte, para voltar a existir.

A flor exala perfume e não se cheira e, assim sendo, sem o exercício do amor ao próximo nós terminamos por não nos conhecermos, uma vez que é no olhar do outro que temos a nossa real medida.

A insofismável realidade é que se cada elemento da natureza fosse autossuficiente não haveria simbiose nem o indispensável movimento – a brisa jamais experimentaria a festa de se misturar ao vento.

Bete, assim consciente, não se opôs à mudança para Moema feita pelo marido. No íntimo não esperava por melhoria significativa, mas acreditava que alguma luz poderia advir do respirar de novos ares. Sabia que não poderia esperar relevante resultado financeiro da montagem de bar em Moema, ainda mais que Zecarlos teria sócio no negócio: o Dalmo, um de seus irmãos.

Todavia, logo de saída, o aluguel da casa em Belo Horizonte cobria com folga o valor da casa que alugaram em Moema, onde Bete continuou costurando e exercendo a profissão de cabeleireira.

Ao pôr os pés na nova residência, Bete cuidou de dar ao ambiente a sua cara, o seu jeito mato-grossense de ser. Ou seja, plantou hortaliças; fez galinheiro, onde galinhas, patos e marrecos se misturavam; chiqueiro com dois porcos para engorda. E ainda tinha papagaio, o cachorro Baru...

Vera e Lúcio já não ficavam acomodados nos cestos dependurados na corda e, a fim de poder trabalhar, ela teve que

contratar uma jovem para pajear os filhos. A mudança não trouxe ganhos financeiros ao casal, mas serviu para que Bete estreitasse os laços de amizade com os familiares do marido, principalmente seus pais Antônio Lacerda (mais conhecido por Toinzinho) e Venina, que eram inclusive padrinhos do Lúcio, cuja certidão de batismo trazia trecho com a seguinte redação: “padrinho Santo Antônio, representado por Antônio Lacerda Gontijo e Venina Gomes”.

Como era comum acontecer no exercício da gerência do Hotel Belo Horizonte, Zecarlos continuava chegando muito tarde do bar e retornando cedo ao trabalho, numa tentativa infrutífera de obter maior rendimento, que se mantinha insuficiente e incapaz de alimentar a visão de um futuro melhor para os filhos.

Zecarlos tinha o “curso clássico” completo, equivalente ao ensino médio dos dias de hoje. Naquela época, poucas eram as pessoas que alcançavam o grau educacional ostentando por Zecarlos, não apenas pela dificuldade de acesso, mas também pelo nível de exigência das matérias, com inclusão até do ensino de latim.

Bete, que nas horas de folga gostava de pegar jornal para ler, deparou-se numa edição de domingo com o anúncio de concurso na Receita Federal, para o cargo de exator (fiscal), com exigência de se ter no mínimo o curso clássico completo.

Esperançosa, Bete recortou o anúncio, colocando-o numa gaveta da cômoda de seu quarto. Pôs-se então à espera de hora apropriada para apresentá-lo ao marido.

E eis que numa noite de muita chuva, Zecarlos chega às 2 horas da madrugada em casa, bastante cansado, roupa molhada e sapatos sujos de barro vermelho (as ruas de Moema não eram calçadas)...

Bete aguardou que ele entrasse no quarto, onde a chama fraca de um lampião iluminava o ambiente, onde os berços dos filhos se encontravam cobertos por plásticos devido à existência de goteira exatamente no único espaço a eles reservados no pequeno quarto.

– Pois é Zecarlos, nos precisamos dar um jeito. Temos de achar uma maneira de jogar alguma luz sobre os nossos caminhos. Uma fagulha que ilumine bem mais que a chama frágil

deste lampião. O tempo está passando e nós, além de estarmos nos contentando com a simples sobrevivência cotidiana, não contamos com nenhuma expectativa de melhora no futuro.

– Eu sei de tudo isto, Bete! Porém não vislumbro saída. Não sei onde encontrar emprego que nos garanta condição melhor de vida. – Respondeu Zecarlos à esposa.

– Você vive demonstrando e se gabando de seu conhecimento e capacidade intelectual aos amigos, que tanto o admiram como pessoa de vasta cultura e elevado conhecimento geral. Acho que está na hora de você colocar à prova o seu significativo grau educacional. – Explanou Bete.

– De que você está falando, Bete? Não estou entendendo nada!

Bete pegou o recorte de jornal e o passou a Zecarlos, que o pegou e o leu em silêncio, guardando-o na gaveta do criado-mudo, sobre o qual ficava um rádio de cabeceira, no qual ele ouvia programas musicais apresentando eclético repertório, que envolvia tangos, boleros, sambas, com inclusão até de composições clássicas, às quais tanto apreciava.

No dia seguinte, Zecarlos mostrou o anúncio ao sócio e irmão Dalmo, dizendo-lhe que iria preparar-se para concurso.

– Caro irmão, eu tenho que ao menos tentar. Não posso continuar tocando a vida dessa forma. Tenho dois filhos e preciso lhes garantir algum futuro promissor. Não demora e eles estarão frequentando escola, gerando-me mais responsabilidade e, claro, mais despesa.

– Entendo muito bem a sua colocação. Eu também só não faço o concurso porque não tenho a escolaridade exigida. Defendo a tese de que você precisa tirar proveito de seu esforço em estudar, de ter saído de casa muito jovem para continuar os estudos em Belo Horizonte. – Incentivou Dalmo.

– Eu trabalhava em dois turnos (manhã e tarde) e estudava à noite. Eita época cansativa e de demasiado empenho! – Recordou Zecarlos.

A partir daquele dia, Zecarlos passou a deixar o Bar às 16 horas, quando ia para casa estudar. Num primeiro momento sob a claridade do dia e, depois, sob a luz moribunda do lampião.

Mais tarde, o próprio Dalmo o aconselhou a afastar-se e ficar por conta de se preparar para prestar o concurso, que poderia representar um divisor de águas em sua vida.

Em casa, Bete cuidou de garantir ambiente favorável para que o marido pudesse dedicar-se aos estudos. Deixou de costurar e receber as freguesas em seu salão de beleza doméstico. Dispensou a babá e ficou por conta das crianças.

Bete aprendeu com a avó Antônia e o pai Joaquim que uma boa pessoa, além de cumprir os deveres convencionais ditados pelo senso comum, acaba inventando obrigações, pois tem a exata noção de que viver é, acima de tudo, servir e ser útil aos semelhantes.

Naqueles dias em que Zecarlos estava debruçado nos estudos, Bete muitas vezes pegou as crianças e saiu em visita a pessoas humildes (gente carente de quase tudo), levando-lhes hortaliças, ovos e pedaços de carne de frango e porco, provenientes da horta, do galinheiro e do chiqueiro mantidos por ela em seu quintal.

Para ela, como ensinou Jesus, todos eram filhos de Deus. Ninguém deixa de ser nosso semelhante e irmão pelo fato de ser pobre ou miserável. Mais que andar com as pessoas materialmente humildes, Jesus Cristo lhes deu preferência, passando-nos a lição de que, sob a visão coletiva da caridade cristã, não há espaço para a exclusão de ninguém.

Indubitavelmente, ao afastar-se temporariamente da costura e da profissão de cabeleireira, tomando a espontânea decisão de dedicar seu tempo livre às pessoas carentes de Moema, Bete foi abençoada pelo Criador, que viu em sua atitude uma efetiva oração, uma simbólica novena mergulhada no cumprimento da indispensável responsabilidade social, portanto merecedora de reconhecimento da divina providência.

Então Zecarlos foi bem-sucedido no concurso, alcançando ótima classificação e, por isto mesmo, integrando a primeira lista de convocação, o que lhe valeu convocação para trabalhar em posto da Receita Federal instalado na cidade de Nova Ponte, município localizado no Triângulo Mineiro.

O SOL BRILHA POR SI, MAS O QUE SERIA DELE SE NÃO TIVESSE O PLANETA TERRA para iluminar. Sua luz seria apenas a claridade vã de mais uma estrela (classificada como de quinta grandeza) brilhando na imensidão do espaço sideral. O tamanho das coisas se define e se mede por sua importância no que diz respeito à dimensão de sua entrega no servir ao outro. A água que corre vagorosamente na direção do mar jamais se esquece da pequenina fonte que a gerou.

Por maior que seja o volume de capital nos cofres de uma empresa ele perderá o sentido se não houver mão de obra, renda para o trabalhador e consumidor na ponta final, absorvendo a produção. Não importa o valor nem a beleza de uma mansão se ela não der abrigo a um lar verdadeiro, resguardado na fraternidade do amor.

Os anjos da guarda vivem sussurrando nos nossos ouvidos e emitindo-nos sinais, que muitas vezes não são percebidos por nosso coração empedernido pelo materialismo que impera na dimensão terrestre, onde toda luz se perde na escuridão insensível dos objetos, pelos quais se derramam suores e, muitas vezes, até desavenças incontroláveis e bastante sangue.

Bete via alvissareiro clarão em sua mudança para Nova Ponte, obrigando-a mais uma vez a partir rumo ao desconhecido, sob a esperança de torná-lo conhecido por intermédio de novas amizades e afetos que justificam e dão sentido à vida de todos nós.

Nova Ponte era uma cidade média e mais progressista que a pequena Moema que havia deixado. Zecarlos, que gostava demais de aves cantadeiras, encontrou ali (com fartura) pássaros como bicudos e curiós, que emitiam sonoro e melodioso canto.

O salão de beleza e a costura (dos quais Bete não abria mão) encontraram em Nova Ponte maior número de freguesas, ao passo que o salário do marido, em início de nova e promissora carreira, sinalizava vida mais digna para o núcleo familiar, que já experimentava a terceira cidade: Belo Horizonte, Moema e,

agora, Nova Ponte.

A Coletoria Federal ficava numa rua central, em prédio que tinha uma escadaria à frente, que ia dar em duas colunas entre as quais havia uma grande porta em madeira bem trabalhada. Àquele tempo funcionário da Receita Federal era recebido e tratado como figura proeminente pelas autoridades dos municípios.

Assim que chegaram à cidade, Zecarlos e família foram convidados para um jantar envolvendo gente de realce na comunidade. O casal e os meninos foram alvo de muita cortesia e comeram deliciosa carne, que lhes foi apresentada como iguaria tradicional da região.

Ao final da recepção Bete, que sempre procurou aprimorar seus conhecimentos culinários, buscou saber que carne saborosa era aquela – desejosa em obter a receita – e se viu diante de resposta absolutamente chocante para ela: “é carne fresca de macaco”.

Bete só foi contar a descoberta ao marido na noite do dia seguinte, depois de cumpridos todos os estágios fisiológicos da digestão, enquanto ela, assim que chegou ao lar, tomou uma talagada de bicarbonato.

Mais tarde, por uma dessas coincidências fortuitas, como toda coincidência o é, Bete encontrou pequenino filhote de mico-estrela no quintal onde remontava o galinheiro, o chiqueiro e preparava o chão para o plantio da horta, enchendo a casa de verde desde o alpendre, no qual dependurou vários vasos de samambaia chorona, num afã natural a refletir sua alma a providenciar cheiro de mato, flor e bicho, num simulacro de paisagem mato-grossense.

Bete pegou o mico, passando a cuidar do filhote, dando-lhe leite através de pequena mamadeira, sob o propósito de devolvê-lo à natureza assim que ele ganhasse tamanho e começasse a comer alimentos sólidos, como a banana.

Porém, o tempo foi enfileirando dia atrás de dia e o mico-estrela foi ficando até não sair mais, pois Lúcio e Vera se ligaram afetivamente ao bicho, que passou a atender pelo nome de Estrela. Ele era criado solto, brincava nos galhos do abacateiro,

da laranjeira e da mangueira no quintal, mas estava sempre dentro de casa, tirando o sossego do cachorro Baru e alegrando os meninos, sentado no sofá como se fosse gente.

Zecarlos, que no início era contra a presença do bicho, acabou também se afeiçoando ao Estrela que, criado desde pequenino na casa, não mexia com os pássaros nas gaiolas nem com o papagaio. Inexplicavelmente, nem o bando de micos que frequentava as árvores no quintal despertava no Estrela o desejo de ir embora, juntando-se à sua espécie.

À medida que a clientela aumentava Bete se via cada vez mais premida a arranjar uma babá para tomar conta dos filhos e até mesmo ajudá-la na arrumação da casa. Foi assim que encontrou Manoela, que era de boa família humilde da periferia de Nova Ponte.

Manoela tinha 20 anos e, apesar de baixa escolaridade, era muito responsável e foi apresentada com ótima recomendação por casal amigo, que tinha até parentesco com ela.

Alegre e dada a brincadeiras, a moça logo caiu nas graças de Lúcio e Vera, que ganharam uma amiguinha em tamanho maior. Ademais, Manoela era pau pra toda obra: gostava de cuidar das plantas, amava a bicharada e era caprichosa com a arrumação da casa.

Pelas manhãs, Zecarlos se punha a limpar as gaiolas dos pássaros e renovar-lhes as porções de alpiste e água. Ele possuía um bicudo filhote, ainda pintado, mas que se lhe apresentava como exemplar de grande futuro, uma vez que já cantava de maneira admirável.

Lúcio, que pouca coisa falava, permanecia entregue ao mutismo, que os médicos garantiam que ia passar, era chegado numa travessura. Em Moema, quando numa noite de muito calor a mãe pegou no sono, entre 20 e 21 horas, depois de colocar os filhos em seus respectivos berços, Lúcio pulou a grade de seu berço atraído pelo som de corte que passava à porta da casa, num sábado de Festa de Reinado. Então, aproveitando que a porta da sala estava fechada apenas no trinco, pois Zecarlos chegava tarde do bar – não havia a violência e a insegurança dos dias de hoje –, ele saiu acompanhando o batuque apenas de

fralda. A sorte foi que Lúcio foi reconhecido por vizinhos e trazido de volta aos braços da mãe, que despertou assustadíssima, demorando a entender o que havia acontecido.

Pois é, agora em Nova Ponte ele aprontou mais uma, libertando o bicudo preferido do pai, que tinha retirado a gaiola do alto da parede, colocando-a sobre uma mesa, enquanto providenciava a troca de água. Ao ver o pai irado e gritando que iria dar-lhe uma surra, Lúcio correu em busca de socorro da mãe, que o escondeu atrás do cortinado da máquina de costura, sem nem precisar alertá-lo para que ficasse calado – Lúcio não era mesmo de falar e naquela hora é que não soltaria nem mesmo um pio!

Zecarlos procurou pelo filho arteiro por alguns minutos, mas desistiu, pois estava em cima da hora de se dirigir ao trabalho. Apertada com a situação, Bete ficou sem saber como agir para defender o filho, pelo qual se derretia de amores por ter herdado a sua pele morena, lembrando a sua gente matogrossense, sem ferir a autoridade do pai.

– Patroa, não se aflija! Vamos pegar a gaiola e deixá-la aberta, dependurada no mesmo lugar em que ela estava na varanda. Quem sabe o bicudo retorne e voe para dentro da gaiola. Ele é novinho e está acostumado com a comida fácil à sua disposição dentro da gaiola. – Ponderou Manoela.

– Gostei e acho plausível a sua ideia, Manoela. Mas é você quem deverá ficar de olho para fechar a porta, assim que o bicudo entrar na gaiola.

Manoela juntou os meninos, transformando a espera incerta numa brincadeira que terminou em festa, uma vez que, faminto, o pássaro não demorou nem trinta minutos para procurar pela gaiola, transformada por ele mesmo em livre e voluntária prisão, como costuma acontecer com trabalhador tratado como escravo e que, para tranquilidade do patrão, celebra o fornecimento de ração mínima, ao som do arrastar de correntes.

Pela primeira vez desde o casamento, Bete e Zecarlos sentiam-se controladores das rédeas do destino. Bete, que recebia preocupantes notícias da irmã Diva em Ceres, sofrendo problemas de saúde e vivendo às turras com o marido de gênio brutalizado e irascível, podia então aliviar o drama da irmã

querida enviando-lhe frequentemente ajuda financeira, pois graças a Deus tinha recursos suficientes.

Quando Zecarlos e Bete aportaram-se em Nova Ponte corria boato de que a cidade seria inundada para a construção de grande usina hidrelétrica. O zunzum só fez crescer com o tempo. Bete e Zecarlos haviam aprendido a amar aquele pedaço de chão e frequentemente iam com os filhos até o rio que cortava a cidade, podendo ser visto ao final da rua em que localizava o prédio da Coletoria Federal.

Foram muitos os piqueniques domingueiros – enquanto Bete abria uma grande toalha sobre a qual dispunha o alimento e tomava conta de Lúcio e Vera, que brincavam alegremente em meio à natureza, Zecarlos pescava enorme quantidade de peixes.

De repente, tudo estava fadado ao fim e podia-se berrar até perder a voz – os poderosos decidiram e decidido estava; não havia protesto capaz de demovê-los! As alegres pescarias no caudaloso rio se entristeceram:

Às vezes saio pra pescar
Sob as chamas do temor
E se peixe eu não fisgar
Ao menos pesco a dor!

A cidade mudou-se de lugar. O estado construiu casas, abriu ruas, ergueu igreja e santuário, levando as pessoas como se fossem gado, que pode ser transportado daqui para acolá, bastando lhe garantir bom pasto ou qualquer coisa que não seja a agonia do matadouro.

Os dias em Nova Ponte ficaram assombreados e chorosos. As pessoas se punham a tirar fotos, a visitar praças e a igreja matriz, onde muitos se casaram e foram batizados.

Que tristeza inefável a inundar os olhos de cidadãos, que deixariam para trás os túmulos de seus entes queridos (ali sepultados) sob as águas da represa que levaria tanto o pó do corpo dos mortos quanto a construção emocional e psicológica dos vivos.

Zecarlos recebeu comunicado oficial de que iria ser transferido para Camanducaia; a cidade fica localizada no sul de Minas Gerais e seu nome (na língua dos indígenas) significa “feijão queimado”, tendo Monte Verde como seu principal distrito.

Estava assim anunciada mais uma mudança. Manoela, que se havia apegado às crianças e ao casal, pediu para ir junto. Bete gostava muito da moça – que tinha o nome de uma de suas irmãs por parte de pai –, e resolveu ir, acompanhada de Zecarlos, conversar com os pais da empregada.

Tudo ficou acertado e acordado. Manoela viajaria com a família para Camanducaia, onde ficaria apenas em caso de total adaptação à cidade e enquanto estivesse feliz com a convivência com o núcleo familiar que a aceitou como membro efetivo, amado e respeitado.

Os pais da Manoela passaram a Bete e Zecarlos o velho novo endereço para comunicação, pois já o tinham recebido das autoridades, uma vez que, na outra Nova Ponte, as ruas receberam o mesmo nome que tinham na cidade inundada, com as casas sendo identificadas sob os antigos números e as pessoas tendo, assim, os velhos e costumeiros vizinhos, numa iniciativa tomada como forma de facilitar a adaptação que, ainda assim, seria muito sofrida.

Bete e Zecarlos – e até os filhos ainda pequenos, além de Manoela ali nascida e criada – jamais esqueceriam a lição de quanto os pés de nossa alma estão enraizados na terra em que nascemos, fomos criados ou moramos. Nos olhos da população nova-pontense era a terra de Ponte Nova o que se via, em forma de lamaçal na retina de cada um, como a fabricar tijolos, para edificar no coração uma réplica emocional da cidade amada.

A família tomou um trem e a mudança foi de caminhão, transportando móveis e tanta planta e tanto bicho (galinha, pato, marreco, ganso, coelho, porquinho-da-índia, papagaio, muitos pássaros, o mico-estrela e o cachorro Baru), que chamava atenção pelo tamanho e ao chegar a Camanducaia foi seguido por uma meninada, que pensando tratar-se de um circo, gritava: “Oh, o circo! Chegou o circo!”

Dava-se assim a magia circense no picadeiro do teatro da

vida, mais uma vez sob o signo de inteira renovação na existência de Zecarlos, Bete, Lúcio e Vera, com Manoela entrando na meada do novelo do destino daquele núcleo familiar por um acaso, que por pura e necessária casualidade desataria algum dia, mas ao certo (como a cidade de Nova Ponte), ainda que aos estilhaços, encrustaria na memória, compondo e fazendo parte do aprendizado espiritual de si mesma e de cada um, ao feitio de linha inquebrantável de pipa sustentada e guiada pelas mãos de Deus.

ENQUANTO PASSOS VOADORES DE PESSOAS SONHADORAS NÃO O PERCORREM, TODO CAMINHO É SIMPLES MIRAGEM; assim como o homem vazio de sonhos está condenado a não existir por excesso de realidade.

Bete chegou à cidade de Camanducaia levando na memória toda a sua trajetória de vida e, sobretudo, o seu barraco na rua Vassouras, 491, que continuava sendo a razão de seu voo, pois fosse para onde fosse, se tudo por acaso desse errado, ela tinha o seu recanto em Belo Horizonte – o céu azul como costumava dizer.

No seu íntimo, Bete sabia que não fincaria raízes em Camanducaia e que ali estaria de passagem, pois a Receita Federal tinha por hábito remanejar constantemente os funcionários mais novos e Zecarlos possuía pouco tempo dentro do funcionalismo público e, além do mais, ele somente sossegaria quando conseguisse transferência para sua terra natal, Santo Antônio do Monte.

O casal com os dois filhos e a empregada chegaram a Camanducaia um pouco antes do caminhão e Zecarlos pagou uma diária de hotel próximo da casa em que morariam, a fim de que todos pudessem tomar um banho e os meninos terem um lugar para descansar da viagem.

Todavia, quando o caminhão chegou com a mudança, os meninos logo apareceram, pois morriam de desejo de reencontrar o Estrela e o Baru, que assim que avistou Lúcio e Vera saltou latindo, num contentamento sem igual.

Enquanto os móveis eram carregados para dentro de casa, Manoela e as crianças, acompanhadas pelo Baru, se sentaram num banco da praça que ficava em frente a ela.

Gozavam eles (ali) da paz e aquela rara confraternização luzidia, que poucas vezes se consegue na vida, quando atravessou a praça um senhor de meia-idade. Encantado com a beleza de Vera, passou-lhe a mão nos cabelos negros – e Baru conduzido pelo instinto protetor animal avançou ferozmente sobre o desco-

nhecido que, assustado com o enorme Baru, sacou de um revólver e disparou dois tiros no cachorro branco decorado por bolas pretas.

Os meninos, que não tinham noção de morte, ficaram à espera que, passada a confusão, Baru se levantasse, mas não demoraram a perceber que ele estava inerte e frio e que jamais voltaria, passou a viver apenas na lembrança da memória do coração.

Ainda bem que Zecarlos havia reservado hospedagem em dois quartos conjugados no hotel, para onde as crianças, Manoela e Bete puderam ir recompor-se daquele triste incidente, que marcou em demasia a vida da família.

– Crianças, não chorem, pensem no quanto foi bom ter o nosso Baru por tanto tempo. Não fiquemos magoados com Deus, ao qual devemos agradecer por ter experimentado a alegria da convivência com o Baru, um cachorro grande, mas delicado e leal. – Consolou Bete.

– Ele foi para o céu, mamãe? – Perguntou Vera.

– Com certeza o Baru foi para o céu! Com aquele tamanho todo, São Pedro deve lhe ter dado o posto de guardião das portas do céu. De agora em diante, gente pecadora não conseguirá enganar São Pedro de maneira nenhuma. – Brincou Manoela, arrancando um riso pálido tanto em Bete quando nos meninos.

– E quem é São Pedro? – Perguntou Vera.

– Ele é o homem, o santo responsável pela chave da porta do céu. Se aparecer gente ruim, ele não abre a porta de jeito nenhum. – Garantiu Manoela.

Estavam envolvidos na peleja de consolar as crianças, quando Zecarlos adentrou o quarto com um filhote de cão policial, que lhe foi dado pela moradora do lado da nova morada, chamada Margarete, vizinha que assistiu ao ocorrido de sua janela, onde se postou curiosa para ver a chegada dos novos vizinhos.

O presente caiu como bálsamo no coração das crianças e até dos adultos. O nome do cachorro era Duque, que renovou a sonoridade da casa com as suas estripulias de filhote.

Apesar do trágico cartão-de-visita, a família não teve

dificuldades em adaptar-se à cidade de Camanducaia, onde Bete montou novamente todo o cenário do espetáculo de sua vida: as plantas no alpendre, a horta, o chiqueiro, o galinheiro... E tinha o salão de beleza, o quarto de costura, enfim, as coisas em torno das quais girava a sua vida.

Zecarlos tinha que fazer constantes viagens a Belo Horizonte para a realização de cursos e em tais ocasiões, sob o grande temor de a casa ser alvo de ladrões, Bete ficava com os meninos e Manoela.

Certa feita, no período em que Zecarlos viajou à capital, surgiu alerta para que todos tivessem cuidado, pois bandidos perigosos estavam assaltando casas em Camanducaia.

Levada por incontido medo, Bete fixou muitos pregos na porta da cozinha, que dava para o quintal. Usando os pregos como suporte, dependurou painéis, caçarolas etc. A ideia era de que o estranho procedimento servisse de alerta, pois qualquer um que tentasse arrombar a porta pelo lado de fora provocaria um barulhão danado. Acreditando que o seu engenho era de extrema utilidade à segurança de sua família, Bete todas as noites repetia o trabalho de dependurar o vasilhame na porta.

Daí numa das noites de apreensão, Bete acordou com painéis caindo e o Duque, ainda muito novo, latindo no quintal. Ela levantou e despertou a empregada e companheira Manoela.

Numa tentativa de espantar o ladrão, ligaram até o rádio. Porém, o tal bandido devia estar possuído ou quem sabe ter a informação de que não havia homem em casa, na qual estavam apenas duas mulheres e duas crianças...

Desesperada com a audácia do ladrão que continuava forçando a porta, apesar da barulhada dos painéis que caíam, Bete foi até o guarda-roupa, pegou uma caixa de foguete ganhada por seu marido, de amigos de Santo Antônio do Monte, cidade mundialmente conhecida pela liderança conquistada na produção de fogos, retirou um foguete e o acendeu, mirando a porta... Ouviu-se um ensurdecedor BUM, seguido por fumaça com cheiro de pólvora, que inundou a casa toda.

As crianças acordaram assustadas com a explosão; a vizinha Margarete apareceu sobressalta (acompanhada do

marido Mário), apertando desesperadamente a campainha, a fim de saber o que havia acontecido, enquanto o ladrão deve estar correndo até hoje sem saber que tiro de canhão foi aquele!

Quando Zecarlos retornou de Belo Horizonte, encontrou um pintor retocando o teto da cozinha chamuscado pela explosão do foguete e ouviu, às gargalhadas, a história do ladrão. Entretanto, mesmo com o marido em casa, Bete nunca mais deixou de colocar o vasilhame toda noite na porta dos fundos – a porta da cozinha.

Zecarlos andava assoberbado de serviço na Coletoria Federal, pois seu companheiro de trabalho se havia aposentado e a Receita Federal, alegando quadro insuficiente de funcionários, negava-se a enviar substituto.

Pensava Zecarlos em fazer serão, sem recebimento de hora extra, para conseguir dar cabo ao serviço acumulado, apesar da lenda popular de que o prédio em que estava alojada a Coletoria Federal havia sido no passado uma prisão, na qual foram cometidos maus-tratos a prisioneiros, com notícia até de morte por tortura.

Meio desconfiado e inseguro, mesmo dizendo não acreditar em assombrações, Zecarlos pediu a opinião de Bete, que baseada em tantas histórias que ouviu de sua avó Antônia e, também, de seu pai Joaquim, sem falar no aviso sobrenatural que experimentou por ocasião da morte do pai, não o estimulou a partir na direção da empreitada a que se propunha.

Porém, Zecarlos estava mesmo disposto a provar que toda aquela conversa de assombração era a mais pura bobagem e que todos os fiscais que tentaram e desistiram de fazer serão noite adentro na Coletoria foram vítimas de suas superstições, tão entranhadas em suas mentes que os levaram a imaginar coisas.

Pois bem, Zecarlos então resolveu efetivar o seu desejo de fazer serão, conduzido tanto por necessidade quanto pelo destemor e incredulidade.

Fazia muito frio na noite em que Zecarlos se propôs a efetivar o trabalho madrugada adentro. O interior do prédio antigo mais parecia um frigorífico de tão gelado. Bem agasalhado e com

uma garrafa de café quente sobre a mesa, Zecarlos se entregou à tarefa de colocar em dia as obrigações da Coletoria.

De repente ouviu passos aos quais negou realidade, dizendo a si mesmo que vinham da rua. Depois escutou o barulho de teclado de máquina de datilografia, em momento que a máquina na qual trabalhava estava parada, em seguida percorreu a sala o som de conversas, portas se abrindo (ou fechando), tilintar característicos de chave girando na fechadura rústica...

Zecarlos juntou suas coisas, voltou correndo para casa, contou tudo à esposa com a voz trêmula de quem passou por um inesperado aperto e nunca mais falou no assunto e nem demonstrou a mínima vontade de fazer serão.

Os dias se passaram em absoluta normalidade e Duque mal havia se tornado um belo exemplar de cão policial quando Zecarlos, mais uma vez, recebeu a informação de nova transferência, que deveria ocorrer assim que chegasse o seu substituto a Camanducaia, o que ocorreria em trinta dias.

Assim, Zecarlos, Bete, Lúcio, Vera e Manoela partiram para Santa Rita de Caldas (cidade coladinha em Poços de Caldas), na qual chegaram num mês de junho glacial – e eles, sem nenhum parentesco com pinguins, tremiam a ponto de quase não conseguir falar. Apenas Lúcio tagarelava sem parar, pois lhe bateu o espírito do “estalo de Vieira” e, repentinamente, ele descobriu o dom da voz.

NÃO HÁ PROBLEMA QUANDO A ALEGRIA CONDUZ AO VINHO, A TRAGÉDIA COMEÇA QUANDO se procura a felicidade na bebida – o viciante líquido mágico da garrafa.

Coisa nenhuma neste mundo colocada por Deus carrega o mal intrínseco, mas pode se transformar em maldade dependendo do que dela seja feito. Com a faca com se corta o pão pode atingir-se mortalmente o semelhante.

Todos conhecem a virtude, mas poucos querem cultivá-la, pois ao virtuoso se exige a firmeza de conduta em vez da flexibilização de conceitos e o relativismo de predicados basilares, tais como a honra, a probidade, a lealdade, a prática do amor ao próximo.

Pela lei de Deus, somos espíritos navegantes com direito ao mar e ao cais. Quem inventa armadilhas para atrair lágrimas aos olhos de outrem não pode ser perdoado.

Por onde Bete passava, ou melhor, em todas as cidades nas quais morou ela sempre fez amizades com pessoas simples, sob a explicação irônica de que se nem Jesus quis andar ao lado dos figurões endinheirados, não seria ela, uma humilde matogrossense a criatura a fazê-lo.

Ao sair de Camanducaia deixou o casal Margarete e Mário aos prantos, mas Bete tinha o pleno discernimento de que aquelas pessoas estariam eternamente incrustadas na sua memória. Como esquecer que foram Mário e Margarete que, num gesto de sensibilidade, presentearam Lúcio e Vera com um filhote de cão policial em hora tão oportuna, quando a fatalidade tirou a vida do inesquecível Baru.

Ao colocarem seus pés sob o abrigo do chão da fria Santa Rita de Caldas, todos os membros da família de Bete o faziam mergulhados na certeza de que ela daria um jeito de lhes aquecer com seu amor, o seu zelo, os seus chás e a caudalosa e bem-preparada sopa, além de lhes tecer com as próprias mãos cacheóis, luvas, gorros e luvas de lã.

Agasalhados até o pescoço receberam as primeiras

visitas de autoridades importantes do município. Zecarlos não se fez de rogado e, sem qualquer acanhamento, recepcionou suas casuais visitas com um gorro surrado pertencente ao filho Lúcio, com o qual protegia a sua cabeça de pouco cabelo, ostentando clareira aberta pela calvície.

Nos primeiros dias daquele mês de junho, coube à esforçada e abnegada Bete conversar com os visitantes, que devem ter ficado com a impressão de que havia chegado à cidade um fiscal da Receita Federal friorento e, ao certo meio doido, pois usava gorro de bebê, luvas e muito pouco conversava.

Todavia, com o passar do tempo, todos foram adaptando-se ao clima, inclusive o cachorro Duque, que de início nem latia, mantendo-se encolhido sobre uma velha almofada que Bete lhe arranhou.

Manoela foi quem menos sentiu a baixa temperatura, pois era pessoa jovem e irrequieta, ficava correndo daqui pra ali o tempo todo, numa competição com Estrela, outro membro da família que também não se incomodou com o frio do lugar.

Pelas manhãs, ao preparar o café, Bete tinha que bater no cano da torneira como uma colher de pau, a fim de que as pedras de gelo caíssem, abrindo caminho para a água descer.

Não demorou muito tempo para que Bete se tornasse grande amiga da vizinha de fundo. Seu nome era Sibebe e sua idade regulava com a dela, tanto assim que também tinha um casal de filhos com idades equivalentes às de Vera e Lúcio.

As crianças logo se entenderam e viviam na casa de Bete, atraídas pela bicharada, principalmente o Duque e o Estrela, que eram os protagonistas da companhia circense.

O marido de Sibebe (que se chamava Osvaldo) era representante comercial e frequentemente viajava. Por isso, levadas pela amizade, as duas amigas abriram um buraco na cerca de bambu que separava os quintais, sob o objetivo de facilitar a comunicação entre as duas casas e, por que não, o acolhimento nos momentos de dificuldade.

Tal proximidade aliviou os temores e sobressaltos de Bete quando o marido viajava a Belo Horizonte e, logicamente, tranquilizou Sibebe nas ausências do esposo Osvaldo.

As lições da vida devem servir-nos de permanente aprendizado. Como Bete havia passado pela experiência de comer, desavisadamente, carne de macaco em Nova Ponte, ela se livrou de experimentar carne de rã em Santa Rita de Caldas, uma vez que ao lhe oferecerem iguaria exótica regional, durante visita a novos conhecidos, ela fez questão de saber o que era o rico prato, evitando então comer carne de rã.

A casa de Bete ficava bem perto de uma fábrica de doces, que tinha como carro-chefe o doce de laranja-da-terra (vendido em cascas envolvidas em calda, ou em barras – numa versão em que as cascas eram moídas e, depois, o produto da moagem era levado a um tacho, ficando no fogo até chegar ao ponto de poder ser cortado e acondicionado em caixinhas de madeira).

Desde que provou o doce de laranja-da-terra, Bete se entregou a uma obstinada procura pela receita que, logicamente, era mantida em segredo pela fábrica – uma indústria famosa e muito bem-sucedida na região, onde o doce de que Bete tanto gostou era bastante consumido.

O desejo de Bete somente encontrou possibilidade de ser atendido após ela comentar sobre ele com a amiga Sibebe, que repassou a “encomenda” ao marido Osvaldo, conhecedor de muita gente que trabalhava na fábrica. Assim, passados alguns dias, o Osvaldo conseguiu – sabe-se lá como – atender ao pedido de Bete, que daquele dia em diante introduziu o doce de laranja-da-terra em seu cardápio natalino, que já contava com o seu tradicional e muito apreciado doce de figo.

Em gratidão, Bete presenteou Osvaldo com meio litro de licor de jenipapo feito por ela, acondicionado em bonita e decorativa garrafa. Osvaldo gostou tanto, que exigiu receita – repassando o caminho do tesouro à esposa Sibebe, sob a esperança de que ela se interessasse em fazer a gostosa bebida. Para sorte dele, ela se interessou!

Nem bem havia baixado o gelo do frio que havia sentido ao desembarcar em Santa Rita de Caldas e Zecarlos, que nunca negou estar tentando de todas as maneiras a sua transferência para a Coletoria Federal de Santo Antônio do Monte, lançando mão até de pedido a políticos influentes, Bete recebeu a notícia

de que a hora havia chegado. Ou seja, repentinamente, a sonhada oportunidade apareceu; Zecarlos havia conseguido a almejada transferência para sua terra natal, onde tinha muitos parentes, além de ficar perto dos pais, que àquela altura haviam saído de Moema e moravam em Lagoa da Prata.

Se para Zecarlos era a possibilidade de reencontro com amigos e familiares, para Bete não passava de mais um lugar desconhecido. Todavia, ela tinha uma enorme esperança de que o marido sossegasse e ficasse (por muitos anos) lotado no posto da Receita Federal de Santo Antônio do Monte.

A indisfarçável realidade era que todos estavam cansados da vida de ciganos que levavam, onde fazer e desfazer laços havia se tornado profissão. Foi exatamente com este sentimento que Bete se despediu de Sibeles e seu esposo Osvaldo, que deram de lembrança duas garrafinhas de licor de jenipapo (feito por Sibeles) com os rostos de Stan Laurel e Oliver Hardy, respectivamente atores da famosa dupla humorística de “O gordo e o magro”.

Se já não lhe bastasse a distância de sua família de origem, Bete vinha construindo uma trajetória de vida movediça, onde tudo se resumia em enorme saudade, povoada de rostos amigos disformes e perdidos na poeira indevassável do tempo.

O nome Santo Antônio do Monte a remetia à fazenda Santo Antônio, na qual viveu dias felizes no Mato Grosso, onde a voz de seu anjo da guarda lhe emitia a sentença de que jamais voltaria.

Ainda assim, Bete não se deixava abater: cuidava das crianças, tratava da bicharada, costurava, fazia penteados e permanentes nas madames, mexia doces no tacho, quitandas no forno e, no fim de todas as tardes, sentada num velho banquinho ao pé de um fogão a lenha, exalava fumaça de seu cigarro, como quem estivesse a expulsar as dores em brasas ardentes que queriam tomar conta de seu coração, ainda pulsando à beira do rio Garça onde, em pensamento, fazia banhar sua alma, renovando o brilho das estrelas responsáveis pela luz de seu olhar, que se debruçaria agora, languidamente, sobre a paisagem de Santo Antônio do Monte.

HÁ GENTE QUE USA A POTENCIALIDADE DE SUAS ENERGIAS NEGATIVAS, pondo-se sempre disposta a sacar de sua alma de fogo, como se fosse revólver, na direção de quem tem em conta de inimigo.

A primeira providência de Bete ao chegar à cidade de Santo Antônio do Monte foi remeter carta a seus parentes, uma necessidade que ainda a colocava diante da lembrança de que foi vítima, por parte do doentio materialismo dos familiares de seu saudoso marido, arroubados pelo temor de que ela reivindicaria seus direitos sobre a fortuna da família. Porém, não havia saída: era preciso enviar aos irmãos, principalmente à irmã Diva, o seu novo endereço.

Manoela também cuidou de escrever carta aos pais, dando-lhes conta de mais uma mudança da família com quem morava e da qual se sentia membro. A jovem Manoela nunca quis visitar os pais e os irmãos em Nova Ponte, mas constantemente repetia que, quando o fizesse, não mais voltaria. Ou seja, afastar-se-ia do núcleo familiar com o qual convivia e ao qual se sentia plenamente integrada.

Zecarlos alugou casa na rua Dr. Argemiro Itajubá – a penúltima casa à direita de quem sobe, antes de se chegar a uma ponte construída por cima da linha de trem. No início, toda a família se despertava no meio da noite, nos horários em que a locomotiva passava puxando inúmeros vagões. Todavia, com o passar do tempo, todos se acostumaram com o vaivém dos trens madrugada adentro.

De todos os membros da família, Lúcio era o que mais falava, arrastando um punhado de erres, pois começou a falar entre as cidades de Camanducaia e Santa Rita de Caldas, onde ele realmente despertou seu poder de fala, depois de uma expectativa que durou cinco longos anos, sob muita apreensão dos pais.

Acreditando que iria ficar muitos anos em Santo Antônio do Monte, pois o marido estava na cidade na qual sempre desejou

morar e, além do mais, a Receita Federal havia anunciado que abandonaria a política de frequentemente remanejar seus funcionários – que não criavam limo em cidade alguma –, Bete encheu ainda mais a casa de plantas e bichos, erigindo um verdadeiro ambiente de floresta e zoológico.

Zecarlos e Bete ficaram muito amigos do fiscal que já estava lotado no posto da Receita Federal santo-antoniense, chamado João Guimarães, casado com Cornélia. O casal tinha um filho, Frederico, que foi boa companhia para o Lúcio. Por sua vez, Vera conseguiu um monte de amiguinhas.

Vários foram os momentos em que Lúcio desceu o esbarancado próximo da ponte e se dirigiu até a linha de trem, que naquele trecho seguia a baixíssima velocidade, pois já estava bem perto da estação na qual pararia. Ainda tinha maria-fumaça que, como diziam as crianças, bebia água numa mangueira lodacenta em frente à estação de trem. Por isso, Lúcio dizia que a maria-fumaça era uma máquina viva, pois até tinha sede que nem gente!

Quando o trem estava chegando, Lúcio ficava a admirar os vagões, mas quando o trem estava saindo da estação ele, junto com outros amigos, subia no espaço existente entre os vagões e ia até a Chácara dos Brandões e, depois, fazia o trajeto de volta. Bete, envolvida em seus afazeres, nunca imaginou que o “santinho” do filho se arriscava em brincadeira tão perigosa.

Morando na casa da rua Dr. Argemiro Itajubá Bete ficou muito amiga de Geni, sua vizinha de frente, casada com Celso Mesquita; e também de uma solteirona de nome Fina, que virou sua companheira de costura e amiga por muitos anos.

Nem bem começou a criar marcas nas almofadas do novo endereço e, novamente, o casal Bete e Zecarlos foi obrigado a mudar de lugar, pois o proprietário da casa a pediu, dizendo que uma filha ia se casar e ele precisava do imóvel para ela residir. Então, Bete teve outra vez que escrever aos familiares em Ceres, falando da mudança de endereço, porém com a novidade de ser na mesma cidade. A nova residência ficava na rua Benjamin Constant, num casarão que havia sido casa paroquial.

Desde a chegada à nova residência, Bete começou a

insistir com o marido que eles precisavam adquirir um imóvel.

– Zecarlos, nós precisamos ter a nossa casa em Santo Antônio do Monte. Não dá gosto nenhum arrumar as coisas e de repente ter que desfazer tudo. Ainda mais para mim que tenho os meus bichos, as minhas plantas, a minha costura e o meu salão de beleza!

– Sim Bete, precisamos mesmo comprar uma casa! – Concordeu Zecarlos.

Foram então interrompidos por um dos filhos da Geni, que veio trazer uma carta endereçada à empregada Manoela. A missiva foi entregue aos novos moradores da casa na rua Dr. Argemiro Itajubá, que sabendo da amizade de Geni com Bete passou-lhes a responsabilidade de encaminhamento da correspondência.

Ávida por notícias de casa, Manoela pegou a carta, abrindo-a imediatamente. O conteúdo não era nada bom, pois dava conta de doença de sua mãe.

– Querida patroa e amiga Bete, chegou a hora de eu retornar em definitivo para minha gente. É tempo de eu conhecer a Nova Ponte ressurgida das águas e ali enraizar-me. Sou muito grata a vocês pelo grande aprendizado de vida, ao qual absorvi e vou levar comigo pelo resto de minha vida.

Em três dias, debaixo de muito choro da família, principalmente de Lúcio e Vera, que tinham tanto apego pela amiga e companheira de brincadeiras, Manoela se foi estrada afora. Sua partida entristeceu muito a casa e Bete passou a insistir (ainda mais) pela compra de imóvel próprio, no qual pudesse fazer o que bem entendesse – a começar pelos pregos nas paredes.

Neste período Lúcio e Vera começaram a estudar na Escola Amâncio Bernardes, que ficava bem perto. Tratava-se da escola em que Zecarlos havia feito a 4ª série. Vera se saiu bem, mas Lúcio muito tímido – talvez pela demora em falar – teve muita dificuldade. Até porque começou nos primeiros três/quatro meses com a professora Clélia Souto e, depois, foi transferido de turma e, por várias razões, não se adaptou.

Era quase meio do ano e Bete preferiu deixar o filho na escola até a mudança para a rua Sebastião Gontijo. Então, assim

que foram para o novo endereço Bete tirou o filho da escola, pois a situação de aprendizagem se agravava e ela tinha que buscar plausível solução. Para tanto, fez o propósito de procurar a primeira professora do Lúcio, assim que a poeira baixasse.

Feliz com a nova moradia que, por coincidência, a fez novamente residir perto amiga Geni, que se mudou para a avenida Amâncio Bernardes (quase esquina com a rua Sebastião Gontijo), Bete conseguiu levar um pouco de refrigério à saudade que sentia da companhia de Manoela, cuja partida para Nova Ponte lhe proporcionou mais um daqueles momentos em que, por mais que se tente, apenas a retina dos olhos da alma é capaz de filtrar, captar e registrar no álbum de luz do espírito.

Na casa da rua Sebastião Gontijo Bete pôde dar asas à sua imaginação paisagística de mundo, onde imperava o verde imenso de seu Mato Grosso, do qual emanava todo o som de tudo o que compõe a natureza – desde o cicio do vento ao tocar as folhas das árvores e arbustos até o canto dos pássaros e a algazarra da bicharada.

Se muitos bichos ela tinha no quintal, mais bichos ela cuidou de arrancar: coelhos, porquinhos-da-índia, patos, marrecos, galinhas comuns, galinhas-da-angola, porcos no chiqueiro, uma cabra, papagaio, arara, dois tucanos, tartarugas, o cachorro Duque, o gato Pelé (um angorá grandão, que foi agregado à família) e o mico que, como Estrela, era por todos conhecido... E ainda tinha a horta: couve, repolho, mostarda, alface, cenoura, beterraba, morangos, funcho, boldo, erva cidreira, romã... Tudo em meio aos pés de manga, abacate, mexerica e mamão...

As mudas de uva que plantou na frente da porta da cozinha deram origem a uma linda parreira, propiciando a todos o prazer impagável de, ao sair ao terreiro, deparar-se com saborosos cachos de uvas, doces como o mel derramado das mãos da semeadora.

Bete também preparou jardim, no qual podiam ser vistos lírios, roseiras, antúrios, manacás, dama-da-noite. No alpendre, dependurou samambaias choronas acondicionadas em pneus velhos, que ela mandou cortar ao meio. Então furou um buraco de cada lado, passou um arame ligando os furos, o que deu origem a

uma haste. Assim os pneus iam para as paredes e o teto do alpendre.

Não demorou muito para que sua engenhosidade ganhasse notoriedade e virasse notícia em tom de brincadeira num jornal da cidade, sob o título: “Inaugurada borracharia voadora na rua Sebastião Gontijo”.

Preocupada, Bete procurou a professora Clélia, que virou uma grande amiga.

– Clélia, o Lúcio só veio a falar aos cinco anos e acho que este fato anômalo o levou a enorme timidez. Observei que ele tem grande dificuldade com as sílabas, pois tem problema com os sons e creio que tal fato é por ter demorado muito a falar e não ter tido a oportunidade de ouvir a própria voz. Confundir vr, fr, cho, jo; trocar q por g e vice-versa é com ele mesmo. Ele precisa encontrar algum apoio, porque senão vai encaminhar-se para uma profunda e prejudicial dislexia.

– Olha Bete, você tem mesmo razão de ficar preocupada. Num primeiro momento, pode ser até bom você tirá-lo da escola, pois ele pode virar alvo de brincadeiras dos colegas, marcando-o psicologicamente de maneira indelével.

– Mas quem poderá me ajudar neste tipo de problema?

– Pelo que sei não tem gente especializada na cidade para tratar do problema que o Lúcio tem, mas minha irmã Dirce pode tentar ajudá-lo com aula particular, uma vez que ela está com a parte da tarde livre. Eu vou falar com ela a respeito. Contudo, vamos ter esperança de que tudo possa ser resolvido, pois o problema pode ter sido acarretado pelo fato de o Lúcio ter sido transferido de turma e, emocionalmente contrariado, abriu espaço para o agravamento da leve dislexia que já possuía e, assim, passou a estágio mais elevado. – Argumentou Clélia, prometendo cuidar sem demora da questão.

– Bete, a Dirce pediu para aguardar uns 15 dias, para que ela monte um esquema didático capaz de auxiliar o Lúcio. – Anunciou Clélia, passando rapidamente pela casa de Bete.

E assim, passaram-se as duas semanas solicitadas por Dirce e, não mais que de repente, lá estava o Lúcio recebendo aula particular, sob a específica finalidade de pelo menos minorar

a troca de letra e mistura de sons.

Dirce, desde o primeiro dia, fez tudo para agradar e obter total confiança do menino, arrefecendo a sua explícita timidez. Ela montou todo um arsenal engenhoso de aprendizagem, a fim de alcançar sucesso na missão a que se propôs. Muitas cartolinas, sílabas nas mais diferentes cores.

Como a sua irmã Clélia havia feito belo trabalho de iniciação à alfabetização, não foi difícil levar Lúcio à escrita e à leitura, que tinha uma sonoridade diferente, pois como iniciou sua fala no sul de Minas ele destacava em demasia os erres contidos nas palavras.

A troca de letras foi combatida com paciência, tanto da professora quanto do aluno, através de exaustiva repetição.

– Lúcio querido, é você quem tem de gostar de si mesmo. Cabe-lhe ter ciência do problema e sempre parar e observar bem o som, a letra. É assim que você deixará de incorrer em erro. No princípio, você vai demorar mais a grafar determinadas palavras, mas com o tempo tudo se ajustará.

– Já entendi Dona Dirce! Eu vou me esforçar...

Lúcio realmente se esforçou. A estratégia de ganhar a confiança e, por que não, a amizade do aluno por parte da professora Dirce surtiu efeito. A aula era das 14 às 15h30 e, em todos os dias, Dirce servia ao aluno um copo de suco geladinho – criando uma situação pela qual Lúcio passou a esperar e, certamente, visualizando a gentileza como gesto de amizade e espontânea premiação pelo seu empenho.

Dirce insistentemente recomendava a Lúcio que não falasse aos outros sobre o seu problema, fazendo sempre questão de garantir que ela jamais comentaria com qualquer pessoa. E ainda complementava com a afirmação: até a sua mãe eu proibi que faça qualquer referência em relação à sua dificuldade com o som das sílabas, pois tem muita gente maldosa e irresponsável neste nosso mundo. Seu caso tem muito a ver com o psicológico. Vai que um escárnio, uma brincadeira ferina lhe roube a confiança tão dificilmente conquistada!

Foi uma luta renhida durante seis meses. Neste período, Bete comprou a coleção “Tesouro da juventude”, numa edição

colorida, com letras grandes – iniciativa que fez parte do pacote de socorro ao filho. O tempo – que é mesmo de passar – passou. Lúcio foi matriculado na Escola Waldomiro de Magalhães Pinto, onde cursou todo o ensino primário sem qualquer problema, com muito sucesso e brilhantismo.

Era criança ainda, mas no seu coração havia muita gratidão pelo aconselhamento de sua primeira professora Clélia e também pela Dona Dirce, que muito mais que conter sua dislexia, ensinou-lhe o valor da palavra dada: Dirce, realmente, nunca revelou a ninguém sobre o ocorrido.

TUDO SER HUMANO SE ENCAMINHA PARA A DEBILITAÇÃO DO CORPO E CONSECUTIVA ELIMINAÇÃO, partindo rumo ao bíblico e celestial renascimento no reino da espiritualidade. Tudo o que se move contém o sopro de Deus e, exatamente por isso, deve ser respeitado e defendido. Como nos disse o filósofo e político francês André Malraux: “Uma vida pode não valer nada, mas nada vale uma vida”.

Bete se sentiu aliviada ao assistir à desvolutura com que o filho retornou às atividades escolares. Durante os meses em que cuidava de sanar o mediano problema de dislexia do filho, Bete deu uma trégua no atendimento a freguesas em seu salão de beleza, pois não mais contava com o precioso auxílio de Manoela e o Lúcio, além da aula particular, precisava de acompanhamento em casa, incluindo ambiente calmo e sossegado.

Nas horas em que Lúcio não estava estudando ou lendo, ele gostava de ficar assistindo ao Estrela ficar com o gato Pelé no colo, acariciando o felino enquanto pegava as pulgas que encontrava e as comia, numa ligeireza e habilidade impressionantes.

Contudo, todo o empenho desenvolvido no processo valeu a pena, inclusive as velas acesas e as orações feitas aos pés da imagem de Nossa Senhora da Abadia, uma devoção iniciada em Santa Rita de Caldas.

O minizoológico de Bete passou até receber visita de escolas do ensino primário (hoje fundamental), pois as professoras achavam interessante dar aos alunos a oportunidade de ter contato com tantos bichos juntos no quintal de uma casa e, ao mesmo tempo, conservar impecável limpeza aliada a uma boa organização.

Zecarlos também entrou na dança do gosto da esposa Bete e mantinha espaçoso viveiro com mais de 100 pássaros, onde havia até um casal de curiós que chocavam no local – coisa raríssima de acontecer com a espécie.

Vera estudava no Amâncio Bernardes e Lúcio no Waldomiro de Magalhães Pinto. Era um dia de sábado com

grande baile, à noite, no Glória Clube. Dessa forma, o salão experimentava um formidável movimento desde a parte da manhã.

Apertada com o movimento, Bete trancou o Estrela em um banheiro, que ficava num barracão localizado no quintal, pois o bicho estava incomodando as freguesas com suas estripulias – coisa de macaco.

Quando Lúcio chegou da escola, não se viu recepcionado pelo Estrela, apenas o Duque lhe veio dar o ar da graça. Saiu então a procurar pelo mico e, não o encontrando, resolveu perguntar à mãe pelo animal amigo.

– Mãe, a senhora sabe do Estrela?!

– Minha nossa, eu o prendi no banheiro e até me esqueci dele, meu filho!

Lúcio então correu ao banheiro e encontrou o Estrela morto dentro do vaso sanitário, onde caiu (ou foi beber água) e não conseguiu sair, pois o vaso molhado, liso e escorregadio não lhe deve ter dado base de apoio para ele saltar fora.

Foi aquele misto de apavoramento e tristeza, pois o Lúcio tinha apenas oito anos e era, portanto, uma criança ainda. Bete, com os olhos lacrimejantes, não sabia se atendia as freguesas ou se consolava o filho, que chorava muito e, inconsolável, culpava a mãe pela fatalidade.

Ao perceber que Bete não sabia e nem tinha como agir diante da complicada situação, na qual tinha que satisfazer a dois senhores, uma das freguesas – a muito conhecida “Dona Dedé” – se dispôs a ajudar na questão de forte cunho emocional, pois o mico estava no cotidiano da família há mais de seis anos. Ou seja, as crianças da casa o tinham presente em suas vidas praticamente desde o dia em que nasceram.

Maria José Cardoso de Oliveira, a Dona Dedé, esposa do médico Wilmar de Oliveira, demonstrou a sua grande capacidade de acolhimento integral com os braços do coração. Ela pegou o menino Lúcio pelo braço, preparou-lhe um copo d’água com açúcar, passou-lhe às mãos uma caixinha de madeira, que era usada por Bete sob o objetivo de acondicionar doce de laranja-da-terra “de cortar”, onde indicou que fosse colocado o corpo sem

vida do mico de estimação.

Consolou o menino com palavras de tamanho afeto que, sem pestanejar, Lúcio pegou a caixa com o Estrela e o enterrou ao lado de uma laranjeira que havia no quintal, com o pensamento fixo na certeza de que, assim procedendo, conforme lhe afirmou Dona Dedé, a energia invisível que habitava o corpo do mico teria mais facilidade de ir ao encontro dos galhos da árvore e, invisivelmente, dar continuidade ao seu festivo saltitar.

Quando Vera também chegou da escola, sempre mais tarde, pois ficava a conversar horas a fio com as amigas, e começou a chorar, Lúcio sabia como consolar a irmã, repetindo-lhe as palavras de Dona Dedé.

Lúcio andava por todo lado na cidade, indo até a Ponte do Lázaro, onde alguns amigos nadavam, outros pescavam e outros iam apenas por pura diversão ou mesmo por não ter o que fazer. Nas proximidades do local, ficava a chácara de senhor, popularmente, conhecido como “Agostinho Delegado”, onde Lúcio descobriu um frondoso e alto pé de Jenipapo, sob o qual se podia pegar no chão uma grande quantidade de frutos madurinhos, enrugados como rosto de pessoa bem velha, no ponto exato, conforme sua mãe recomendava como estágio melhor (e mais favorável) para ser fermentado no intuito de fazer licor.

Zecarlos a este tempo se apaixonou pelo Flamengo, clube de futebol local, do qual, junto com os amigos Beraldino Batista Braga, José Abdão, “Luizinho Sapateiro” (o técnico), José Rosa e Oscar Nascimento, foi presidente. Não era raro Bete entrar na dança desportiva, tendo que lavar o uniforme depois de jogo realizado no domingo. A tia de Zecarlos, a amiga Célia, que Bete conheceu no Hotel Belo Horizonte, chegou a ser eleita “Rainha do Flamengo”, pelo qual jogava o marido “Alvinho”.

Houve uma época em que o Flamengo de Santo Antônio do Monte deu de imitar clube profissional e mantinha alguns jogadores remunerados, que moravam nas dependências destinadas ao vestiário.

Neste tempo que pouco durou, dada à loucura e ao absurdo da situação, Bete andou servindo, a pedido do presidente sem juízo, marmitas aos chamados “atletas”, dentre os quais

existia um de nome Reis que, pelo que se sabia, gostava de uma, ou melhor, várias doses diárias de cachaça.

O filho Lúcio é que se incumbia de levar as marmitas até o campo do Flamengo, sob a instrução de esperar os jogadores se alimentarem, para assim poder trazer as marmitas de volta, pois elas seriam usadas novamente no dia seguinte.

Tudo corria dentro do combinado: Lúcio levava as marmitas quando chegava da escola, ficava esperando os tais atletas almoçarem – geralmente um, dois ou três no máximo –, mandando a comida pro bucho, enquanto ele jogava bola no campo, onde um dia sonhava atuar com a camisa do glorioso Flamengo local.

Mas veio o dia em o Reis pisou, literalmente, na bola. Bêbado e violento, o jogador alto, moreno e meio calvo – um ex-profissional de futebol em final de carreira –, esvaziou o tambor de um revólver nas marmitas, deixando-as completamente furadas.

Perante o ocorrido Bete decidiu, unilateralmente, a não colocar o filho envolvido em tão arriscada missão. Ou seja, pôs fim à história e, numa dose de bom-senso, a diretoria do clube resolveu deixar de fazer as tais contratações dispendiosas, que eram custeados por recursos particulares, principalmente do presidente.

OS SERES HUMANOS SE UNEM NA DESGRAÇA E ROGAM AOS CÉUS POR CLEMÊNCIA durante as trevas de demorados temporais ou a aflição diante da disseminação descontrolada de grave doença, mas se reagrupam em torno do mal, imediatamente, ao menor sinal de fim do perigo.

Manter-se retilíneo no caminho do bem é comportamento raro e que a poucos cabe neste mundo de loas e reverência à ignorância elevada ao grau de predicado.

No alpendre da casa de Bete ficava uma mesinha rodeada por três cadeiras. Ali ela recebia os desafortunados, os abandonados pela sorte programada pela má vontade de homens sem juízo e sensibilidade no coração.

Lúcio aprendeu com a mãe a ter atitude de respeito ao diferente, ao rejeitado, ao desprezado pela sociedade. No alpendre de sua casa, o menino via os loucos e infelizes andarilhos, que muitas vezes eram maltratados pelas crianças nas ruas – agindo sob o reflexo do pensamento dos adultos –, tomando café ou almoçando...

Sociedade na qual não haja espaço para o compartilhamento se ilha; quem persegue o diferente interrompe o seu aprendizado como ser humano, pois é na singularidade que se assenta a possibilidade de construção da pluralidade.

Bete, em todas as cidades pelas quais passou, sempre fez da sua casa o seu lugar, o seu território particular, sobre o qual derramava suas lembranças, que eram muitas (e tantas) e tinham que encontrar espaço para livre circulação em segurança nos momentos em sopitavam de dentro pra fora – feito o som de um instrumento.

Os que iam à casa de Bete visitavam o seu mundo interior, o chão que pisavam era o seu coração despojado e fraterno, ao qual deixava exposto e livre espaço a fora. Os amigos de Lúcio e da Vera se tornavam amigos dela, pois para ela a amizade não era fundamentada na idade, na cor de pele ou no poder financeiro – era coisa de alma, associação de energia e espiritua-

lidade.

José Magela Couto, Magela Batista, Arnaldo Adão e Otaviano Aquino (o “Laje”) eram amigos do filho Lúcio, mas também eram amigos dela, que lhes pedia para, por exemplo, comprarem-lhe cigarros ou ir ao armazém pegar alguma coisa pra ela.

Aos nove anos Lúcio fez os primeiros versinhos, guardando-os sob o colchão de sua cama, julgando tratar-se de local inexpugnavelmente seguro. Porém sua mãe era dada a uma faxina e acabou encontrando sua poesia. Bete ficou contente com o achado, lembrando-se até da maestra Antônia, que compunha poemas na forma de som. Saiu a anunciar aos quatro cantos o dom do filho, inclusive ao Padre Paulo, religioso alemão, que se transformou no maior benfeitor que o solo e o céu de Santo Antônio do Monte já abrigaram.

Padre Paulo passava frequentemente na casa de Bete e Zecarlos, onde ia pegar gelo para a realização de cirurgias na Santa Casa de Misericórdia da cidade, uma instituição de saúde que foi imaginada e fundada por ele.

À época eram poucas as famílias que dispunham de geladeira e, assim, em toda Santo Antônio do Monte o número de cidadãos bafejados pela felicidade de possuir tão importante eletrodoméstico não passava de uns quatro no máximo.

Então Bete se dava à missão de sempre ter boa quantidade de gelo no congelador, a fim de atender emergenciais necessidades da Santa Casa.

Um dia o Padre Paulo subiu as escadas que davam acesso ao alpendre da casa de Bete, carregando uma máquina de datilografia nos braços – e foi logo dizendo com o seu jeitão esbaforido:

– Dona Bete, já que o seu filho nasceu com o dom da poesia, ele vai acabar sendo poeta e escritor. Então ele terá de saber datilografia, para melhor desenvolver a sua escrita. Eis aqui uma máquina para ele praticar. Coloque-o em algum curso, pois ele precisa ter aulas. – Aconselhou o padre.

– Não, Padre Paulo, eu não posso aceitar. O senhor já tem despesa demais na manutenção de tanto projeto social na

cidade. – Alegou Bete.

– Dona Bete, se eu estou ofertando a máquina, é porque posso fazê-lo. É um presente para o seu filho e o meu gesto está dentro de minha visão de mundo, onde um poeta, um escritor, é figura exponencial perante a necessidade que temos de reunir forças em torno da conscientização e transformação da sociedade.

– Vou aceitar padre, mas continuo achando que não precisava, pois o senhor tem muitas obrigações e despesas com a sustentação de obras assistenciais que estão de pé graças ao seu empenho idealista.

– Ah, dona Bete, eu só faço o que dever de religioso e cidadão me exige!

– A grande verdade, Padre Paulo, é que se não fosse pelo senhor não teríamos a Santa Casa, que é uma das poucas casas de saúde de nossa região; o Asilo de Velhos; a Casa da Criança. Sei que o senhor anda pensando na construção de colégio estadual...

– Ando pensando, não! Eu vou construí-lo, vencendo e ultrapassando barreiras, pois os jovens de nossa cidade precisam estudar. O colégio beneficiará as famílias menos afortunadas e que não têm como custear o estudo dos filhos.

– Por essa razão é que, em princípio, eu não queria aceitar a máquina de datilografia, pois é oneroso demais manter tanta coisa no campo social.

– Não se preocupe, Dona Bete, pois além do apoio de muitas pessoas caridosas e socialmente comprometidas com a elevação do bem-estar do próximo, obtenho constante ajuda (material e financeira) de diversas instituições filantrópicas e religiosas europeias, principalmente de minha pátria (a Alemanha) e da Suíça.

– É uma pena, Padre Paulo, que os endinheirados brasileiros não sejam tocados pela tradição cultural de apoiar decisivamente as causas sociais. No bairro Bom Jesus, em Belo Horizonte, onde eu tenho modesta casa, um padre italiano (Heli de Oliveira Mendes) teve a ideia de fundar e manter um posto de saúde ao lado do Santuário Sr. Bom Jesus há muitos anos,

quando nem se falava nisto no Brasil.

– Quem sabe um dia, Dona Bete, nossas elites detentoras de poder e capital despertem para a necessidade de contribuir um pouco mais para a minoração das agruras provocadas pela desigualdade social.

– Não creio muito nessa possibilidade, mas rezo todos os dias e torço, com todas as forças do meu coração, para que tal dádiva de um Brasil mais igual e menos injusto com a sua gente possa acontecer. – Enfatizou Bete que, ao levantar-se da cadeira, fez cara de estar sentindo alguma dor.

– Que foi, Bete?! – Preocupou-se Padre Paulo.

– Estou andando com muita cólica na vesícula. – Relatou Bete.

– Pode deixar! Vou providenciar-lhe um medicamento alemão que a livrará da dor vesicular. O remédio vem numa caixa de resistente papelão, na qual você encontrará dois saquinhos de um pó bem fino. Você tem que misturá-los e colocar água, a fim de que se dissolvam. O medicamento é malcheiroso e de um sabor horrível, mas o benefício compensa.

– Pode me arrumar o remédio que eu tomo. Ademais, Padre Paulo, quem disse que remédio tem que ser docinho e gostoso? A meu ver remédio tem que ter cheiro e gosto de remédio! – Brincou Bete.

A conversa foi pela manhã e à tardinha, com o remédio prometido nas mãos, surgiu emissário do cônego Pedro Paulo Michla – alemão nascido em Klausberg, em 29 de junho de 1911 –, que pelo exercício da fraternidade, caridade e compromisso social se tornou filho de todas as pátrias, um cidadão do mundo, mas acima de tudo o mais santo-antoniense de todos os alemães.

Bete tomou a medicação indicada pelo Padre Paulo e nunca mais teve dores na vesícula, transformada em arremedo de território protegido pelo eficiente e malcheiroso produto farmacológico alemão.

Lúcio matriculou-se em curso de datilografia e passou a ter aulas com a gentil e calma Dona Georgina e, quando concluiu o aprendizado, a mãe o mandou ir até o Padre Paulo agradecer. Lúcio assim procedeu e ouviu do religioso que a forma real de lhe

demonstrar gratidão não estava no presente, mas no futuro, quando fizesse e editasse poemas e romances. E concluiu: – Quando isso acontecer, filho do Zecarlos e da Dona Bete, mais que simples agradecimento, você me tornará vivo, ainda que morto eu esteja.



Ilustração: Valdeci Almeida

TUDO FAZ PARTE DE UMA UNIDADE CÓSMICA. O INDIVIDUALISMO, NA ACEPÇÃO DA PALAVRA, não existe, pois as escolhas de cada um interferem no destino de um punhado de gente. O egoísmo é a força que leva a pessoa a abandonar (ou jamais se interessar) pelas causas coletivas, que ainda que não queira são as fontes de orientação de sua vida.

O hedonismo não passa de visão distorcida de mundo, uma vez que cada um de nós é parte da grande cadeia alimentar da energia cósmica que nos rodeia e a tudo rege. Quando uma pessoa quebra a corrente de união, ela não está em processo de aprendizado. Ou seja, tudo o que consegue é algum destaque

fugaz pelo ato de rebeldia, pois a verdadeira revolução (e evolução) se faz através da força coletiva e não por meio de ação solitária, da qual se extrai a triste constatação de estar sozinho.

Mesmo curtindo a sua casa, transformada numa espécie de escudo contra as maldades do mundo, Bete tinha muitos amigos em Santo Antônio do Monte, como o casal Dona Laura e Zizico (Belchior Batista Braga); Geni e Celso Mesquita; os vizinhos “Dona Menina” e Sebastião Gontijo, Dona Quinquina e Toninha, Dona Lurdes e Senhor Olímpio, Arlete e Francisco Brasil, Seu Joaquim e Amélia; Teresinha Lourenço; Teresa Melo; Maria Divina e Arnaldo; “Fina” (sua companheira de costura); Célia Lacerda; Miguel Lacerda Gontijo; Ana Mesquita Batista; Adílson Andrade Batista e os irmãos Magela, Antônio Carlos (o Cacau), Sílvio e Lúcio; “Fernando Boca”; Doralice; Dona Nísia e José Euclides; o Geraldo bombeiro; os pedreiros (pai e filho) João Bueno e “Gringa”; Janira; Amália Abdão; Luís Leonel; Selma (filha do Sr. Abelardo e Dona Antônia); Nininha Cabral; Dona Natália Couto; Marina Castro Nascimento (Nina do Oscar); Otaviana Marques e a filha Madalena (esposa do professor Fernando Gonçalves); Dona Mariazinha (Maria de Jesus dos Santos), que era benzedeira muito famosa na cidade; e Maria Luísa Tavares (Dina), esposa do Teodoro (guarda-chaves da Estação Ferroviária) e tia do Leacir Zulvane, amigo de seu filho Lúcio desde o primeiro ano de ensino fundamental na Escola Waldomiro Magalhães Pinto. Leacir sempre acompanhava a tia durante as visitas, pois era uma oportunidade de ele, aos suspiros, ver a Vera, filha da dona da casa, ainda que à distância – em trânsito pela casa.

Pode-se dizer que Bete armava em sua casa uma armadilha de fisgar os grandes milagres ofertados por Deus nas pequenas coisas e detalhes cotidianos. Sabia aquela mulher batalhadora, a mais mineira das mato-grossenses, que (ao contrário do queijo, que chega à “cura” solitariamente; quieto na prateleira) o ser humano tem que se mover na busca da saúde do corpo e do bem-estar mental da consciência, abastecendo-a com o constante aprendizado, por intermédio da livre e intensa convivência com as pessoas, em meio a uma boa prosa, café quente,

quitandas, geleia de manga, doce de figo, licor de jenipapo...

Durante muitos anos, Bete procurou em vão pelo endereço de sua irmã mais velha Otacília, casada com Pedro Silva, que sabia morar em Floriano, cidade do estado do Piauí.

Dessa maneira, chegou o dia de alguma luz ser lançada sobre a sua obstinada busca. Ela tocou no assunto com José Francisco Antônio, vendedor de fogos, que em Santo Antônio do Monte era conhecido por todos como Chicão. Solícito, o amigo de seu esposo Zecarlos se colocou disposto a abraçar a empreitada, pois vendia fogos na praça de Floriano, alcançando (de imediato) surpreendente sucesso. Ou seja, ele descobriu o endereço de Otacília com facilidade, pois a família Pedro Silva era bastante conhecida na cidade.

Bete logo se comunicou com a irmã, reatando a convivência, que foi plenamente materializada quando Chicão proporcionou o encontro das duas irmãs, trazendo-a de Floriano até Santo Antônio do Monte. Otacília apareceu acompanhada da filha Glória e de Maria do Carmo, sobrinha de seu marido e da cunhada professora Francisca Silva.

A visita da irmã renovou-lhe o ânimo e deu-lhe noção de quanto a família habita a nossa cabana emocional, servindo-nos de luz ainda que dela estejamos geográfica e territorialmente distantes.

O revigoramento propiciado pelo contato físico com a irmã trouxe-lhe reservas extras de energia, que lhe ajudaram a suportar o diagnóstico de diabetes já com severa seqüela em sua visão.

Bete soube então que quando o seu filho Lúcio nasceu pesando cinco quilos era sinal de que tinha a doença, pois não é natural uma criança nascer com tanto peso. Porém, em 1952, a medicina não dava muita atenção para esse indicativo, ainda fora da literatura médica.

No ano de 1968, Zecarlos trouxe à família nova ligação com o município de Moema, ao montar posto de gasolina e restaurante à beira de rodovia que cortava a cidade, em mais uma sociedade com o irmão Dalmo. Infelizmente, a renovação de laços comerciais não rendeu bons frutos e, muito pelo contrário,

resultou em volumoso prejuízo financeiro. A grave situação levou Zecarlos a vender a casa na rua Sebastião Gontijo.

Bete, mesmo muito entristecida não se opôs, apesar da angústia que sobre ela se abateu. Doente, ela já havia deixado de fumar. Não comia doce, mas ainda assim não excluiu de sua lida culinária a tradição de fazer geleia de manga, doce de figo e licor de jenipapo. Também não se livrou do hábito de tomar café, acostumando-se a tomá-lo com adoçante ou mesmo sem dose alguma de açúcar.

Abandonou o salão de beleza e guardava no íntimo a glória de ter sido procurada pela Niase, indústria de cosmético, que lhe ofereceu emprego em seu departamento de desenvolvimento de produto, em sua fábrica no Rio de Janeiro, devido à sua experiência com manipulação de tinturas para cabelo, incluindo até a produção de excelente pomada para a eliminação de calos. À época, pelo amor aos filhos e ao marido, ela recusou peremptoriamente a honrosa oferta.

Ao encerrar suas atividades de cabeleireira, Bete desfez dos equipamentos e pagou todas as suas dívidas em lojas da cidade, nas quais ela comprava roupa, sapatos para os filhos e tecido para ela costurar. Assim ela quitou seus empenhos junto aos amigos lojistas, Nair, “Tavinho Bolina” e Francisco Bolina (o Francisquinho).

Uma vez ou outra ainda costurava auxiliada pela amiga Fina, mas já não enxergava bem. Desfez de toda a bicharada, mantendo apenas dois cachorrinhos pequineses, o velho papagaio que era chamado de “Cocota” e alguns vasos de samambaia-chorona.

Vera, que tinha bom trânsito no circuito da alta sociedade santo-antoniense, não agradou muito da ideia de mudança e Lúcio muito menos, pois namorava Nina, jogava no Flamengo (ao lado de José do Couto, Tião César, Magela Batista, Orlandinho, Julinho, Zé Milton, Zizinho, “Otaviano Segundo” etc.) e tinha um punhado de colegas de “pelada” nos campinhos localizados nas periferias da cidade, nos quais convivia com a inesquecível sinceridade e amizade de adolescentes de famílias humildes.

Na bagagem de retorno a Belo Horizonte, no ano de

1972, Bete levava Marcílio Múcio, nascido em 1969, filho de jovem empregada do malfadado posto de gasolina, que havia morrido repentinamente e Zecarlos, comovido com a situação, resolveu adotar o menino, que foi recebido por Bete e os filhos como membro efetivo da família: Bete se lhe entregou como mãe, e Vera e Lúcio como seus legítimos irmãos.

Antes de partir, Lúcio se deu conta de que o pessegueiro, que havia plantado há alguns anos no quintal, estava novamente carregado de frutos. Quem poderia imaginar ou afirmar, quando ele trouxe a muda que lhe foi dada pelo Senhor Chico Sabino (proprietário da chácara na qual havia um campinho, onde jogava bola com os amigos), que suas mãos infante-juvenis que o plantaram colheriam pêssegos, para que a mãe Bete fizesse doce?! Ao deixar a casa de sua infância feliz, Lúcio anotou versos que lhe vieram à mente em meio ao doloroso cenário de mudança para Belo Horizonte, a fim de mais tarde debruçar-se sobre a elaboração de um poema: “Quanta dor das vezes que passo por lá/ Eu na ponta dos pés/ Pessegueiro na ponta da raiz”.

A modesta casa que Bete adquiriu ao chegar a Belo Horizonte, vinda do Mato Grosso, após curta estada em Ceres – na fazenda Berrante do Chão – voltou a lhe servir de cais e porto-seguro para toda a sua família.

Vera foi matriculada no Colégio Monte Calvário, no qual mais tarde foi estudar o irmão Marcílio. Lúcio foi encaminhado para o Visconde de Cairu, onde cursou o último ano do ensino de Contabilidade (ensino médio profissionalizante) e em 1974 foi fazer Jornalismo na FAFI-BH (hoje UNI-BH). Depois de formado, ingressou nos Diários e Emissoras Associados, onde trabalhou durante 30 anos ininterruptos no jornal “Diário da Tarde”.

Vera se casou em 1978 com Joel Araújo e deu à mãe Bete um casal de netos: Rachel e Filipe. Lúcio se casou com Nina, no ano de 1979, premiando Bete com mais dois netos, Amanda e Lucas, que os via como uma continuidade, um registro em carne e osso de sua passagem pelo planeta Terra.

Zecarlos permaneceu trabalhando no Posto da Receita Federal em Santo Antônio do Monte, passando os finais de semana em Belo Horizonte, ao lado da família. Porém, Bete

jamais ficou sozinha, pois contava com a companhia do filho Marcílio dentro de casa e do filho Lúcio, sua esposa Nina e a pequenina neta Amanda, que moravam num barracão ao lado.

Bete incentivou a poesia e a literatura do filho Lúcio desde a descoberta de seus primeiros versos escondidos sob o colchão da cama em que dormia. Por isso, como ação complementar, ajudou-lhe de maneira decisiva quando do lançamento de seus dois primeiros livros no ano de 1977.

Mãe carinhosa e protetora, Bete viveu com o filho poeta a angústia de não saber o que fazer diante de 1.500 exemplares de livros de poesia amontoados em seu quarto de dormir e com a agravante certeza de habitar um país de baixíssimo gosto pela leitura.

A situação era bastante embaraçosa, pois Lúcio (movido pelo idealismo combinado com inexperiência editorial) havia assinado notas promissórias em gráfica, apesar de não ter emprego nem qualquer renda.

Zecarlos, ao saber da loucura cometida pelo filho, pôs-se a reclamar, mas a mãe Bete perfilou ombro a ombro com o filho, saindo de porta em porta em busca de vender os livros. E foi assim, num ato de ousadia e loucura, que se iniciou a carreira de poeta e escritor do jornalista Lúcio.

Neste período, Bete recebeu a notícia da morte da irmã Diva chorando abraçada ao filho Lúcio, que foi quem pegou o telegrama com o carteiro e o leu para a mãe. Bete ficou com a saúde muito abalada e debilitada e o filho tomou a iniciativa de levá-la ao médico Marcelo Gontijo, filho do Juca Lacerda Gontijo, irmão de seu avô e padrinho de batismo (representante do Santo Antônio) Antônio Lacerda Gontijo. Dr. Marcelo sempre atendeu muito bem a sua mãe Bete e daquela vez não foi diferente.

Todavia, como nem tudo é só tristeza, Bete recebeu tempos depois em sua casa, no bairro Bom Jesus, a visita de sua irmã Otacília, que desta feita veio com o marido Pedrinho, os filhos Lindomar e Luiz Rosendo (conceituado médico no município de Floriano, Piauí), a cunhada professora Francisca Silva e Maria do Carmo (a Docarmo) sempre muito afetuosa com a tia Bete.

Depois ainda aconteceu a visita do irmão Otacílio, que apareceu de surpresa junto com a filha Mercedes, construindo no coração sofrido de Bete consolo e conforto. De quebra, ainda conheceu em outra ocasião o Frei Vicente, padre franciscano, religioso italiano, grande benfeitor de Floriano, cidade em que residia sua irmã Otacília. Frei Vicente estava a caminho de seminário em Mariana e passou na casa de Bete acompanhado da Maria do Carmo.

Bete colhia assim a amizade que semeou durante toda a sua vida. João Guimarães, agora fiscal aposentado, que morava em Juiz de Fora e que ela havia conhecido quando o marido Zecarlos foi transferido para o posto da Receita Federal em Santo Antônio do Monte, também foi visitá-la algumas vezes, acompanhado da segunda esposa (Clairmilda). Bete contava com a fraternal solidariedade de antigas amigas conquistadas na vizinhança, em sua rua Vassouras: Célia Alvarenga, Maria Helena, Conceição (do Sebastião), Senhor Moreira e Nilce, o casal Ênio e Mercês. Era muita amiga do engenheiro Otacílio Miranda, político que por várias vezes moveu injunções por ela, a fim de auxiliar amigas professoras com problemas na área pública da administração educacional.

Numa de suas visitas, João Guimarães e a esposa Clairmilda encontraram Bete bastante adoentada. Preocupados, pois o marido Zecarlos retornaria ao lar somente no final da semana, o casal cuidou de marcar consulta médica para a amiga. Então apoiada nos braços dos gentis visitantes, Bete tomou um táxi no seu amado endereço – simulacro de berço – da rua Vassouras 491 e seguiu rumo ao consultório médico. Em lá chegando, João Guimarães fez questão de adentrar a sala de recepção aos pacientes de mãos dadas com a amiga claudicante, numa contundente demonstração de sua amizade enraizada no gosto de ambos pelas plantas e pela natureza como um todo. João Guimarães, semeando o caloroso grão do afeto verdadeiro, conduzia a querida Bete como se estivesse a carregar rara e preciosa orquídea em flor.

Com o passar do tempo, Zecarlos conseguiu sanar o imbróglio de ordem financeira e, cansado do vaivém entre Santo

Antônio do Monte e Belo Horizonte, projetou o retorno de Bete e Marcílio ao solo santo-antoniense.

Dessa vez a mudança se dava sem alegria nem tristeza e muito menos alguma expectativa mirabolante. Bete se pôs amorfa perante o rebuliço que toda mudança provoca. Sentia-se como água que sabe da impossibilidade de retornar à fonte, pois a correnteza a empurra para o mar. Nem mesmo o fato de ir morar em belo sítio lhe dava contentamento, apesar de a mais absoluta certeza de que se daria ao trabalho de plantar roseiras, samambaias, mangueiras e figueiras, porque em sua vida o suor derramado no semeio sempre, efetivamente, contou. Dizia ela que não era morena cor-de-cuia, mas de terra – da qual Deus fez o barro, que recebeu o sopro da vida e na qual o corpo se transforma em pó, libertando o espírito – o sopro eterno!

Àquela altura da vida, Bete sabia apreciar a simplicidade que de tudo emana. Não lhe movia a busca pela descoberta de nenhum dos mistérios mundanos, cuja existência está fadada a manter-se sob a indevassável forma de segredo até o tão anunciado final dos tempos.

Todos (e tudo) nesta vida têm que descobrir o seu lugar, seja canto de alegria ou de dor, pois até para verter pranto é preciso ter o seu próprio e sossegado canto. Foi exatamente isto que a casa do Bom Jesus representava na existência terrena de Bete, não importando se fosse tempo de contentamento ou momento de desencanto. Ali sempre imperou a certeza de que somos o resultado materializado das vibrações do universo.

O desassossego do vento vem da realidade de ele não ter seu canto, um lugar qualquer para ser chamado de seu e no qual pudesse deitar-se calmamente, usando como cobertor uma leve brisa.

Bete era grata a Deus, por sempre ter tido em sua trajetória de vida o seu cantinho – arremedo de canteiro, onde pudesse “semear-se”, germinar e florescer como Bete no amanhecer de cada manhã, que agora aconteceriam no sítio chamado “CHÔRO”, localizado entre Pedra do Indaiá e Santo Antônio do Monte.

GENTE PEÇONHENTA TIRA PROVEITO DAS MISÉRIAS MATERIAL E INTELCTUAL DA POPULAÇÃO,

usando a religião como ferramenta de disseminação do vírus da discórdia (verdadeira pandemia social), por intermédio da distorção da filosofia de Jesus Cristo e dos preceitos bíblicos, colocando-os a serviço de interesses inescrupulosos do momento. O mal se reconhece e tem vergonha de ser o que é – por isso sempre se nos apresenta travestido de bem.

Bete estava cansada de assistir ao atraso da humanidade, alicerçado sob a promessa de mundo melhor que nunca surge nos horizontes, uma vez que não é semeado e muito menos cultivado. Assim como o ser humano é colhido pelo Criador depois de atingir determinado grau de maturidade espiritual, o poder e o conhecimento não devem ser dados ou colocados ao alcance de pessoas desprovidas de senso moral e apreço pelo desenvolvimento igualitário da humanidade.

Mesmo com dificuldades para se locomover, andando com bengala, Bete não desistiu de plantar mangueiras ao longo da cerca frontal à casa que lhe dava abrigo no sítio “Chôro”.

Recorreu ao pedreiro amigo Gringa para erguer gruta de abóboda arredondada feita com paralelepípedos. Nela fez altar e colocou a santa de sua devoção – a Nossa Senhora da Abadia. A gruta foi toda rodeada de plantas; uma trepadeira cresceu, floresceu e se entranhou entre os paralelepípedos.

Marcílio, ainda muito jovem, engatilhou namoro com Neide, filha de sitiante próximo do “Chôro”. Não demorou muito e se casou em 1988, sendo rapidamente pai de Marcílio Júnior, que nasceu no dia 5 de maio de 1989. Depois veio o nascimento de Juliana e, em seguida, a separação do casal.

A saúde de Bete foi piorando cada vez mais, levando Zecarlos a comprar lote na rua Américo Portela, número 3, onde construiu casa, a fim de possibilitar a saída da esposa do sítio, no qual ela não tinha mais condição de ficar.

Outra vez, o pedreiro contratado foi o Gringa, ao qual

Bete assistiu fugir para casar, quando era realizada reforma na casa da rua Sebastião Gontijo. À época, o pai do jovem pedreiro, o velho e bom João Bueno, até chorou de contrariedade, ao ficar sabendo o motivo de o filho não aparecer para trabalhar numa manhã de sexta-feira.

Infelizmente, Bete não podia contar com a constante presença dos filhos Vera e Lúcio, pois eles estavam na dura batalha de construir suas vidas e tinham filhos pequenos para criar. Vera morava em Brasília/DF e Lúcio cumpria horário penoso de trabalho madrugada adentro no jornal Diário da Tarde.

No dia quatro de dezembro de 1989, Bete telefonou para o filho Lúcio em Contagem, no bairro Eldorado, e com ele conversou demoradamente, o que não era atitude muito comum por parte dela, que sempre foi dada a telefonemas rápidos. Entrou até em assunto de política, assinalando a sua insatisfação com a eleição de Fernando Collor.

Disse que o fato de a democracia abrir espaço e ser tolerante com gente de índole autoritária não ia terminar em coisa boa para o Brasil. E adensou: – Sou filha de Joaquim Alcides Pereira, pastor protestante que um dia deu guarida ao “Cavaleiro da Esperança” Luís Carlos Prestes, uma grande figura histórica que apareceu em sua fazenda, fugindo da sanha perseguidora das milícias do governo, pantanal mato-grossense adentro.

Quando os fardados chegaram, meu pai – seu avô – se pôs de joelho com a Bíblia na mão, misturando reza com impropérios contra o comunismo. O tenente que chefiava a operação disse aos seus comandados: “Prestes não confiaria sua vida a um pastor enlouquecido”. E então se retirou, enquanto Prestes saía do velho guarda-roupa alojado no quarto do meu amado pai, que apoiava a histórica Coluna, em nome da luta pela igualdade social – sinônimo prático do verdadeiro exercício do amor ao próximo.

Logo depois de repetir o episódio de família do qual se vangloriava com legítima razão, Bete até brincou que não se acrescenta nada ao bem e aos ideais de liberdade a insana decisão de se confabular com o Diabo, que não merece assento à mesa de conversações. O mal não pode ser naturalizado nem aceito dentro da convivência democrática. No Brasil, a gente vota

pela democracia e o Exército governa, ao tornar o processo (implicitamente) numa eterna concessão temporária passível de repentina intervenção; elege candidato acreditando no combate à corrupção e os corruptos dominam o Executivo; escolhe o discurso contra a pobreza e as elites impõem políticas de "eliminação" dos pobres; e vai às urnas pela liberdade, mas termina legitimando o autoritarismo. Depois de muito conversar, ela terminou dizendo: "Lúcio, a geleia de manga e os doces de figo e laranja-da-terra já estão prontos na geladeira para o Natal. Filho, eu te amo!"

Desceu sobre Lúcio o manto de grande tormento e imensa solidão, inundando-o de triste sensação, uma premonição, uma audição sensitiva de que sua mãe estava com voz de despedida – num tom melancólico de adeus ditado pelo espírito.

Bete era mulher decidida, sabia transmitir as verdades da vida com sinceridade e doçura. Sempre alertava sobre o perigo da convivência com quem não toma partido e se coloca alheio a tudo. Dizia ela que a isenção é sempre o escudo de quem fez a antecipada e silenciosa opção pelo opressor.

Ele ficou a pensar em relato de sua mãe sobre tese da pianista Antônia, que dizia que a fusão das duas margens de perambulação das almas, em busca de evolução e aprendizado, dar-se-á no final dos tempos, sob o império da exclusiva glorificação dos espíritos que conseguirem alcançar a dádiva da real purificação, união e sabedoria.

Sem mais nem menos, Lúcio encheu a mente com a presença de sua mãe mato-grossense, que havia bebido na cuia da infância em Guiratinga, sob o som do piano de sua avó Antônia, a crença cristalina no trabalho eterno do Criador e seu filho Jesus Cristo, os quais permaneciam recrutando apóstolos para descortinar novos caminhos ao progresso da raça humana, através da capacitação de cientistas, poetas, escritores, músicos, artistas plásticos, professores, lideranças comunitárias...

Para Bete, cônica da eternidade do espírito, havia uma Bíblia viva em intangível edição diária, na qual a existência de todos e de tudo era importante, pois que resultado da mesma poeira cósmica (o barro) que deu origem e formatou o Universo,

onde em amplidões distantes acontecem explosões e novas estrelas surgem, multiplicando as muitas moradas do Criador.

Com o coração experimentando estranha aflição antecipada, Lúcio buscou dentre suas anotações o poema sobre o pessegueiro, que havia recebido o título de “Fruto jogado” e que bem traduzia a dor sentida por ele ao deixar Santo Antônio do Monte. E como se em cerimônia mística o leu, silenciosamente, em cadência de oração:

Na casa em que morei
Em minha Santo Antônio distante
Radiante um pessegueiro plantei
Que cuidei como ao primeiro amor
Quanta dor das vezes que passo por lá
Eu na ponta dos pés
Pessegueiro na ponta da raiz
Abrimos janelas no imenso muro
Do escuro de uma separação infeliz
Pra não me deixar na calçada, eu luto
Enquanto ao vento sacode o pessegueiro
Tentando jogar-me o derradeiro fruto...

No dia 19 de dezembro de 1989, Bete acordou à noite com estranha indisposição. Levantou-se dizendo ao marido Zecarlos que iria tomar um banho morno, para ver se melhorava.

Banho tomado, sempre movida pelo otimismo, Bete foi até a cozinha, onde preparou uma copada de bicabornato e, nem bem se deitou, começou a se debater. Zecarlos pegou a esposa nos braços e assistiu ao seu último suspiro, momento que certamente havia acontecido átimos de segundos antes, sob o registro privilegiado de seu espírito.

Lúcio estava no desempenho de sua atividade jornalística madrugada adentro e, ao encerrar a labuta, tomou o coletivo que o levaria de volta para casa. Quando o ônibus entrou na avenida João César de Oliveira em Contagem, observou que o apartamento em que morava, na avenida João Augusto da Fonseca, estava com as luzes do terraço acesas. Pensou em sua

mãe Bete, vindo-lhe ao peito (confrangido) a certeza de que ela havia morrido. E assim, ao abrir a porta da sala, sua esposa Nina, aos prantos, passou-lhe a confirmação da infausta notícia.

Dor igual neste mundo não há como a perda de mãe, que parte levando o lado lúdico de nossa vida, pois perdemos o seu colo e, também, a memória de nossa infância, que nunca mais entoará cantiga de roda.

Lágrimas tépidas banharam o rosto da família enlutada. Lúcio jamais se esqueceu do olhar de profunda consternação do senhor Zizico Batista, sentado durante todo o velório em frente ao caixão, estampando toda a dor pela morte da amiga Bete, numa espontânea constatação cristã de que o estar das pessoas a que amamos permanece em nós, mesmo quando (fisicamente) elas não mais estão. Bete já havia cumprido seu aprendizado sob o sol terrestre de cada dia e o Criador a considerou preparada para enfrentar uma nova caminhada no mundo de luzes da eternidade, onde daria continuidade ao incessante aperfeiçoamento de seu espírito.

O pedreiro Gringa, que havia construído casas para Bete morar em vida, fez questão de fazer o túmulo da amiga, numa prova incontestante do quanto ela era capaz de cativar as pessoas mais simples e humildes, sob a crença de que devemos evitar o desgaste vão com amizades que nada somam à nossa necessidade de aprendizado e constante evolução do nosso espírito.

Num primeiro momento, Lúcio colocou no túmulo da mãe placa em bronze com verso do poema “Orfandade”, que diz: NÃO ESTÁS, MAS ESTÁS EM TUDO. Depois afixou placa em alumínio com a totalidade do poema e uma foto da mãe querida. Escreveu o livro “Aroma de mãe”, que foi publicado com o apoio de amigos, sob a coordenação do Wilson Ricardo de Oliveira, saudoso amigo que o auxiliou na busca de patrocínio para a edição de vários livros.

Ao passo que a alma de Bete voeja em torno das luzes dos Céus, feito beija-flor corteja flor, Zecarlos, premiado com a longevidade, já ultrapassa os 97 anos e os filhos de Bete se encaminham para a velhice. Lúcio agora, diante do espelho, vê seu rosto cada vez mais parecido com os jenipapos maduros,

frutos enrugados, com os quais sua mãe fazia saboroso licor. Ensimesmado, recita para si mesmo uma trova simples e repleta de laivos da realidade da vida:

A juventude se foi
E hoje quando remo
Sou um carro-de-boi
A cada remada gemo!

Não nos lembramos de onde viemos ou do lugar em que estávamos antes de virmos à luz no planeta Terra. O mesmo se dá com a semente germinando no seio do chão, que não se recorda dos períodos de flor e de fruto. Caminhamos na eternidade do espírito, entre claridades, escuridões e tempo de maturação, no qual (ao invés de morte) o que existe são várias formas e fases de vida, cultivadas nos jardins das muitas moradas do Criador.

No fulgor do caldeirão da existência até as estrelas morrem, servindo de lenha ao fogo que aquece o tacho no qual é fermentado o plasma da eterna expansão cósmica, que (como as cachoeiras) não chora a água que cai, mas canta o líquido novo chegado da fonte.

Não há morte e sim transformação nos misericordiosos desígnios de Deus, assim ao partirmos, em vez de carne e alma, passamos a ser luz e espírito – ardentes tochas de claridade consciente a percorrer as muitas moradas preconizadas por Jesus Cristo.

O amor ao próximo é mandamento necessário ao crescimento de nosso espírito, que vive e viaja em grupos de convivência denominados famílias, nos quais acontece o aprendizado através tanto do exemplo quanto da tolerância aos nossos irmãos de caminhada no tempo, que está para nós como a água para os peixes – o grande mar da existência, onde antes de qualquer coisa devemos aprender a estender a mão e sermos piedosos com nossas próprias imperfeições. É no exercício do amor ao próximo que nos reconciliamos com nossas frustrações, fugimos da solidão e nos esmeramos na busca de realização de nossos

sonhos, numa inegável indicação de que **PRECISAMOS DO PERMANENTE CONTATO COM O OUTRO, PARA RECEBER NOTÍCIAS DE NÓS MESMOS.**

A dor que nos leva às lágrimas ao perdermos um ente querido é uma espécie de primeira chuva primaveril a regar e fertilizar o grão de espírito humano que subirá aos Céus, rumo à sagrada lavoura de semeio e colheita de novos aprendizados, lições e aperfeiçoamentos, cumprindo os desígnios da perenal existência.

O Criador se manifesta energizado em nossos gestos e atitudes em relação ao próximo, à coletividade, à natureza, à humanidade. Mesmo as pessoas que não creem na existência de uma Entidade Superior, recebem o vital fluido divino da graça da vida. Ou seja, **QUEM NÃO ACREDITA EM MILAGRE, VIVE SOB O MILAGRE DE EM NADA ACREDITAR.**

Viver é sempre uma tarefa dura e difícil: é missão a ser desempenhada à exaustão, em meio a impiedoso redemoinho de muitos dissabores, frustrações, alegrias, lágrimas, risos e oblações. Na vida há períodos e passagens em que os horizontes se perdem em poluição tamanha que nossos olhos se refugiam na lavanderia de incontido pranto, para dissipar a espessa penumbra de desesperança a invadir-nos o espírito.

A emoção é a roupa de gala que coloca a razão no salão de baile da vida. Sem ela, a orquestra tocaria sob o vazio de possibilidade de que alguém se pusesse a cantar e dançar. Os ensinamentos da realidade nos apontam que **QUEM NÃO SE SENSIBILIZA (OU SE COMOVE) COM A BELEZA DE UM POEMA, AO CERTO POR NADA SERÁ SENSIBILIZADO OU SE DEIXARÁ COMOVER!**

Sob o sol de cada dia, tudo vai perdendo a cor, desbotando, num processo natural de incontida evaporação. Se há genética influenciadora da vida física, também deve existir a genética espiritual, em conformidade com o aprendizado de cada núcleo familiar de luz, determinando o destino, a intelectualidade, os contentamentos, os infortúnios, os encontros e os desencontros, objetivando o crescimento e a evolução da claridade (revestida de face e mente) que abrange todo ser humano, mediante vibra-

ções galácticas que unem casais, fecundam gentes, sementes, flores e frutos; movem e expandem o universo, que vive em constantes choques, explosões, nascimento e morte de estrelas.

Devemo-nos esmerar na prática de amor ao próximo (sinônimo de pleno exercício da amizade, caridade e fraternidade), pois é tão mais pesada a mala da existência, quanto menos sentimento de doação e aprendizado temos a carregar na despedida.

Por mais que sejamos amantes da paz e da ordem, há ocasiões em que a realidade nos impõe a desobediência e o dever de pisar a grama, a fim de fugir de mal pior. Ou seja, não é sempre que dá para simplesmente contornar as pedras como nos ensinam as águas. Vive de verdade quem se depara ao longo de sua existência com algum sinal que valha a pena avançar. Quando Bete ousou deixar, sozinha, o seu Mato Grosso (em 1950) e vir para Minas Gerais, ela transgrediu, avançou o sinal – e viveu do seu jeito, ao seu modo, a vida que pôde e lhe coube viver.

Bete Rodrigues Gontijo aprendeu em suas andanças e nas tantas casas em que morou que não importa o tamanho da residência: se grande ou pequena, se barraco ou mansão, se bonita ou feia, se bem localizada ou na periferia, pois o que realmente dá sentido e transforma moradia em lar são os sonhos (contidos na mente e no coração) e não a medida do metro quadrado de construção. Ao fim de tudo, OS AMIGOS VERDADEIROS NÃO PARTEM; CORREM PARA DENTRO DA GENTE!...

Somos seres irmãos e integrados a tudo que nos rodeia. Portanto, não é à toa que 70% do nosso corpo são pura água, como se fôssemos rios e mares – um verdadeiro manancial hídrico de pernas. Todavia, o percentual de água em nosso organismo vai diminuindo com o passar do tempo: entre zero e dois anos de idade somos 75% líquido; entre 10 e 15, 65%, até chegar ao volume de 50% depois dos 60 anos. Com toda certeza, as fases da Lua agem sobre o nosso humor, à maneira do que acontece com as marés e, ademais, ninguém morre novo ou velho, cedo ou tarde, todos nós vamos embora da dimensão terrestre em conformidade com o nível de nosso manancial hídrico interior exposto à ensolarada evaporação sob o sol de

cada dia. Ou, melhor dizendo e explicando, quando estamos quase sem água em nosso aquário existencial no planeta Terra somos convocados a aproveitar a vau do rio de nossa alma. Então, instintivamente, atravessamos as águas de nós mesmos, arrastando o peso de todo aprendizado acumulado rumo ao infinito espiritual de luzes úmidas, feito berço – a nossa casa celestial!

Vira e mexe a mente do filho primogênito da saudosa Bete divaga. E ele sorri, ao se perceber quase no ponto de também ser colhido, a fim de se misturar ao licor de luzes com o qual o Criador energiza e, inebriantemente, ilumina o “Universo D'eus” – sinônimo de muitos, de tudo e todos nós em um só plasma sagrado: DEUS!

BEBIDA DOCE

O mormaço do tempo desfaz a memória
Tudo vai se transformando em leve traço
Desfazem-se os rastros e tudo vira trapo
Mas o gosto de licor de jenipapo de mamãe
É sabor que ainda me inunda o céu da boca
Como se em casa chegasse o fruto no ponto
Madurinho e pronto para virar bebida doce
E não fosse realidade o triste luto desta vida!



CERIMONIAL POÉTICO DE ENCERRAMENTO

(Ao meu pai, José Carlos Gontijo)

PAI E FILHO

Ser pai é correr docemente atrás
Da realidade natural de não ser mãe
É saber que a fecundação carnal
Somente se transforma em paternidade
Sob o aval do brilho da amizade sincera
Quimera que ao final une pai e filho
No mesmo varal de almas...

Ilustração: Sabrina Éllen de Oliveira

OLHAR DO MEU PAI

A mão trêmula ajeita o chapéu e esfrega o rosto
Um gosto pela admiração das coisas ao seu redor
Nada melhor que experimentar porção de saudade
Paisagem para o meu pai é instrumento de recordação
Ele apreende no peito o cerne da dura realidade
Sabe e sente a fonte da vida que no cotidiano cessa
Mas presente que tudo sobreviverá em novo horizonte
E de ninguém esconde o seu experiente olhar sem pressa!

Ilustração: Vera Lúcia Gontijo



O PAI

Presença de pai diante dos filhos
Licença para ceder ou tomar a palavra
Sair para pescar em rio sem peixes
E voltar com feixes de sabedoria
Pois que criar às vezes não é dar
É gerar alegorias e possibilidades
Alegrias e realidades imateriais



SEIO DE PAI

Quando eu saio para semear
Um raio de luz prepara o semeio
É meu pai com sementes no embornal
Que revestido de espírito maternal
Age como se tivesse generosos seios
Alimenta todos os veios da terra
Então sem receios lanço o grão ao solo!

Ilustração: Sabrina Éllen de Oliveira

O ROMANCE “JENIPAPO NO PONTO” NARRADO EM FOTOS



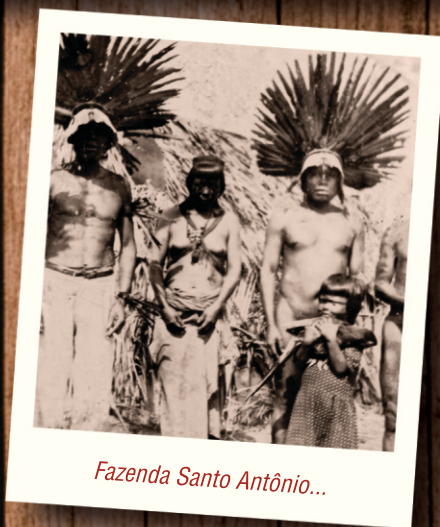
Betty nos braços da mãe Francisca.



Francisca e Joaquim Alcides Pereira, os pais de Betty.



Betty e o primeiro marido Luiz Antônio.



Fazenda Santo Antônio...



...Guiratinga, Mato Grosso....



...Vivia-se pacificamente com as Tribos indígenas.



Betty em Belo Horizonte...



...recém-chegada do Mato Grosso



José Carlos, em registro fotográfico na região da Pampulha, em Belo Horizonte.



Geraldo Birucha, amigo de Betty, gerente do Hotel Belo Horizonte, na Rua dos Caetés.



Vera.



Vera e Lúcio...



...filhos de Betty.



Da direita para a esquerda: Carlos Lúcio, Vera Lúcia, José Carlos, Betty, Cornélia Guimarães, Frederico Guimarães e as queridas secretárias do lar Manoela e Conceição. (A foto é "obra" do fiscal da Receita Federal João Guimarães, registrando um dia de piquenique).



*Betty com o casal
Cornélia e João Guimarães.*



*Dona Célia Alvarenga, soprano
do coral do Santuário do
Sr. Bom Jesus, em Belo Horizonte.*



O filho Marcílio, em foto na casa da rua Vassouras, em Belo Horizonte.



Dona Laura com o Sr. Zizico.



Dona Laura dançando com o filho Adílson Andrade Batista.



Padre Paulo Michla, o mais santoantoniense dos alemães.



O pedreiro "GRINGA" dentro de uma panela, na loja do "Zé Preguinho". Gringa construiu e reformou casas em que Betty morou e, na sua morte, fez questão de erguer (tijolo por tijolo) a sua última morada.



O pedreiro João Bueno, pai do também pedreiro "Gringa".



"Geraldo Bombeiro", um ser humano revestido com a luz da bondade e da amizade.



Maria Luísa Tavares (Dina).



Fábio Fonseca, médico, político, dirigente do Atlético Mineiro. Foi ele quem ajudou Betty a verificar a papelada de compra do barracão da rua Vassouras 491, no bairro Sr. Bom Jesus, em Belo Horizonte, se era verdadeira e dentro dos valores de cotação do mercado imobiliário. O dinheiro era "curto" e Betty tinha medo de ser enrolada.



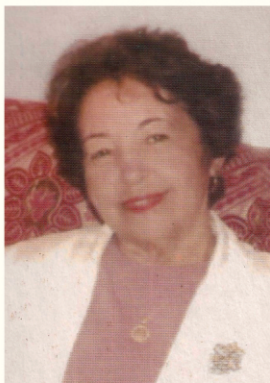
O advogado José Magela Couto.



Empresário Arnaldo Adão.



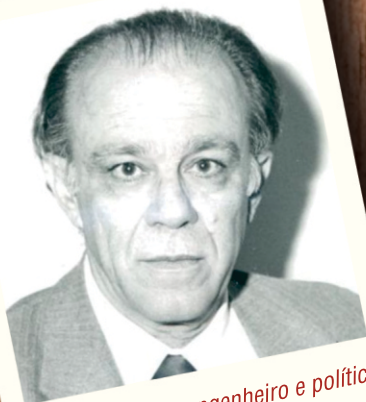
José Carlos e a tia Célia Lacerda.



Clélia Aparecida Souto e Couto (primeira professora de Carlos Lúcio, na Escola Municipal "Waldomiro de Magalhães Pinto", em Santo Antônio do Monte).



Miguel Gontijo.



Otacílio Miranda, engenheiro e político.



Geni do Carmo Mesquita.



O casal Adílson Andrade Batista e Ana Maria Mesquita Batista.



Mercedes Pereira Cunha (sobrinha de Betty, filha de seu irmão Otacílio) com o marido João.



O cachorro Baru.



Betty, a neta Rachel nos braços da babá e Maria do Carmo, raiz familiar do Piauí.



Cerimônia religiosa no Santuário Senhor Bom Jesus: Padre Heli Mendes de Oliveira, José Carlos, Betty e Marcílio.



Betty entre a irmã Otacília e a sobrinha Glória.



Da direita para a esquerda: Betty com a irmã Otacília (segurando Amanda nos braços), Francisca Silva e Pedro (marido da Otacília).



Frangente pinçado no dia 5 de maio de 1979, em Santo Antônio do Monte (casamento de Lúcio com Nina): Betty ao lado de José Rodrigues e Benvinda.



Betty com a neta Amanda nos braços.



Betty na casa da rua Vassouras, bairro Senhor Bom Jesus, em Belo Horizonte.



Carlos Lúcio e o pai José Carlos.



Venina Gomes e Antônio Lacerda Gontijo, pais de José Carlos.



Betty e Nina, esposa de Lúcio (5 de maio de 1979).



BIOGRAFIA

Tendo como patrono Guimarães Rosa, Carlos Lúcio Gontijo possui assento na Academia Mineira de Belas Artes – AMBA. É membro da Academia de Letras do Brasil-Mariana (ALB-MARIANA), onde ocupa a cadeira número 15, que tem como patrono o poeta Bueno de Rivera; integra a entidade cultural internacional Poetas del Mundo; é membro da Academia de Letras de São Pedro da Aldeia (ALSPA), da Academia Santantoniense de Letras (ACDSAL) e correspondente da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

Premiado com o troféu Carlos Drummond de Andrade (Itabira, 05/06/2010 – 45ª edição do evento). Nos meses de março e abril do ano 2000, expôs no Instituto Cultural Brasil-Estados Unidos (ICBEU) e no Shopping Norte (no Bairro Venda Nova/Belo Horizonte) poemas colocados em moldura (“Telaescrita”, segundo batizou a mostra).

Foi presidente da Associação Mineira de Imprensa (AMI), no triênio 2002/2005, e dá nome à biblioteca do Instituto Maria Angélica de Castro (IMAC) e à Biblioteca Comunitária do Bairro Flávio de Oliveira, em Santo Antônio do Monte. O seu romance Cabine 33 foi indicado e adotado em dois vestibulares (2005 e 2007) da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM).

É cidadão honorário das cidades de Contagem-MG (por indicação do vereador Arnaldo de Oliveira) e Santo Antônio do Monte (por iniciativa do vereador Luís Antônio Resende).

Trabalhou durante 30 anos no jornal DIÁRIO DA TARDE, onde foi revisor, supervisor de revisão, secretário de página, articulista, editorialista, subeditor e editor de Opinião. Passou, ainda, pelos seguintes jornais: Proeste, Diário de Minas/Jornal de Minas, Hoje em Dia, Tribuna de Mariana (do qual foi editor) e pela publicação Fogos em Revista (editor).

No dia 24 de setembro de 2011, foi contemplado com a “Comenda do Grande Oriente do Brasil-RJ”, pela Academia Maçônica de Artes, Ciências e Letras do Rio de Janeiro. Detém o “Prêmio Mérito Literário Poeta Antônio Fonseca”, elevada e significativa honraria criada pela Academia Betinense de Letras (ABEL), prestigiada entidade cultural da cidade de Betim/MG.

No dia 20 de outubro de 2011, foi contemplado com o Diploma de Honra ao Mérito pela Loja Maçônica Mestres do Monte. Em dezembro de 2011, recebeu a Medalha de Mérito Literário da Academia de Letras do Brasil-Mariana, Aldrava Letras e Artes e Inbrasci. Foi membro do Conselho de Redação da Revista “eisFluências”, editada em Lisboa/Portugal.

No dia 26 de novembro de 2015, foi agraciado com a “Medalha do Mérito Cultural Professor Miguel Eugênio de Campos”, outorgada pela Associação dos Amigos do Centro de Memória Municipal de Santo Antônio do Monte.

Foi contemplado com premiação nacional da Revista “zaP!” (do estado de São Paulo) denominada CEM MAIS, nos anos de 2010 e 2015, pelo trabalho realizado no âmbito cultural. Elaborou prefácios para os livros de poetas e escritores como Ádlei Duarte de Carvalho, Ieda Alkimim, João Silva de Souza, Regina Morelo, J. Estanislau Filho, Leonildo Miranda Araújo, Sebastião (Tião) Henriques, Clélia Aparecida Souto e Couto (a primeira professora do autor), Luiz Cláudio de Paulo e Maria Ortélia de Castro Melo.

Em 22 de outubro de 2016, em Itabira/MG, recebeu o Troféu Expressão Literária Machado de Assis. Um ano depois, no dia 6 de novembro de 2018, veio a grande homenagem “Prêmio Academia de Letras de Teófilo Otoni: Troféu Isaura Caminhas”, na modalidade: conjunto de obra literária. Nos dias 06 e 07 de junho de 2019, o Festival de Literatura de Santo Antônio do Monte

(FLISAMONTE) teve como enfoque a sua obra, envolvendo toda a comunidade escolar e cultural santo-antoniense.

No dia 16 de setembro de 2019, recebeu “Moção de Aplausos” da Câmara Municipal de Santo Antônio do Monte – MG. No dia 16 de novembro de 2019 tomou posse na Academia Mineira de Belas Artes (AMBA), em Belo Horizonte.

Foi agraciado, no dia 06 de março de 2020, com o Prêmio Cidade de São Pedro da Aldeia de Literatura e a Comenda Luislinda Valois, pela Associação Internacional de Escritores e Artistas (Literarte).

Em setembro do ano de 2020, recebeu da Associação Internacional de Escritores e Artistas (LITERARTE) diploma e medalha Poeta Fernando Pessoa, além de inserção de dois poemas de sua autoria na “Antologia Fernando Pessoa & Convidados”, com a participação de poetas, escritores e cronistas brasileiros e portugueses.

No mês de outubro de 2020, foi honrado com a “Medalha Prêmio Gonzaga de Carvalho”, uma realização cultural da Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO).

No dia 25 de novembro de 2020, a Editora Mágico de Oz o contemplou com a “Medalha Cecília Meireles” e inclusão de seu artigo “A bênção, negra Carolina!” na antologia “Melhores do ano de 2020”.

É “Destaque Literário 2021” pela Editora Mágico de Oz, ano em que recebeu a “Medalha Escritor Mágico”, também da Editora Mágico de Oz.

Seu nome integra a “Galeria dos Imortais LITERARTE”, no Castelo Country de Petrópolis/RJ, inaugurada em 24/09/2021.

No dia 14 de dezembro de 2021, foi homenageado com diploma de Honra ao Mérito pela Revista "Official Chic", veículo de comunicação especializado em eventos e jornalismo da cidade de Lagoa da Prata/MG.

Mais informações e dados podem ser buscados no site do autor (www.carlosluciogontijo.jor.br).

CARLOS LÚCIO GONTIJO

se posta ao lado de outros autores e expoentes do mundo das artes (como Fernanda Montenegro) na “Galeria dos Imortais LITERARTE”, no Castelo Country de Petrópolis/RJ, inaugurada em 24/09/2021 (Rua Anita Garibaldi, 83, Petrópolis – RJ).



A OBRA LITERÁRIA E POÉTICA DE CARLOS LÚCIO GONTIJO

www.carlosluciocontijo.jor.br

- Ventre do Mundo** (Poesia – 1977);
- Leite e Lua** (Poesia – 1977);
- Cio de Vento** (Poesia – 1987);
- Aroma de Mãe** (Poesia – 1983);
- Pelas Partes Femininas** (Poesia e prosa – 1996);
- “Coletânea”** (Editada em dois volumes, no ano de 1998, contendo os cinco primeiros livros do autor);
- O Contador de Formigas** (Romance e poesia – 1998 – 1ª edição; 1999, 2ª edição);
- O Ser Poetizado** (Poesia e prosa – 2002);
- O Menino dos Olhos Maduros** (Novela e poesia – 2002);
- Virgem Santa sem Cabeça** (Romance e poesia – 2002);
- Cabine 33** (Romance e poesia – 2004). Foi indicado para o vestibular da Faculdade de Administração de Santo Antônio do Monte (FASAM) nos anos de 2005 e 2007;

Lógica das Borboletas (Romance e poesia – 2007);
Jardim de Corpos (Romance e poesia – 2009);
Quando a Vez é do Mar (Romance e poesia – 2012);
Poesia de Romance e Outros Versos (Poesia – 2013);
Tempo Impresso (Poesia e artigos de opinião publicados em jornais – 2016);
Desmemória de Horizonte (Romance e poesia – 2017);
Bodas de Bule – Café sem Pó (Poesia e novela – 2019);
Menos Olhos, Menos Chuva & Grãos de Loucura (Poesia, frases, novela – 2022);
Jenipapo no Ponto (Romance e poesia – 2022).

TÍTULOS INFANTIS

Duducha e o CD de Mortadela (Livro infantil – 1ª edição, 2009; 2013, 2ª edição);
Lelé, a Formiga Travessa (Livro infantil – 2013);
O Guarda-Chuva do Simão (Livro infantil – 2015);
Beijoaria (Livro infantil – 2017);
A Tartaruga Georgina (Livro infantil – 2018);
AGENDA (Livro infantil – 2020).

ANTOLOGIAS E COLETÂNEAS

Poetas del Mundo em Poesias (Volume I – abril de 2008 – Editora Gibim);
Galeria Brasil 2009 – Guia de Autores Contemporâneos (Livro organizado pela entidade Celeiro de Escritores e publicado pela Editora Sucesso, São Paulo/SP);
Antologia da Associação Internacional Poetas del Mundo (Volume I – setembro de 2011);
Lumens em Prosa e Verso (Antologia ALB-Mariana, Aldrava

Letras e Artes e Inbrasci-MG – dezembro de 2011);

CAFÉ-COM-LETRAS: Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni (Nº 12, dezembro de 2014);

CAFÉ-COM-LETRAS: Revista Literária da Academia de Letras de Teófilo Otoni (Nº 13, dezembro de 2015);

Antologia Fernando Pessoa e Convidados (Editora Mágico de Oz, uma produção com a participação de autores brasileiros e portugueses – setembro de 2020);

LITERATOS VOLUME I (V Prêmio Literário Gonzaga de Carvalho, realização da Academia de Letras de Teófilo Otoni – ALTO, outubro de 2020);

Antologia Prêmio Melhores do Ano 2020 (organizada pela Associação Internacional de Escritores e Artistas – LITERARTE, 25 de novembro de 2020).



Ilustração: Vera Lúcia Gontijo

Adendos

Ode Natalina aos 25 Livros de Carlos Lúcio Gontijo



*Por todo o universo,
O **Ventre do Mundo** se prepara...
Envolta em **Leite e Lua**
Aproxima-se a grande noite.
No **Cio de Vento** chega
Um suave **Aroma de Mãe**
Que, **Pelas Partes Femininas**,
Se torna forte, fecundante
E faz o Natal acontecer.
Numa **Coletânea** de amor
Há séculos, o milagre se repete.
Na história da humanidade,
O **Contador de Formigas** registra
O **Ser Poetizado** em prosa e verso.
Tempo passa, e transformações surgem.*

*Estendendo os braços para a vida,
O Menino dos Olhos Maduros
Busca aconchego no romance
Da Virgem Santa sem Cabeça.
Finalmente chegamos à Cabine 33
Onde trabalha meu amigo em versos
Sempre renascido pelo escrever.
Num abraço acadêmico,
Com poema e poesia,
Lhe desejo um Feliz Natal.
Por todos os dias de 2022,
No ofício da palavra e da vida,
Sejam suas realizações
Múltiplas, produtivas e felizes.
A metamorfose **Lógica das Borboletas**
Saiu do casulo e voou livre
Na sequência mágica das letras
Por muitos outros espaços.
Poéticas e marcantes lembranças
Formaram florido **Jardim de Corpos.**
Dos canteiros da imaginação,
Desde o ano de 2009,
Brotaram histórias e lições
Que encantam as crianças
Como presentes de Papai Noel.
No toque lúdico do contista,
Duducha e o CD de Mortadela,
Lelé, a Formiga Travessa
E O Guarda-Chuva do Simão
Foram ao “show” de **Beijoaria**
Com **A Tartaruga Georgina***

*Que tagarelou bem alto:
- Todos juntinhos na **Agenda** infantil!
No vai e vem das ondas,
Quando a Vez é do Mar,
Poesia de Romance e Outros Versos
Iluminaram a praia do leitor.
Apesar de ventos e marés,
O barco flutuou com sucesso,
Reunindo publicações em jornais
Nas páginas de **Tempo Impresso.**
Assim nada ficou esquecido,
Pois **Desmemória de Horizonte**
Colocou selo garantido.
Bodas de Bule – Café sem Pó
Chegaram em 2019
Com o mais puro sabor
De festa, renovação e glórias.
Para Carlos Lúcio e Nina,
Em 40 anos de alianças,
O Amor é sempre menino.
Em 2022 sinos anunciaram
Menos Olhos – Menos Chuva
& Grãos de Loucura.
A água flui penteada
E, pelas mãos do autor,
Gotas são transformadas
Numa coleção de poemas,
Romances, contos, novelas...
Numa mistura suave
De real e imaginário
São 45 anos de magia*

*No campo da literatura.
Em dias de abril e maio,
Canção natalina pede bis
Para entoar natalício feliz
E contar novas idades:
Carlos Lúcio – 70 e Nina – 69.
Nas linhas de **Jenipapo no Ponto**,
O fruto maduro, livre,
Mais experiente e pronto
Pode viver, sentir e escrever
Novas aventuras e emoções.*

**Sônia Veneroso*

*Professora graduada em Letras, pós-graduada em Literatura Brasileira e membro da Academia Santantoniense de Letras – ACADSAL.

REGISTRO DE GRATIDÃO

Produzir mais de 600 artigos e mais de mil editoriais para jornais e, ainda, editar 25 livros não é tarefa que se realiza sozinho, num país tão avesso à leitura e à cultura, onde o tempo inteiro os autores carregam o sentimento de que AOS QUE FINGEM ESTAR DORMINDO, NÃO HÁ COMO DESPERTAR, conforme grafei no romance “Desmemória de Horizonte”.

Dessa forma sou muito grato a todas as pessoas que (desde 1977, quando iniciei no jornalismo e editei o primeiro livro) me estenderam a mão e me alentaram com alguma viração benéfica, para que minha caravela de palavras e especiarias de sensibilidade poética seguisse em frente, dobrando os cabos das tormentas dos mares bravios da ignorância. Fica, pois, o meu agradecimento e eterna gratidão...

AOS PREFACIADORES E “ORELHISTAS”:

José Egydio Farinha (jornalista, crítico literário e folclorista gaúcho);

Bueno de Rivera (poeta);

Clélia Aparecida Souto e Couto (pedagoga, minha primeira professora);

Dilma Moraes (professora, pedagoga e escritora);

Harildo Norberto Ferreira (poeta e jornalista);

Aluísio Pimenta (professor, escritor, reitor da UFMG e da UEMG, ministro da Cultura);

José Carlos Alexandre (jornalista, editor de Internacional do Diário da Tarde);

Celso Brant (professor de Direito, jornalista, escritor, deputado federal e secretário de Estado e Ação Social de Minas Gerais, na Administração de Itamar Franco);

Therezinha Casasanta (escritora);

Sérgio Neves (jornalista);
Ângela Maria Rodrigues Mesquita (professora);
João Silva de Souza (escritor e advogado);
Antônio Fonseca (poeta e escritor);
Berenicy Raelmy da Silva (jornalista e psicóloga);
Nivaldo Marques Martins (comunicador visual);
Luiz Cláudio de Paulo (poeta);
Ronaldo José Lauria (advogado, cantor e compositor);
Geraldo Ribeiro de Barros (Juiz Federal, poeta e jornalista);
Regina Morelo (poetisa);
Carmo Vasconcelos (poetisa portuguesa);
Júlio César Campos (publicitário e cartunista);
Norma Raquel Gontijo (pedagoga);
Robson Gurgel (poeta e psicólogo);
Giuseppe da Costa (poeta);
Ádlei Carvalho (poeta e romancista);
Ronaldo Lacerda Souto e Célia Lacerda;
Gabriel Bicalho (poeta).

AOS ILUSTRADORES:

Cizara;
Nivaldo Marques Martins;
Evandro Luiz da Silva;
Erivelto Arifa Alves;
Ana Carolina Soares;
Nelson Flores;
“QUINHO” (Marcos de Souza);
Amanda Quirino;
Júlio César Campos;
Vilma Antônia da Silva;
Sabrina Éllen Oliveira;
Vera Lúcia Gontijo.
Valdeci Almeida

ÀS REVISORAS:

Berenicy Raelmy da Silva (jornalista e psicóloga);
Conceição Nina de Oliveira (professora e contadora).

AOS PATROCINADORES:

José Carlos Gontijo (meu pai);

Wilson Ricardo de Oliveira (grande e saudoso amigo, que em todas as vezes que pôde não se furtou em agir junto ao prefeito Dr. Wilmar de Oliveira Filho, para a obtenção de recursos destinados à edição de meus livros, contando sempre com a compreensão e sensibilidade do mandatário de Santo Antônio do Monte. Na edição do livro “Aroma de mãe”, em 1993, Wilson Ricardo reuniu amigos para uma “vaquinha”);

Antônio Faleiro (advogado e empresário, saudoso proprietário do Buffet Faleiro – Belo Horizonte);

Edmar Roque (saudoso proprietário da Cantina do Lucas – Belo Horizonte);

José Ulisses de Oliveira (engenheiro, ex-secretário de Estado do Governo de Minas Gerais);

Hélida Stael Mendonça (proprietária da Forno de Minas Indústria e Comércio Ltda. – Contagem);

Ângela Flores Furtado Filogônio (da empresa Minasgás – Contagem);

Rosana Basile (da empresa Pakalolo – Contagem);

Maria da Graça Paiva (funcionária pública – Contagem);

Eli Antônio de Oliveira (engenheiro e empresário – Divinópolis);

Ângela Rodrigues Mesquita (professora – Cuiabá/MT);

Jânio Raposo de Castro (médico – Santo Antônio do Monte);

Marcílio Múcio Gontijo (motorista de táxi – Santo Antônio do Monte).

PALAVRAS “DRUMMONIANAS” QUE ME VALERAM OURO

Rio de Janeiro, 15 de junho de 1977.

Prezado Carlos Lúcio Gontijo:

“Ventre do Mundo” está aqui sobre a mesa, com a sua carta informativa e simpática. Obrigado pela lembrança gentil. Um livro de poemas e aforismos que se esgota em quinze dias é sinal de que o seu autor soube dar o recado. E você o deu numa forma gráfica elegante e nova. Deve estar contente. Parabéns, e vá em frente, xará.

O abraço e a simpatia cordial de

Carlos Drummond de Andrade.

Prezado Carlos Lúcio Gontijo:

“Ventre do Mundo” está aqui sobre a mesa, com a sua carta informativa e simpática. Obrigado pela lembrança gentil. Um livro de poemas e aforismos que se esgota em quinze dias é sinal de que o seu autor soube dar o recado. E você o deu numa forma gráfica elegante e nova. Deve estar contente. Parabéns, e vá em frente, xará.

O abraço e a simpatia cordial de

Carlos Drummond de Andrade

C.D. Andrade
Conselheiro Lafayette, 60/701
Rio de Janeiro ZC-37

MANTRA DE DRUMMOND

Na vida a pedra é eterna senda comum
Cada um de nós herda a sua própria fenda
Mas em Itabira o Poeta Maior incomum
Entrelaçou mar na peneira de versos em corrente
E na renitência garimpeira de mineiro sozinho
Ensinou a gente a gotejar mantra de paciência
Sobre a dura consistência da pedra no caminho

O poema acima é uma
homenagem aos famosos
versos de Drummond:

“No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho.
E eu nunca me esquecerei
Que no meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho.”

O que gira em torno do racismo é a
exclusão social combinada com a
inexistência de horizontes coletivos.

AO AMIGO MÁRIO

Meu bom amigo Mário me chega
Trajando o rosário de sua negritude
Ensinando-me que é preciso atitude
De quem se ilude com a mentira
Pois só avança quem se atira na procura
E apura a cor do preto somada ao branco
Sob o manto de candura da amizade...

Meu amigo Mário Antônio de Oliveira, residente em Belo Horizonte, não gosta de ser chamado de “moreno”, pois tem orgulho de sua cor preta. Filho da saudosa Dona Luzia, ele é padrinho de minha neta Luara e responsável pelo registro fotográfico de muitos dos lançamentos de meus livros.



Aponte um horizonte de luz a uma pessoa
medíocre – e ela guardará na memória
apenas a sombra do seu dedo!

O POEMA QUE ANDA*

Carlos Lúcio Gontijo

A cultura perde cada vez mais espaço nos meios de comunicação, que há décadas se esmeram na propagação de produtos desprovidos de valor cultural e, portanto, incapazes de dar qualquer contribuição à construção de uma sociedade melhor. Ao passo que assistimos ao menosprezo pela cultura, pela educação e pelo conhecimento, com desabrido corte de verbas em tais áreas, detectamos uma insólita e surpreendente entronização da ignorância – tratada explicitamente como louvável predicado.

Em um primeiro momento, pode parecer aos desavisados que o problema diz respeito apenas a autores, atrizes, atores, músicos, cantores, pintores, artesãos, professores etc., mas na realidade, quando os segmentos intelectuais e artísticos são desconsiderados, a sociedade perde importante fator de sensibilização dos cidadãos, abrindo espaço para o egoísmo e a mais completa falta de visão em relação ao próximo que, definitivamente, não é levado em conta, sucumbido e tragado pelo materialismo hedonista.

Daí então surge uma grave pandemia como a do coronavírus e o governo encontra dificuldade em conscientizar a população da importância de se arrebanharem forças em torno de uma causa coletiva, pois o egoísmo e o individualismo instalados na sociedade se encontram tremendamente entranhados no tecido social, impedindo ações de cunho coletivo. Não é à toa que, na busca de proteção, os cidadãos brasileiros consumiram rapidamente todo o estoque de álcool gel das prateleiras de supermercados e farmácias país afora.

Muitos afirmam (e com razão) que uma casa sem livros é uma casa sem alma e, numa moradia assim, não há espaço para a formação de seres humanos dados à reflexão e à geração de sentimento e compromisso para com o outro que, numa filosofia mais abrangente e cristã, nos ensina que nossa existência só

ganha inteireza e plena luz quando mergulhamos na prática espontânea do amor ao próximo.

Enfim, o real ser humano necessita de acesso democratizado a escolas de qualidade, a bibliotecas, a pontos públicos de cultura e conhecimento, transformando-o em gente sensível e reluzente, como se fosse uma espécie de poema que anda!

(*)Artigo premiado pela Academia de Letras de Teófilo Otoni (ALTO), com diploma, Medalha Prêmio Gonzaga de Carvalho e publicação na “Antologia Literatos – Volume I”, outubro de 2020.

A poesia me ensinou que quem
muito dinheiro conta, costuma
não entender de conto.

O NUNCA MAIS DE MIM MESMO

Carlos Lúcio Gontijo

No dia seis de julho de 1952, o padre italiano Heli Mendes de Oliveira me batizou no Santuário do Sr. Bom Jesus, em Belo Horizonte, jogando água benta e umedecendo o húmus de minha caminhada vida afora. Mais tarde, quando eu tinha uns 10/11 anos, o padre alemão Paulo Michla subiu as escadas do alpendre da casa em que morava com os meus pais, na cidade de Santo Antônio do Monte, com uma máquina de escrever nas mãos: “Olha Dona Betty, a senhora me disse que o Lúcio já está escrevendo uns poemas. Na certa vai ser escritor e, assim, precisa aprender datilografia!” Então, minha mãe me mandou até a professora Dona Georgina.

Em Santo Antônio do Monte fiz o ensino fundamental (primário, à época), na Escola Municipal Waldomiro de Magalhães Pinto; o ensino fundamental – 6º ao 9º ano – e cursei até o segundo ano de Contabilidade na tradicional Escola Nossa Senhora de Fátima dirigida pela renomada educadora Maria Angélica de Castro. Em seguida, retornei a Belo Horizonte e prossegui meus estudos, graduando-me em jornalismo na FAFI-BH (hoje, UNI-BH).

No período de graduação jornalística, fundei o PROESTE, um jornal voltado à cobertura de cidades do centro-oeste de Minas Gerais (Santo Antônio do Monte, Arcos, Divinópolis, Formiga, Luz, Bom Despacho, Lagoa da Prata), em sociedade com alguns amigos: o saudoso Juracy Emanuel da Silva, que era o editor responsável, Amin Dabian, Hamilton Flores, Mário Renato Braga e Luís Carlos de Oliveira. O jornal serviu de experiência a todos nós e nele muitos de nossos colegas de curso de jornalismo tiveram a oportunidade de fazer o estágio curricular obrigatório e necessário à sua formação.

Em 1977, ingressei-me no DIÁRIO DA TARDE/Estado de Minas, no qual permaneci por 30 anos, trabalhando também nos jornais DIÁRIO DE MINAS/Jornal de Minas, Tribuna de Mariana e

Hoje em Dia. Publiquei mais de 600 artigos, cerca de 1.200 editoriais e editei 25 livros, construindo uma vida inteiramente alinhavada sob o exercício da arte da palavra escrita, apesar de todas as dificuldades e riscos que tal atividade representa neste Brasil de tão poucos leitores.

Não tenho a menor dúvida de que nada teria alcançado se não fosse o apoio de minha esposa Nina e as boas pessoas que encontrei na caminhada, que agiram como anjos, seja na forma de incentivo, seja na concessão de patrocínio ou na indispensável divulgação e, fundamentalmente, marcando presença e me acompanhando nos lançamentos que acontecem desde 1977.

Considero-me bem-sucedido no âmbito da literatura, espaço em que contabilizo agora o 25º livro e mantenho site no ar desde 2005. Um feito neste Brasil, no qual já vi cidade pagando 140 mil reais a show de dupla sertaneja e no outro dia não ter recurso nem para comprar palhetas destinadas a alunos de escola de música do município.

Moram no meu coração pessoas que me estenderam a mão e já partiram deste nosso mundo sem que eu as tenha conhecido pessoalmente. Adilvo Mazzini – poeta, escritor e professor universitário em Dourados/MS – e a poetisa Carmo Vasconcelos em Lisboa/Portugal, por exemplo, fizeram muito por minha obra “poético-literária” e mudaram de dimensão espiritual sem que eu experimentasse a prazerosa oportunidade de conhecê-los.

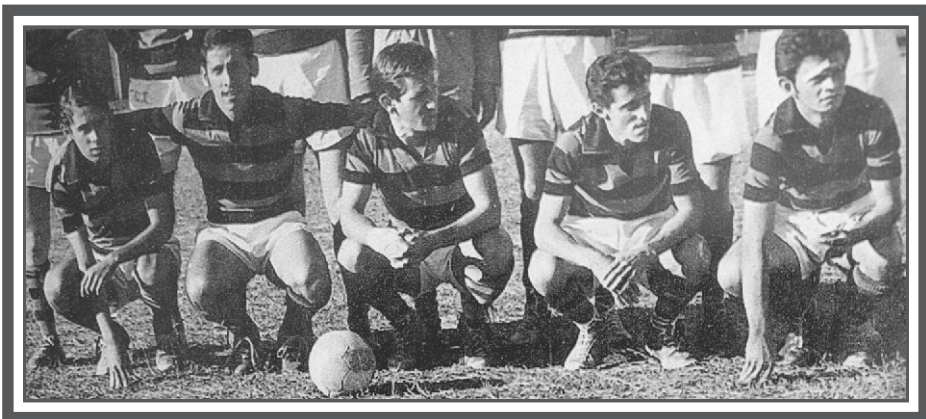
Foi o meu mergulho nas profundezas da lida com a palavra e a produção de 25 livros que me proporcionou o contentamento de ter construído carreira na importante área jornalística do município em que nasci (Belo Horizonte) e ser cidadão honorário de Contagem – onde morei por muitos anos, escrevi um punhado de livros e criei meus filhos, que nasceram em BH no mesmo endereço da rua Vassouras, 491, num barracão que ergui ao lado da casa de minha mãe Betty; e foram batizados, coincidente e alegremente, pelo clarão das mãos daquele padre Heli Mendes de Oliveira – e de Santo Antônio do Monte, cidade em que vivi minha infância, parte da minha adolescência e na qual

hoje tenho a satisfação de residir, entregando ao horizonte de suas ruas os meus passos derradeiros, uma vez que – como disse o escritor mineiro Pedro Nava – carrego mais luz na traseira que na dianteira. Ou seja, não viverei outros 70 anos.

Em qualquer plano espiritual que o Criador houver por bem me encaminhar estará sempre em mim a lembrança dos amigos de infância e adolescência, o meu tempo de futebol nos campinhos de minha SAMONTE, a saudade do meu Flamengo, onde convivi com tantos bons companheiros, a maioria mais velhos que eu, com os quais aprendi muitas lições de camaradagem e convivência.

Permanecerei me vendo constantemente em BH, na quadra da APAE da rua Cristal, bairro Santa Teresa, com os colegas de jornal: Jonas, Israel, Harildo, Magnus, Carlos Gomes, Paulo Chiari, Geraldo Padreco, Ronald Pimenta, Helos Agostinho, Dílson Freitas, Alair, Alexandre Matos, Pedro Maranhão, Mazinho Fulgêncio, Cesinha, Fernando Carcará, meu irmão Marcílio Múcio (que sempre ia comigo) e João Zacarias de Miranda Filho (craque de bola), com quem eu fazia belas e inesquecíveis jogadas de ataque.

Contudo, todas as lembranças, todas as memórias e toda poeira levantada pelo vendaval do tempo na misteriosa estrada da minha existência terrena se assentam, unidas num abraço de um só feixe, nas páginas dos meus livros, nas quais estará eternamente materializado o nunca mais de mim mesmo.



Carlos Lúcio, Júlio, Orlandinho, Bié, Zé Milton (Flamengo de S. A. do Monte – 1969)

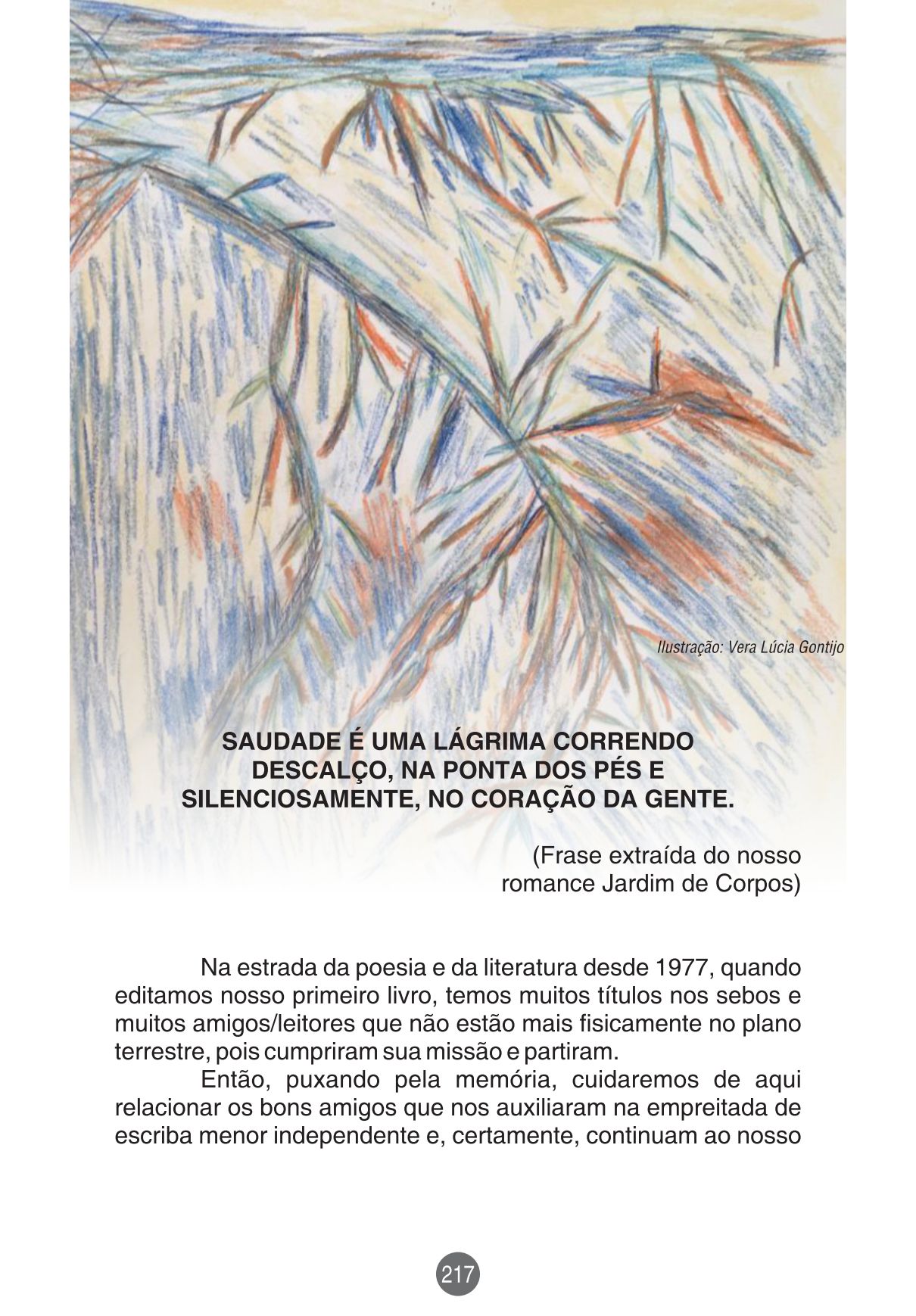


Ilustração: Vera Lúcia Gontijo

**SAUDADE É UMA LÁGRIMA CORRENDO
DESCALÇO, NA PONTA DOS PÉS E
SILENCIOSAMENTE, NO CORAÇÃO DA GENTE.**

(Frase extraída do nosso
romance Jardim de Corpos)

Na estrada da poesia e da literatura desde 1977, quando editamos nosso primeiro livro, temos muitos títulos nos sebos e muitos amigos/leitores que não estão mais fisicamente no plano terrestre, pois cumpriram sua missão e partiram.

Então, puxando pela memória, cuidaremos de aqui relacionar os bons amigos que nos auxiliaram na empreitada de escriba menor independente e, certamente, continuam ao nosso

lado, derramando-nos a luz de sua amizade.

Talvez sejamos traídos pela memória, mas envoltos na divina claridade eterna nossos bons amigos espirituais não se incomodarão com o lapso de quem permanece na labuta de semeador da arte da palavra escrita, enfrentando tanto a indiferença quanto a ignorância, cada vez mais atrevida, como gostava de nos assinalar a saudosa avó professora Venina Gomes.

Fica, pois, a nossa gratidão (em pensamento e por escrito) aos amigos/leitores, que partiram rumo às muitas moradas prometidas por Jesus Cristo:

Wilson Ricardo de Oliveira (responsável pelo “levantamento” de recursos para a edição de vários de nossos livros); jornalista Elias Maboub (querido companheiro de Revisão no Diário da Tarde/S/A Estado de Minas); João Evangelista Teles Caminha (professor e psicólogo de Itabira); Lilás Rocha (advogada santo-antoniense, que sempre nos comprava dezenas de exemplares para presentear amigos, dizendo: “Abençoada é a cidade que abriga um poeta”); Carlos Ivan Luz (pai do jornalista Carlos Humberto Timo Luz); jornalista Maria José Santos; Mário Clark Bacellar (engenheiro e jornalista aposentado da revista Manchete, que se tornou admirador de nossos artigos no jornal “Diário da Tarde” e em seguida grande e particular amigo); jornalista Pedro Rabelo Mesquita; poeta e juiz federal Geraldo Ribeiro de Barros; José Rosa (radialista, poeta e ativista cultural em Santo Antônio do Monte).

Professora Sônia Silva Bessa (muito utilizou nossos livros junto a seus alunos e sempre colocava nosso nome em correntes de orações, pedindo por nossa saúde e sorte na empreitada literária); Marlene de Sousa (que residia numa fazenda no município de Santo Antônio do Monte e, quando estava na cidade, ia às casas e pedia livros de nossa autoria, até alcançar o feito de juntar todos os títulos); Marlene Miranda; Mércia Campos (professora, que muito trabalhou nossos livros em sala de aula); professora Maria Luiza de Castro (que sempre lia e colecionava nossos artigos publicados no jornal “Diário da Tarde”); Otaviano José Coimbra Batista (maestro “Vai” que, além de declamar, musicou nosso poema “Sangue montense”); escritor e líder comunitário no

bairro Santa Cruz, em Belo Horizonte, José Cândido Ferreira (que nos homenageou com citação em seu livro “Eu, candeeiro de boi”); Maurício (aposentado da Cemig, que nas sessões de autógrafos fazia questão de ficar na venda de livros); Antônio Luiz Ferreira (maestro Toinzinho, de Santana do Jacaré/MG).

Escritor e poeta Adilvo Mazzini (divulgador de nossa obra na região de Dourados/MS e em seu torrão natal, Rio do Sul/SC, por muitos anos – mesmo sem oportunidade de contato pessoal); historiador Carlos Leite Ribeiro, criador e administrador do “Portal CEN” (Cá Estamos Nós), voltado à divulgação cultural da comunidade lusófona; professora Francisca Silva (Tia Francisquinha), que tanto divulgou nosso trabalho literário na cidade de Floriano/Piauí; o frei franciscano Vicente Cardone, religioso italiano residente em Floriano/PI.

Advogado José Magela do Couto (primeira pessoa a nos prestar homenagem e reconhecimento públicos, quando vereador em Santo Antônio do Monte, outorgando-nos diploma que nos foi entregue pelo governador José de Magalhães Pinto); José Glicério Borges (na condição de vendedor de fogos, colocou cerca de 200 exemplares de nosso livro “Leite e Lua”, vendendo-os Brasil a fora); Maria José Cardoso de Oliveira; Dona Benvinda do Couto Oliveira (minha sogra, que ficava com exemplares de livros meus e os repassava a pessoas, após cientificar-se de que gostavam de ler); Dona Luzia (mãe do nosso amigo Mário Antônio); Irene do Couto Costa (As mães sempre têm a dívida de vida perene/ Assim mãe IRENE permanece plenamente viva/ Nos filhos Danilo, Maria Luísa, Cristiane e Niva/ Que dos Céus recebem elevadas doses de calor/ Da mãe que ainda os abriga na luz de seu amor!); Fátima e Aílton Antonacci; Carlos Melo; Márcio “Boy”; diagramador Arnould; Joãozinho da Imprensa Oficial; jornalista/poeta Fleury Rosa; Mário Lúcio Gonçalves (Maroca); meu saudoso genro Ronaldo José Quirino; Marluci Messoria de Oliveira (jornalista de Boa Esperança/MG); professora Maria Greco (autora da orelha de nosso romance “Lógica das borboletas”); Vera Silva (25 de maio de 2018), irmã da artista-plástica “Vilminha”; Juarez Luiz da Silva (advogado), popularmente conhecido como “Juarez do Dino”, faleceu no dia 21 de maio de

2021.

O amigo jornalista Neuber Lúcio Soares (o repórter cruzeirense NEUBER SOARES) faleceu no dia 17 de outubro de 2021. Ele me chamava de “xará”, por ter Lúcio no nome. Juntamente com a esposa Fátima, marcou presença em muitas das minhas sessões de autógrafos em Belo Horizonte. Além do mais, sua filha Carolina cuidou gratuitamente do designer gráfico e da ilustração do meu romance CABINE 33.

Maria Helena (falecida por Covid-19 no dia 28 de setembro de 2020, esposa do Celsinho Mesquita, uma grande admiradora e divulgadora do nosso trabalho literário); em dezembro de 2020 partiu o professor e promotor aposentado Nivaldo Fraga, que sempre fez questão de adquirir nossos títulos; no mês de janeiro de 2021, a Covid-19 tirou a vida do jornalista Wilson Miranda, que muitas vezes abriu as portas da Associação Mineira de Imprensa (AMI), para abrigar lançamento de livros de minha autoria em Belo Horizonte; jornalista José Afonso Lamêgo, ao qual conheci no ano de 1989, quando trabalhei no jornal HOJE EM DIA, faleceu no dia 4 de fevereiro de 2021 (por Covid-19), era presença constante no lançamento de meus livros em BH, sempre ao lado da esposa Suely.

Dia 25 de março de 2021 faleceu o jornalista Petrônio Fonseca, que me conduziu a evento programado na Universidade Federal de Viçosa, com abertura de espaço para lançamento de livros de minha autoria. Petrônio foi vitimado pela Covid-19. Por complicações derivadas da Covid-19, faleceu o jornalista e escritor Hélio Fraga, membro da Academia Santantoniense de Letras (ACADSAL), no dia 14 de julho de 2021.

O querido amigo Orville de Oliveira (o festejado e amado Bibi), que por tantas vezes me emprestou sua voz na realização de muitos lançamentos de livros, nos quais sempre interpretava o meu poema Sangue Montense, musicado pelo saudoso maestro Otaviano José Coimbra Batista (o VAI), faleceu no dia 26 de março de 2021 infectado pela Covid-19. No dia 28 de maio de 2021, a pandemia do coronavírus ceifou a vida do amigo de infância e pré-adolescência Oswaldo Veneroso.

Adílson Andrade Batista (falecido no dia 31 de agosto de 2020, por Covid-19), amigo que marcou presença no lançamento de mais de duas dezenas de livros de nossa autoria em Belo Horizonte. A ele e sua esposa Ana Maria Mesquita concedemos troféu em agradecimento a tamanha fidelidade, companheirismo, apreço e prova de comprometimento com os nossos eventos culturais, num mundo de múltiplas vitrines, ofertas mil, outros apelos e “desculpas”, facilitando o encaminhamento do hábito indelicado de deixar pra lá – o autor e sua noite de autógrafos.

A MORTE FÍSICA DA POETISA PORTUGUESA CARMO VASCONCELOS

No dia 8 de outubro/2020 faleceu em Lisboa a grande poetisa portuguesa CARMO VASCONCELOS, que durante muitos anos divulgou a minha obra "poético-literária" em terras de além-mar, apegada apenas ao meu reflexo no espelho do exercício da arte da palavra – com toda a certeza o melhor de mim.

Carmo Vasconcelos, prefaciadora do meu livro "Tempo impresso", me fez colaborador e membro do Conselho Editorial da Revista "eisFluências", uma publicação voltada à cultura lusófona.

Os poemas de Carmo Vasconcelos vão ficar por aí misturados à luz de cada dia e brilhando, incessantemente, enquanto o ser humano não desistir da busca pela claridade plena, como em seus versos no poema ao lado.



Não chores, poesia!

*Não chores, poesia, minhas ausências,
se na tristeza em lágrimas te deixo...
Porque breve é meu aparto e meu desleixo
na urgência de abraçar outras carências.
São desta vida esparsa as contingências,
que me afastam de ti, divinal eixo,
levando-me a rolar, inquieto seixo,
por areias rendilhadas de envolvências.
Mas sempre volto, amada flor, e ajoelho
com alma de menina arrependida,
a pôr-te aos pés meus versos de amor velho.
E tu serás, das flores mais dilectas,
a eleita que levada na partida,
hei-de plantar no azul astral dos poetas!*

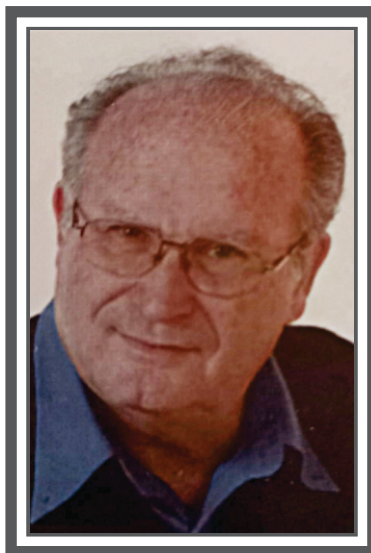
Carmo Vasconcelos

“BEIJOARIA” NA FAZENDA

Meus livros me levaram ao saudoso Adilvo Mazzini
Escritor, poeta e professor universitário em Dourados
Onde usava a arte para opor-se ao que nos oprime
E sempre nos faz sentir seres humanos desamados
Certa feita o “divulgador” que não cheguei a conhecer
Ungido no amor deu obra minha a criança “fazendeira”
Desenhando-me prazenteira nuança de linda cena
Luz de esperança fagueira aninhada em meu peito
Afeito à amada menina com o livro “Beijoaria” nas mãos

Carlos Lúcio Gontijo

Do saudoso poeta e escritor Adilvo Mazzini (março/2017 – Dourados/MS): "(...) Ainda ontem fiz doação do seu livro 'Beijoaria' a uma criança de nove anos, moradora em uma fazenda aqui das redondezas e que adora ler. Claro que, em fazenda, não tem ela acesso a livros com tanta facilidade. Fiz, então, um pacote deles e os dei a ela de presente. A felicidade da garotinha foi algo que me impressionou. Não lhe guardei o nome, mas procurarei fazê-lo, porque, com certeza, dela sairá uma escritora um dia (...)"



A poesia está para mim como
a bateria para uma escola
de samba: É O MEU CORAÇÃO!

CARNAVAL

Após um abraço vão em sua Maria
Que lhe passou às mãos o cavaco
João saiu feliz de seu velho barraco
Rumo aos amigos da escola querida
Onde se livraria da esmola da vida
Entregar-se-ia a mulheres vadias
Viveria três dias mágicos de fantasia
Sabedor de que o Carnaval passaria
E estendida no varal de sua morada
Reencontraria a sua melhor porção!

Carlos Lúcio Gontijo



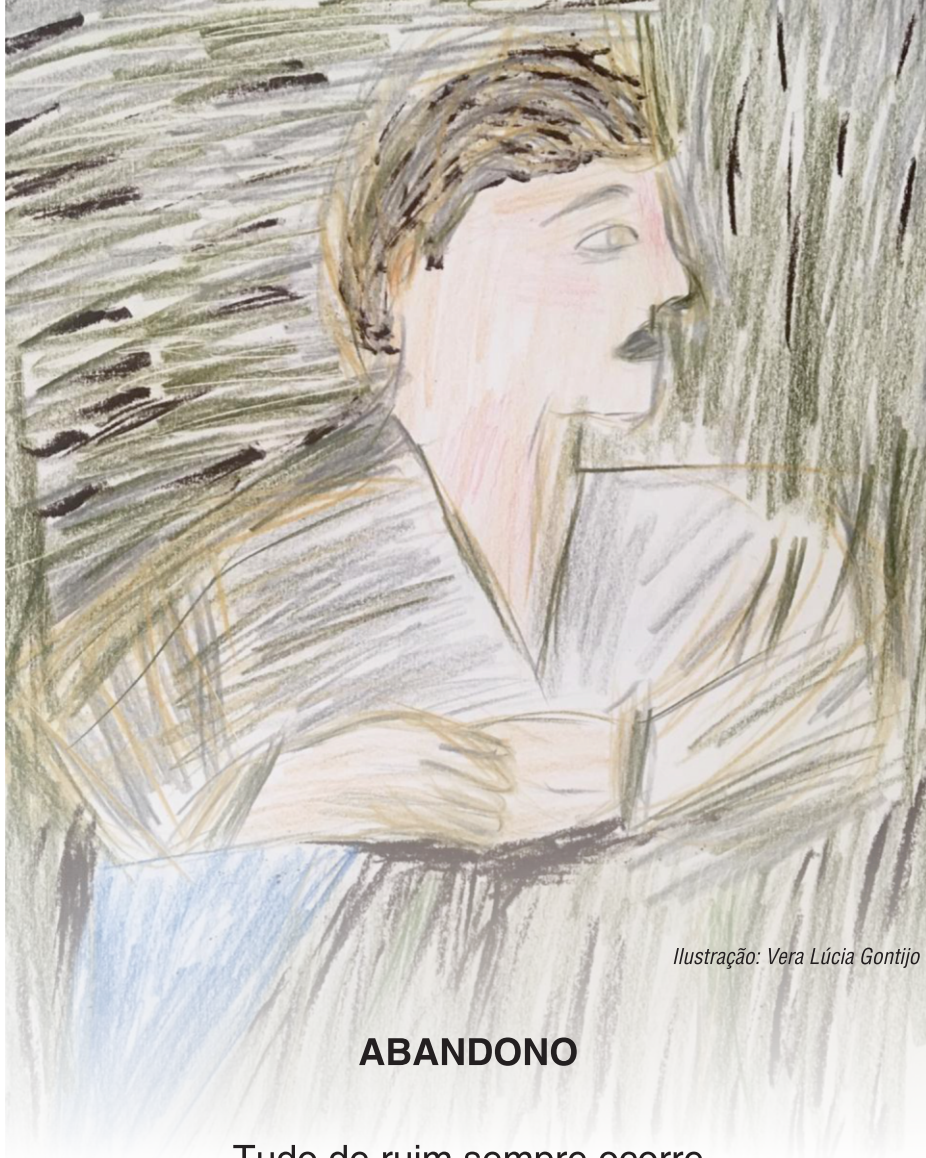


Ilustração: Vera Lúcia Gontijo

ABANDONO

Tudo de ruim sempre ocorre
Ao povo que ninguém socorre
Se não é por falta de vacina
Por desumana chacina morre!

(*) Versos em protesto pela chacina no Jacarezinho, na cidade do Rio de Janeiro, dia 6 de maio de 2021, em plena pandemia do coronavírus – Covid-19.

Dê tempo ao tempo e a larva triste
da saudade se transformará em borboleta.
(Frase extraída do romance “Lógica das
borboletas”, publicado no ano de 2007).

TRANSITORIEDADE

Tudo o que tenho é emprestado
Em permanente estado transitório
A casa em que moro contente
Não passa de casual dormitório
Já que a qualquer hora irei embora
E o que agora sob minha guarda está
A outro guardará inteiramente
Restando apenas o meu calor imanente

Carlos Lúcio Gontijo

Ilustração: Vera Lúcia Gontijo



COPO DE CAMPARI

Sinto falta dos amigos distantes
Que na luta da vida se perderam
Ou antes se acharam em alguma morte
Feito mãe prepara leite de filho
Com o brilho da esperança nos olhos
Arrumo a casa, preparo a sala
Receberia com gala qualquer pessoa
Mas não soa a campainha
O silêncio me ensurdece
Derrete o gelo no copo de “campari”
Em mim o apelo de prece
Tanto zelo pra terminar assim
Sem alguém que me ampare
Ciente de que a carne é mero revestimento
Breve encantamento do espírito em solidão

Carlos Lúcio Gontijo

*Poema publicado em 1993, no livro “AROMA DE MÃE”.



Drink criado pelo empresário
Sandro Leopoldo

Drink Carlos Lúcio
Campari, suco de laranja, cereja e gelo.

SABRINA, A ILUSTRADORA MIRIM

Durante a “Feira do Livro” do ano de 2018
Ato flamejante da Escola Amâncio Bernardes
Conheci a estonteante arte de Sabrina
Uma estudante de apenas oito anos
Bisneta do saudoso poeta José Rosa
E numa prosa entre autor e criança
Prometi-lhe espaço numa obra futura
Então na dobra malpassada dos dias
Surgiu a chance de cumprir a promessa
Assim na pressa de coração verdadeiro
Procurei bem ligeiro a ilustradora mirim
Fonte de alento e precária eternidade
Que adiará o tempo de minha morte
Diante a sorte de morar em sua memória

Carlos Lúcio Gontijo



CEDRO DA WALDOMIRO DE MAGALHÃES PINTO

Na escola em que cursei o ensino fundamental
Árvore verdejante consola-me a efemeridade
A ela pedi em temente silêncio que me represente
Pois um dia qualquer estarei fisicamente ausente
E à sombra frondosa do imponente pé de cedro
Meu espírito seguirá na saborosa busca do saber
Ingrediente de todo amanhecer na Waldomiro
Luz eterna no horizonte humano do meu ser!

Carlos Lúcio Gontijo



POETS HOUSE

Graças à poetisa Efigênia Coutinho Mallemont
Detentora de horizonte de desprendimento
Livros meus fizeram uma redentora viagem
Rumo à aragem cultural da luzidia Poets House
Biblioteca portuária do mundo em Nova York
Nem sei como agradecer tão profundo favor
A quem lamento não conhecer pessoalmente
Mas ainda assim me estendeu o calor da mão
Guiada apenas pela arte do coração da palavra

Carlos Lúcio Gontijo



Flagrante da poetisa Efigênia Coutinho Mallemont, residente em Camboriú – SC, na Biblioteca “Poets House de Nova York”, onde deixou exemplar do nosso romance “Quando a vez é do mar”, juntamente com obras de vários autores brasileiros, no mês de dezembro de 2012.

TESTAMENTO

Alimentei meus filhos na ordenha rude da palavra
Da qual tirei o leite que pude lhes levar à mesa
Arranquei do cotidiano o sacrifício da inspiração
E assim me mantive prenehe de romance e poesia
Iluminando o trivial dia a dia irrequieto do jornalismo
Resguardado na fantasia editorial da banal notícia vã
Pão da manhã de um Brasil que se recusa amanhecer
Tentei livrar meus herdeiros dos cuidados com meu site
Mas não encontrei parceiros culturais por ele interessados
Restou-me o idílio de passar aos filhos, netas, bisnetos
A manutenção nos trilhos de minha viagem espiritual terrestre
Pagando a hospedagem e o domínio do meu espaço virtual
No qual está todo aberto o compasso literário de minh'alma!

Carlos Lúcio Gontijo



Lucas, Mariana, Júlia, Renata, Amanda, Luara, meu irmão Marcílio, Carlos Lúcio e Nina. (Através deste poema, eu destino à minha família os cuidados futuros com o meu site, quando chegar a minha vez de passar pela escassez hídrica no manancial da chama da vida e algum "apagão" me levar para sempre!...)

QUE A CARIDADE COSTUMEIRA CONTINUE UM COSTUME

Amanda de Oliveira Gontijo*

Que você tenha muita saúde pra permanecer conosco por várias décadas, que sua vitalidade para absorver o novo continue, que sua obra literária alcance cada vez mais pessoas, que sua persistência para fazer a sua parte sem esperar nada em troca continue sendo o seu lema...

Que a falta de incentivo para o exercício do seu dom divino não traga desânimo, que os amigos sejam sinceros, a cerveja gelada, o fígado aguente o “embriagamento” da vida, que o coração suporte os desenganos e amores...

Que a fé seja inabalável e a felicidade sempre presente. Que sua caridade costumeira continue um costume, que as mazelas do mundo jamais tragam desânimo...

Que sua vida seja tão boa quanto o seu coração!

Seu caráter e atitudes ao longo da vida são um exemplo para mim e toda nossa família. TE AMO demais por tudo que você significa em minha vida, por todo carinho e ensinamentos que me proporcionou desde o meu nascimento.

*Amanda de Oliveira Gontijo
Psicóloga – filha do autor



A DURA LABUTA DE AUTOR INDEPENDENTE

Minha vida é essa, subir e descer escadas (solitariamente) desde 1977, carregando exemplares de livros de minha autoria. São 25 títulos, duas segundas edições e uma Coletânea, composta pelos cinco primeiros livros.



Ilustração: Vera Lúcia Gontijo

**A POESIA NÃO PÕE
FIM AO SOFRIMENTO, MAS
IMPEDE QUE VIVAMOS EM
SOFRIMENTO SEM FIM.**

Na Escola Estadual Dr. Arnaldo Faria Tavares, unidade escolar de Lagoa da Prata – MG, estou no “Projeto Arte no Muro” (inaugurado no dia 14 de dezembro de 2021, numa iniciativa da supervisora Alexandra Gomes) ao lado das escritoras Cássia Caryne Castro Araújo, Marina Alves, Marta Vidal, Maria do Rosário Bessas e Adircilene Batista.



**Da minha parte sou poeta;
sofro da arte de ficar nas coisas.**

(Verso extraído do poema “Doce no sal”)

A cultura deveria ser o outro lado da moeda de todo o sistema financeiro brasileiro. Esta utopia, uma vez tornada realidade, possibilitaria a construção de um país habitado por cidadãos esclarecidos e capazes de alçar o seu próprio voo nos múltiplos céus (e infernos) disponibilizados no sempre esgarçado e desgastado tecido social, pisoteado por sonhos e desenganos de uma multidão de passos.

Como se fosse um recado aos novos autores, escrevi no romance “Jardim de Corpos” que temos o dever de fazer render os talentos e os dons que Deus nos concedeu. Não os podemos deixar ociosos ou desperdiçá-los em vão.

Hoje, sentado numa imaginária cadeira rústica no avandado de minha alma, com papelada exposta em desalinho sobre uma mesa descorada pela ação deletéria do tempo, termino a lavra do romance “Jenipapo no ponto” (meu 25º título), que talvez seja minha última produção impressa de mais fôlego.

Mais que nunca carrego em mim a observação petrificada de que “toda escrita é um sacrifício, por isso o trabalho de autor é solitário na fonte e não tem por objetivo angariar sucesso financeiro de cachoeira, mas tão-somente chegar ao remanso do coração de uns poucos leitores, neste Brasil onde desprezo pela cultura é tradição”.

Contudo, todos os meus livros continuarão sempre reeditados na sensível impressora da visão particular e sentimentos regeneradores de cada um de seus casuais leitores, enquanto houver a luz do amanhecer nos horizontes da dimensão terrestre.

**Verdadeiramente, SÃO LIVROS O QUE CONTO,
QUANDO QUERO CONTAR SOBRE MIM!**

CORRENTE DE PAPEL

Livro é semente no canteiro
Exporção do espírito por inteiro
Viveiro quente de palavras
Céu de brigadeiro no papel
Página a página feito corrente
Que ao invés de firmemente prender
Liberta os nós da mente
Da voz à quietude do amanhecer
Na linha do horizonte da gente

perlo fúcio sentifo
2 livros da manliã
Dia 27 de outubro
2021
Santo Antônio do Monte.

Sou poeta, romancista e jornalista.
Minha função consiste em retirar as palavras
do silêncio dos dicionários e revesti-las com o
tecido de novos sentidos e cores.
Ateliê é o outro nome do meu site poético-literário.

Ou seja:

*Eu sou apenas um
figurinista de palavras!*

www.carlosluciogontijo.jor.br

carlosluciogontijo@terra.com.br
carlosluciogontijo@gmail.com

Rua Belchior Francisco, 67
Santo Antônio do Monte – MG
35.560-000

CLG
1977





JENIPAPO NO PONTO nos prova que não é preciso se ter em mãos um enredo pautado no protagonismo de gente famosa para a elaboração de romance capaz de auxiliar na construção de seres humanos mais fraternos e dispostos a respeitar seus semelhantes.

Pessoas como a personagem Bete podem estar perto de você – um vizinho, uma colega de trabalho, um amigo, uma amiga –, por isso é recomendável que todos nós (incluindo você) estejamos sempre atentos e tratemos com gentileza as pessoas com as quais nos encontramos no dia a dia, uma vez que pode estar entre elas um abençoado manancial de indispensável aprendizado à nossa existência terrena, que é cada vez mais carente e pobre em matéria de oportunidade real de enriquecimento do nosso espírito.

Explicitamente, a personagem Bete nos ensina que não é preciso conhecer a pessoa para lhe preparar boa refeição ou lhe matar a sede com a água mais fresca, praticando o bem sem olhar a quem. É assim agindo que abriremos caminho para extirpar o jogo de interesses pelo qual as relações sociais se guiam – e se perdem.

Enfim, caro leitor/leitora, desejamos que “JENIPAPO NO PONTO” lhe ofereça uma boa leitura e, mais que isso, seja fonte de colheita e absorção de alguma experiência simples de convivência e aprendizado, que lhe emocione e lhe acompanhe vida afora.



*O desassossego do vento
vem da realidade de ele
não ter seu canto, um
lugar qualquer para ser
chamado de seu e no
qual pudesse deitar-se
calmamente, usando
como cobertor uma
leve brisa.*

APOIO:



DIÁRIO DE
Contagem

www.diariodecontagem.com.br

contagemTV

www.contagemtv.com.br

WWW.CARLOSLUCIOGONTIJO.JOR.BR